

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

GEOVANNE PATRICK MARTINS FLORES

**DA TERREIRA PARA OS VIEWS: A MUDIATIZAÇÃO DA UMBANDA E A
EMERGÊNCIA DA RELIGIOSIDADE ON-LINE NO CANAL DO SACERDOTE
ALAN BARBIERI NO YOUTUBE**

Porto Alegre

Maio, 2022.

GEOVANNE PATRICK MARTINS FLORES

**DA TERREIRA PARA OS *VIEWS*: A MEDIATEZACÃO DA UMBANDA E A
EMERGÊNCIA DA RELIGIOSIDADE ON-LINE NO CANAL DO SACERDOTE
ALAN BARBIERI NO YOUTUBE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Fabiane Sgorla

Porto Alegre
2022

GEOVANNE PATRICK MARTINS FLORES

DA TERREIRA PARA OS *VIEWS*: A MUDIATIZACÃO DA UMBANDA E A EMERGÊNCIA DA RELIGIOSIDADE ON-LINE NO CANAL DO SACERDOTE ALAN BARBIERI NO YOUTUBE

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Laura Hastenpflug Wottrich Cougo - UFRGS

Profª. Drª. Viviane Borelli - UFSM

Orientadora Profª. Drª. Fabiane Sgorla – UFRGS

*“Mas se a tristeza tem dia
Tua força me guia meu caminho é o mar
E que me lancem as pedras
Yemanjá faz areia pra não machucar”
(Prece de Pescador - Mariana Castro)*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao nosso grande criador Olorum e ao meu Pai Oxalá Bocum. As dádivas que obtive na vida são infinitamente maiores que as dificuldades que eu enfrentei.

Ao meu bem maior, minha mãe Yemanjá Bomi, obrigado por todos os momentos em que você me protegeu. Obrigado minha mãe por ter escolhido meu orí (cabeça). Que tu sejas lei e soberania na minha vida!

Obrigado aos meus guias da Umbanda. Com vocês, o caminhar torna-se mais leve e seguro. Todas as lições que me impuseram acrescentaram no meu crescimento como ser humano. Obrigado por todos os momentos de perigo que vocês me socorreram (e não foram poucos).

Agradeço a minha família carnal por todo o apoio e compreensão. Gratidão a minha mãe Marcia que, mesmo com as dificuldades de uma sociedade desigual, nunca deixou de buscar algo melhor para sua família. A dívida a qual eu tenho contigo, não será paga em nenhuma outra vida pois não tem como igualar o amor de mãe por um filho. Mas se um dia eu encontrar o Pai Olorum, irei conversar com ele e pedirei que em todas as outras vidas eu volte para ti. Ao meu amado pai Edison, à quem eu tanto já discuti, briguei, retuquei, saiba que o meu amor por ti também é grande. Obrigado pelo teu esforço em me criar, me cuidar e saiba que você será sempre o melhor pai que eu poderia ter.

À minha família espiritual do Ilê de Oxalá Bocum, dedico meu carinho, meu amor e minha cumplicidade. Em especial, agradeço a minha sacerdote e mãe de santo Daiane Larré de Oxalá Bocum e ao meu padrinho Rafael de Xangô Aganjú por terem me acolhido. Saibam que vocês são seres humanos incríveis!

Ao meu namorado Leonardo, obrigado por ter aguentado todos os surtos de insegurança que tive ao longo da escrita deste trabalho. Agradeço a parceria, a amizade e a cumplicidade construída ao longo desses dois anos de namoro. Sem você a jornada teria sido mais difícil.

Aos meus melhores amigos Bruno Gomes, Tauane Wagner, Juliana e Laura, meus cúmplices. À vocês minha lealdade, minha amizade e meu amor. Que seja eterno!

Agradeço profundamente à minha orientadora Profa. Dra. Fabiane Sgorla, obrigado pelo teu carinho e apoio nesse processo intenso de pesquisa. Conseguimos!

Por fim, dedico este trabalho a todos os Batuqueiros, Umbandistas e Kimbandeiros. Que tenhamos sempre o direito ao livre exercício da nossa religião. Que nunca mais tenhamos que nos esconder por causa de mentes limitadas e intolerantes. Que pai Olorum tenha piedade da humanidade e que possamos evoluir constantemente!

RESUMO

O presente trabalho consiste no estudo da religiosidade on-line por meio da divulgação de conhecimentos teológicos e ritualísticos apresentado no canal de vídeos do sacerdote umbandista Alan Barbieri no Youtube. Para o debate trouxemos os conceitos de religião e religiosidade (BARROS, 2011; BELLOTTI, 2004; FEITOSA, 2014; SBARDELOTTO, 2018 e WILGES, 1994). Em seguida, discutimos sobre a origem da religião Umbanda e sua matriz religiosa (CUMINO, 2019; JARDIM, 2017 e JUNIOR, 2014). Na sequência abordamos a midiatização como um quadro referencial teórico com base nos apontamentos dos autores da área (BORELLI, 2010; FAUSTO NETO, 2004, 2009 e 2010; GOMES, 2016; HJARVARD, 2014, 2014a e 2016; LEMES, 2017; SGORLA, 2014, 2015; VERÓN, 1997) a midiatização da religião, a religiosidade on-line e a Umbanda Midiatizada (CUNHA, 2014; FAUSTO NETO, 2004; FEITOSA, 2014; TEIXEIRA FILHO; AZEVEDO JUNIOR, 2020; HJARVARD, 2014; 2014a; MARTINO, 2016; SANTANA 2021a, 2021b e SBARDELOTTO, 2014). O objetivo geral da pesquisa é reconhecer a religiosidade on-line que emerge a partir dos vídeos produzidos pelo sacerdote umbandista Alan Barbieri em seu canal no Youtube. Os objetivos específicos são a) identificar o conteúdo apresentado por Alan Barbieri em dois vídeos disponibilizado em seu canal no Youtube, b) investigar as reações de espectadores-usuários que comentam sobre os vídeos produzidos pelo Alan Barbieri em seu canal no Youtube e c) reconhecer sinais de apropriações de práticas ritualísticas e de conhecimentos teológicos da doutrina umbandista pelos espectadores-usuários. Adotamos como metodologia a pesquisa qualitativa (BRESLER, 2007) e empregamos as técnicas de pesquisa bibliográfica (GIL, 2002) e a análise de conteúdo (BARDIN, 2006 e MORAES, 1999). O corpus de estudo integra dois vídeos e 19 comentários. Entre os vídeos, um com teor de tutorial ritualístico (2016) e outro de cunho teológico umbandista (2017). De forma geral, os conteúdos dos vídeos e os comentários investigados neste trabalho nos levou a compreender que há uma emergência da religiosidade on-line a partir dos vídeos produzidos por Alan Barbieri em seu canal no qual ele ensina conhecimentos teológicos e ritualísticos da religião Umbanda. As características desse fenômeno são: 1) a reconfiguração do ambiente sagrado que não limita-se a um ambiente físico e, sim, passam a perpetuar-se em espaços midiáticos, 2) a ressignificação de práticas ritualísticas, dando a elas novas formas de confecção e novos significados à experiências e a relação profética com determinada religião e 3) a autonomia dos indivíduos que podem apropriarem-se de conhecimentos teológicos e realizem as práticas ritualísticas em qualquer ambiente, reconfigurando os aspectos comunicacionais da religião.

Palavras-chaves: midiatização; religiosidade on-line; Umbanda; Alan Barbieri; Youtube

ABSTRACT

This paper consists of the study of online religiosity through the dissemination of theological and ritualistic knowledge presented in the YouTube video channel of the umbandist priest Alan Barbieri. The debate includes the concepts of religion and religiosity (BARROS, 2011; BELLOTTI, 2004; FEITOSA, 2014; SBARDELOTTO, 2018 and WILGES, 1994). Then, we discuss the origin of the Umbanda religion and its religious matrix (CUMINO, 2019; JARDIM, 2017 and JUNIOR, 2014). Following, we address the mediatization as a theoretical referential framework based on the studies of authors in the area (BORELLI, 2010; FAUSTO NETO, 2004, 2009 and 2010; GOMES, 2016; HJARVARD, 2014, 2014a and 2016; LEMES, 2017; SGORLA, 2014, 2015; VERÓN, 1997), the mediatization of religion, online religiosity and Mediatized Umbanda (CUNHA, 2014; FAUSTO NETO, 2004; FEITOSA, 2014; TEIXEIRA FILHO; AZEVEDO JUNIOR, 2020; HJARVARD, 2014; 2014a; MARTINO, 2016; SANTANA 2021a, 2021b and SBARDELOTTO, 2014). The general objective of the research is to recognize the online religiosity that emerges from the videos produced by the umbandist priest Alan Barbieri on his Youtube channel. The specific objectives are a) to identify the content presented by Alan Barbieri in two videos made available on his Youtube channel, b) to investigate the reactions of viewers-users who comment on the videos produced by Alan Barbieri on his Youtube channel and c) to recognize signs of appropriation of ritualistic practices and theological knowledge of Umbanda doctrine by viewers-users. The chosen methodology was the qualitative research (BRESLER, 2007), using the techniques of bibliographic research (GIL, 2002) and content analysis (BARDIN, 2006 and MORAES, 1999). The study corpus includes two videos and 19 comments. Among the videos, one including ritualistic tutorial content (2016) and the second Umbanda theological content (2017). In general, the contents of the videos and the comments investigated in this paper led us to understanding there is an emergence of online religiosity from the videos produced by Alan Barbieri in his channel, in which he teaches theological and ritualistic knowledge of the Umbanda religion. The characteristics of this phenomenon are: 1) the reconfiguration of the sacred environment, which is not limited to a physical environment, but perpetuates itself in media spaces, 2) the re-signification of ritualistic practices, giving them new forms of confection and new meanings to the experiences and the prophetic relationship with a certain religion and 3) the autonomy of individuals who can appropriate theological knowledge and perform the ritualistic practices in any environment, reconfiguring the communicational aspects of religion.

KEYWORDS: mediatization; online religiosity; Umbanda; Alan Barbieri; Youtube.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Hierarquias, cargos e funções na Umbanda	31
Figura 2 - Sacerdote Alan Barbieri	32
Figura 3 - O Congá de Umbanda	34
Figura 4 - Gira de Umbanda	36
Figura 5 - Oferenda de frutas	37
Figura 6 - As guias dos Orixás	38
Figura 7 - Bastidores da transmissão de uma gira on-line	39
Figura 8 - Esquema a análise da midiatização	44
Figura 9 - Momento da oração	53
Figura 10 - Acender uma vela virtual	57
Figura 11 - Os usuários do portal juntos pela vida	57
Figura 12 - Filmes e documentários disponibilizados no portal do Alan Barbieri	59
Figura 13 - Capa da Veja São Paulo com manchete “Umbanda é pop”	62
Figura 14 - Tríade do processo comunicacional na umbanda	63
Figura 15 - Tríade aplicada dentro de uma terreira	64
Figura 16 - Portal Adérito Simões - liberdade espiritual	65
Figura 17 - Perfil de Adérito Simões no Instagram	66
Figura 18 - Sacerdote Alan Barbieri	70
Figura 19 - Plataforma “Estudar em Casa”	71
Figura 20 - Página inicial do site Comunidade Alan Barbieri	72
Figura 21 - O canal Alan Barbieri no Youtube	72
Figura 22 - Divulgação de live no canal do Youtube	73
Figura 23 - O cenário do vídeo	80
Figura 24 - Uma demanda que superei	82
Figura 25 - Manual de Defesa Espiritual	82
Figura 26 - Firmeza de proteção contra demanda	84
Figura 27 - Comentário do “Usuário 1”	85
Figura 28 - Comentário do “Usuário 2”	86
Figura 29 - Comentários dos Usuários 3, 4, 5, 6, 7 e 8	87
Figura 30 - Comentário do “Usuário 9”	88
Figura 31 - Comentário do “Usuário 10”	88
Figura 32 - A maneira de colocar a guia	91

Figura 33 - A guia de miçangas de plástico	92
Figura 34 - As guias de plástico e de minerais	93
Figura 35 - O cruzamento do brajá	94
Figura 36 - Comentário do “Usuário 11”	98
Figura 37 - Comentário do “Usuário 12”	99
Figura 38 - Comentário do “Usuário 13”	100
Figura 39 - Comentário do “Usuário 14”	100
Figura 40 - Comentário do “Usuário 15”	101
Figura 41 - Comentário do “Usuário 16”	101
Figura 42 - Comentário do “Usuário 17”	102
Figura 43 - Comentário do “Usuário 18”	103
Figura 44 - Comentário do “Usuário 19”	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Matrizes religiosas da Umbanda	27
Quadro 2 - Os Orixás da Umbanda	35
Quadro 3 - Vídeos da playlist “Na prática com Alan Barbieri” com maior número de visualizações	77
Quadro 4 - Vídeos da playlist “Estudando a Umbanda” com maior número de visualizações	78
Quadro 5 - Vídeos analisados na pesquisa empírica	79
Quadro 6 - As categorias e o teor do conteúdo	105
Quadro 7 - Visão geral dos comentários nos vídeos analisados	106

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 2 - A UMBANDA: UMA RELIGIÃO BRASILEIRA	16
2.1 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE	16
2.2 DA MACUMBA ATÉ O GRITO DO CABOCLO DA UMBANDA	19
2.3 A MATRIZ UMBANDISTA	25
2.4 OS CARGOS, AS RITUALIDADES E OS ELEMENTOS DA UMBANDA	29
CAPÍTULO 3 - A UMBANDA MUDIATIZADA	40
3.1 MUDIATIZAÇÃO: UM FENÔMENO	40
3.2 A MUDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO E A RELIGIOSIDADE ON-LINE	51
3.3 A UMBANDA MUDIATIZADA	59
CAPÍTULO 4 - MUDIATIZAÇÃO DA UMBANDA E A EMERGÊNCIA DA RELIGIOSIDADE ON-LINE NO CANAL DO SACERDOTE ALAN BARBIERI NO YOUTUBE	68
4.1 ALAN BARBIERI: NOTAS DE UMA TRAJETÓRIA UMBANDISTA E MUDIÁTICA	68
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	73
4.2.1 CONSTRUÇÃO DO CORPUS DE PESQUISA	75
4.3 RASTROS DE UMA RELIGIOSIDADE ON-LINE DA UMBANDA NO YOUTUBE	79
4.3.1 TUTORIAL RITUALÍSTICO (TR) - PROTEÇÃO CONTRA DEMANDAS	79
4.3.2 TR - COMENTÁRIOS DE USUÁRIOS	84
4.3.3 TEOLOGIA UMBANDISTA (TU): GUIAS E BRAJÁS NA UMBANDA	89
4.3.4 TU - COMENTÁRIOS DE USUÁRIOS	96
4.3.5 ANÁLISE GERAL DOS COMENTÁRIOS (TR + TU)	104
4.4 DO TERREIRO PARA OS VIEWS: A RELIGIOSIDADE ON-LINE COMO UMA VIA DE POSSIBILIDADES...	107
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	121

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização, as inquietações sobre a criação do universo, da natureza e dos seres humanos se faz presente no pensamento do homem. Para alguns, as conclusões científicas bastam mas, para outros, a religião é o lugar em que encontram algumas respostas. Ao longo dos tempos, religiões como catolicismo e judaísmo barganharam fiéis ao proporem a crença em um só Deus. A partir desse movimento de criação de religiões, os indivíduos perpetuaram sua religiosidade por meio da crença, da adoração, da prece, da oração, do agradecimento, da submissão a esse Deus onipotente e onipresente.

Neste trabalho trazemos para o debate a religião Umbanda, tendo o seu mito de origem (BOWN, 1985) em uma sessão de mesa branca na Federação Niterói, em 15 de novembro de 1908, quando o jovem Zélio Fernandino, na época com dezessete anos, manifestou pela primeira vez o Caboclo das Sete Encruzilhadas. E agregamos os estudos sobre midiatização com o intuito de refletir sobre os avanços dos dispositivos tecnológicos que ocasionam a midiatização da religião.

Para esse fim, adotamos como objeto empírico o canal do sacerdote umbandista Alan Barbieri no Youtube. O líder religioso obteve destaque midiático ao produzir vídeos com conhecimentos teológicos e ritualísticos da doutrina Umbanda. Atualmente, Barbieri é detentor do maior canal de Umbanda no Youtube, com mais de 655 mil inscritos e mais de 40 milhões de visualizações ao longo de seus 602 vídeos disponibilizados na plataforma e distribuídos em 20 playlists (BARBIERI, 2022). Através do problema de pesquisa “Como se dá o processo de religiosidade on-line a partir de vídeos produzidos pelo sacerdote umbandista Alan Barbieri em seu canal no Youtube?” procuramos responder a hipótese da emergência de uma religiosidade on-line da religião Umbanda.

Acreditamos que a religiosidade on-line é recorrente da midiatização da religião e, esta, é consequência dos avanços dos dispositivos tecnológicos intensificados pelo capitalismo em uma sociedade em vias de midiatização. Por esse motivo, o nosso objetivo geral é “Reconhecer a religiosidade on-line que emerge a partir dos vídeos produzidos pelo sacerdote umbandista Alan Barbieri em seu canal no Youtube”. Já os objetivos específicos desta investigação são a) identificar o conteúdo apresentado por Alan Barbieri em dois vídeos disponibilizado em seu canal no Youtube, b) investigar as reações dos espectadores-usuários que comentam sobre os vídeos produzidos pelo Alan Barbieri em seu canal no Youtube e c)

reconhecer sinais de apropriações de práticas ritualísticas e de conhecimentos teológicos da doutrina umbandista pelos espectadores-usuários.

A metodologia deste trabalho é a pesquisa qualitativa (BRESLER, 2007) e as técnicas utilizadas são a pesquisa bibliográfica (GIL, 2002) e a análise de conteúdo (BARDIN, 2006 e Moraes, 1999). O *corpus* da pesquisa é formado por dois vídeos publicados no canal do Alan Barbieri no Youtube e 19 comentários. O primeiro vídeo é intitulado de “Proteção contra demanda” publicado no ano de 2016 e, o segundo vídeo chama-se “Guias e Brajás na Umbanda” publicado no ano de 2017. Os vídeos foram selecionados através de quatro critérios, são eles: 1) o teor do conteúdo, 2) as visualizações; 3) as interações e 4) o tempo de duração do vídeo. Já os comentários, utilizamos o filtro “principais comentários” ofertados pelo Youtube e que representam as mensagens que tiveram mais interações como "jóinhas" e respostas como parâmetro para a coleta dessas mensagens. Posteriormente, selecionamos as interações que consideramos pertinentes à pesquisa e que encaixavam-se nas categorias elaboradas que são: a) as dúvidas, b) os relatos, c) as sugestões, d) os elogios e e) as práticas da religiosidade on-line.

As motivações que auxiliaram na construção desse estudo são representadas pela justificativa pessoal, acadêmica e social. A justificativa pessoal refere-se à vivência religiosa e particular do autor desta pesquisa em uma terreira na cidade de Guaíba/RS. Conforme o desenvolvimento mediúnico do pesquisador, em algumas situações, os questionamentos e as inquietações frente aos conhecimentos teológicos e ritualísticos da Umbanda tornavam-se presentes e quando não sanadas na terreira, as respostas eram procuradas na plataforma de vídeos do Youtube. Ao encontrar os conteúdos expostos nesse espaço midiático, o pesquisador identificou um potencial científico sobre a midiatização da religião Umbanda e questionou a possibilidade de uma religiosidade on-line.

A justificativa acadêmica é que, ao buscarmos os materiais científicos que compõem este estudo, vislumbramos poucas pesquisas que abordam a midiatização da religião Umbanda. Todavia, a religiosidade on-line está sendo fomentada em dissertações e teses. Entretanto, essas obras restringem-se ao estudo das instituições católicas e evangélicas. Em vista desse cenário, consideramos a importância deste trabalho de conclusão de curso, pois aborda sobre as temáticas da midiatização e ampliam a discussão para uma midiatização da religião Umbanda e a hipótese de uma religiosidade on-line. Por fim, acreditamos que essa pesquisa possa incentivar novos estudos e projetos de pesquisa por parte de pesquisadores interessados nessa área de estudo.

Na tentativa de gerar uma reflexão sobre a complexidade da religião Umbanda e os ensinamentos que ela agrega para os seus fiéis e não praticantes, a nossa justificativa social se faz necessária pois segundo dados da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (2022), 91% dos ataques de intolerância religiosa, ocorridos no Estado do Rio de Janeiro, foram direcionados às religiões de matriz africana. Sendo que, 10% dos casos são de terreiros ameaçados pelo tráfico de drogas e 56% das ocorrências o agressor está ligado às igrejas evangélicas. Esse cenário faz com que os umbandistas tenham medo de sofrerem discriminações e sintam-se inibidos para se declararem praticantes da religião Umbanda (BBC NEWS, 2018). Através do Estado da Arte que compõem este trabalho, acreditamos que os conhecimentos explanados, ao longo dos capítulos, possam auxiliar no combate à intolerância religiosa.

Sobre a estrutura deste trabalho, o capítulo 2 chama-se “A Umbanda: uma religião brasileira” e abordamos os conceitos de religião e religiosidade (BARROS, 2011; BELLOTTI, 2004; FEITOSA, 2014; SBARDELOTTO, 2018 e WILGES, 1994). Discutimos a origem da religião Umbanda e sua matriz religiosa (CUMINO, 2019; JARDIM, 2017 e JUNIOR, 2014). Ainda, debatemos sobre a dificuldade dos autores em definir um conceito único sobre o que é a Umbanda (CUMINO, 2019; CONCONE, 1987; NEGRÃO, 1996 e ZESPO, 1946).

O capítulo 3 denomina-se “A Umbanda Mdiatizada” e embarcamos o enquadramento teórico sobre a mdiatização (BORELLI, 2010; FAUSTO NETO, 2004, 2009, 2010 e 2022; FERREIRA, 2011; GOMES 2016; HJARVARD, 2014; THOMPSON, 1998; SGORLA, 2014; VÉRON, 1995 e 1997), a mdiatização da religião, a Umbanda mdiatizada e a religiosidade on-line (CUNHA, 2014; FAUSTO NETO, 2004; FEITOSA, 2014; TEIXEIRA FILHO; AZEVEDO JUNIOR, 2020; HJARVARD, 2014; 2014a; MARTINO, 2016; SANTANA 2021a, 2021b; SBARDELOTTO, 2014 e SGORLA, 2015).

O capítulo 4 chamado de “Mdiatização da Umbanda e a emergência da religiosidade on-line no canal do sacerdote Alan Barbieri no Youtube” apresentamos o nosso objeto de estudo, os procedimentos metodológicos inseridos na pesquisa e os resultados obtidos na pesquisa empírica juntamente com a articulação das teorias explanadas no capítulo 2 e 3. Por fim, no quinto capítulo, debatemos as considerações finais deste trabalho.

CAPÍTULO 2 - A UMBANDA: UMA RELIGIÃO BRASILEIRA

Neste capítulo, abordamos no tópico “Religião e Religiosidade” os conceitos trabalhados por Barros (2011), Feitosa (2014), Sbardelotto (2019) e Wilges (1994) com o objetivo de contextualizar, depois, as raízes culturais da Umbanda e os diversos significados atribuídos à ela. Na sequência, no tópico “Da macumba até o grito do caboclo da Umbanda” dissertamos sobre o mito de origem da religião umbandista e o papel do negro na resistência à intolerância religiosa sofrida pelos médiuns, tendo como base os autores Cumino (2019), Jardim (2017) e Junior (2014).

No tópico “A matriz umbandista”, aprofundamos os conhecimentos frente à matriz da religião Umbanda, evidenciando seus elementos culturais trazidos de outras religiões como o espiritismo e o catolicismo. Aqui, visibilizamos as origens africanas e indígenas que complementam a religião Umbanda com as obras de Braga (1961), Bandeira (1973), Cumino (2019) e Souza (1933).

Logo após, em “Os cargos, as ritualidades e os elementos da Umbanda” detalhamos os cargos hierárquicos exercidos dentro do espaço sagrado (terreiro), as ritualidades como as giras, onde ocorrem os atendimentos aos consulentes, os sacudimentos e os banhos energizantes. Além dos elementos vestuais como a roupa branca, as guias, as velas e outros itens utilizados nas sessões e que contribuem na ritualidade umbandista. Embasamos esses conhecimentos com as produções dos autores Cumino (2019), Jardim (2017), Junior (2014) e Santana (2021).

Por intermédio deste capítulo, conseguimos subsídios para entender a religião Umbanda e o que compõe sua matriz religiosa e quais são os cargos, as ritualidades e os elementos que fazem parte dela. Para que, em outro momento, com essas informações compreendidas, conseqüentemente, possamos reconhecer o processo de religiosidade on-line que emerge a partir dos vídeos disponibilizados no canal Alan Barbieri no Youtube, dentro do debate da mídiatização da sociedade.

2.1 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

As limitações do ser humano são grandes e uma delas é o entendimento do universo. A imensidão e a diversidade de requintes encontrados nos cosmos deixa-nos curiosos e intrigados. Como algo tão grandioso pode ter surgido? Para algumas pessoas, a ciência é a

resposta definitiva. Mas para outros seres pensantes, apenas a ciência não é suficiente. Esses questionamentos frente à complexidade do universo e os processos civilizatórios do mundo intensificaram a necessidade do indivíduo em crer em alguma coisa. Algo místico, supremo e poderoso que, não apenas teria criado o universo, mas, os próprios homens. Essa força mística estaria representada na imagem concebida de Deus.

As angústias e as dificuldades vivenciadas pelo homem, desde os tempos primórdios, alimentaram a carência de uma crença em algo superior a ele. A fé em algo bondoso, amável e, ao mesmo tempo, temeroso é destacado nas escrituras bíblicas através dos apelos de seus adoradores, onde sua submissão torna-se sinônimos de devoção:

Tu a quem tomei desde os fins da terra, e te chamei dentre os seus mais excelentes, e te disse: Tu és o meu servo, a ti escolhi e nunca te rejeitei. Não temas, porque sou contigo, não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça. Eis que, envergonhados e confundidos serão todos os que se indignaram contra ti; tornar-se-ão em nada, e os que contenderem contigo, perecerão (Trecho de Isaías, 41:9. BÍBLIA SAGRADA ON-LINE, 2022)

A religião e a religiosidade são como duas faces complementares que articulam-se entre si, pois enquanto a religião responde a religiosidade, esta pede e provoca, religiões justamente porque pessoas em comunidade em uma sociedade as praticam (LIBÂNO, 2002, p. 100-101 apud SBARDELOTTO, 2018, p. 72). Propomos neste capítulo, visualizar a religião e a religiosidade como complementos uma da outra com o intuito de alcançar o maior entendimento frente a esses dois conceitos que intrigam estudiosos de diversos campos dos saberes.

Sobre a conceitualização de religião, Feitosa (2014) afirma que não existe um consenso sobre o termo. Esse debate, não alimenta e nem destrói a fé do religioso pois “para o fiel, a resposta sobre a origem da palavra “religião” (se é grega, latina ou outra qualquer) não mudará a sua vida como a manifestação do fenômeno religioso tantas vezes fez” (FEITOSA, 2014, p. 23). Mesmo que a resposta da origem da palavra religião não seja necessária para o fiel que a pratica, compreendemos que para o enriquecimento deste trabalho é necessário a abordagem de algumas óticas de pensadores frente ao tema.

Na percepção de Lactâncio (s.d; WILGES, 1994), a religião significa o ato de ligar o homem novamente a Deus. Entretanto, essa versão romantizada do significado da palavra religião é questionada por Wilges (1994 apud FEITOSA, 2014) que considera duas definições para a origem da palavra. A primeira com “sentido real objetivo” - entendendo a religião como um conjunto de valores, crenças, leis e ritos que regem a adoração do homem ao ser supremo onde pode obter, através de uma relação pessoal, favores. A segunda é o “sentido

real subjetivo” que é o reconhecimento do homem frente sua dependência a um ser supremo, onde concretiza-se a aceitação de várias crenças, leis e ritos correspondente a este ser. Em ambas definições percebemos a imposição do culto daquilo que é considerado superior e sagrado.

Já a religiosidade estaria vinculada com a vivência de crenças e práticas religiosas sem a necessidade de estar filiada a uma instituição (BELLOTTI, 2004). Logo, o ato de orar para um ser um divino sem ter uma doutrina como norteadora de sua fé é algo que a religiosidade proporciona ao homem. Feitosa (2014) ilustra que o termo religiosidade estaria vinculada à vivência, a postura de vida em pensar, sentir e agir, com base na crença de que existe algo além dos aspectos materiais (ANTROPOSOFIANDO, 2013). Em outro ponto de vista, a religiosidade seria um câncer onde tomasse como religiosidade o conjunto de normas criadas pelo próprio homem e que tem como obrigatoriedade sem haver a compreensão de que Deus é onisciente, onipresente e onipotente (BARROS, 2011).

Neste trabalho adotamos como religiosidade dois conceitos: o primeiro é que a religiosidade seria a compreensão sacra do mundo (Flusser, 2002 apud Feitosa, 2014) e que aquela nem sempre é manifestada através de religiões institucionalizadas (Manoel, 2013 apud Feitosa, 2014). É o caso da religião Umbanda que tem como crença a existência de um único Deus, chamado de Zâmbi/Olorum, e os representantes dessa força divina seriam os Orixás e os Guias Espirituais¹. Cabe salientar que o termo “Entidade” é um sinônimo utilizado dentro de terreiros para designar o “Guia Espiritual”. Portanto, Guia Espiritual e Entidade possuem as mesmas funções dentro da doutrina religiosa da Umbanda.

Suas ritualísticas são vivenciadas através do ambiente físico chamado de terreiro, tenda ou centro de Umbanda. Os “filhos de santo” são os responsáveis pela manutenção desse espaço de culto. Essa manutenção, participação e cuidado com o seu terreiro, sacerdote, irmãos e Guias Espirituais remetem ao seu princípio de valor em que a Umbanda é a manifestação dos espíritos em prol da caridade (Cumino, 2019). Portanto, ser umbandista é compreender de forma humanista o mundo, deixando de lado egoísmos e individualidades próprias, servindo o seu corpo para a prática do amor e a ajuda ao próximo.

Todos esses ensinamentos são obtidos através de uma religião que nem sempre foi institucionalizada². Antes mesmo da Umbanda ser reconhecida pelo Estado como uma

¹ No subcapítulo “Os cargos, as ritualidades e os elementos da Umbanda” apresentamos os conceitos de orixá e guias espirituais enfatizando a diferenciação entre os dois.

² O processo de institucionalização da religião Umbanda é abordado ao longo do texto, onde dissertamos sobre os mecanismos discursivos acionados pelo movimento umbandista para que ocorresse a legitimação da vertente religiosa. Neste primeiro momento, por questões de organização textual, optamos por não aprofundarmos esta parte do tema por agora.

religião, ela já trazia suas práticas e sua visão sacra. Não necessitando num primeiro momento, de uma legitimação perante os mecanismos do Estado.

Após elucidar os entendimentos de religião e religiosidade de forma resumida, o tópico a seguir irá se debruçar no surgimento da Umbanda. Mostramos um pouco da sua origem no Brasil e suas raízes culturais, além de dissertar sobre os diversos conceitos atribuídos a ela. Aprofundamos os princípios dessa religião e o seu processo de legitimação frente ao Estado.

2.2 DA MACUMBA ATÉ O GRITO DO CABOCLO DA UMBANDA

A dificuldade em definir o conceito de Umbanda é evidente, e esta pesquisa em questão não possui esse propósito mas, sim, dissertar sobre as diversas percepções que ela foi angariando ao longo de sua formação. Por ter na matriz religiosa algumas intersecções oriundas de outras culturas, Cumino (2019, p. 104) salienta que “a Umbanda renova a interpretação para símbolos diversos, produzindo um novo significado, daí uma nova religião na qual antigos símbolos e novos valores se acomodam, assumindo uma identidade única”. As interpretações sobre o que é a Umbanda são atravessadas por questões étnicas, sociais, políticas e culturais, tornando a conceitualização algo laborioso: “tentar caracterizar a Umbanda é um trabalho ingrato, escorregadio e difícil. Na verdade qualquer tentativa de caracterização absoluta está fadada, de antemão, ao insucesso” (CONCONE, 1987, p.65 apud CUMINO, 2019, p. 112). Mesmo com a afirmação do autor, entendemos a necessidade de elencarmos algumas conceitualizações sobre a religião Umbanda.

Cumino (2019) ilustra as inúmeras tentativas de definição sobre o que seria a Umbanda. Alguns autores consideram ela como um sistema religioso com sua estrutura aberta (NEGRÃO, 1996; CONCONE, 1987), outros como uma seita que se utiliza de cultos afro-brasileiros (PINTO, T, s.d) e outras teorias ainda consideram a Umbanda “uma religião porque possui culto, ritual, sacerdote, oferenda e tudo quanto uma religião devidamente organizada possui neste ou naquele grau” (ZESPO, 1946, p. 15 e 26 apud CUMINO, 2019, p. 108). Aqui entendemos essa última definição como norteadora do estudo, pois compreendemos a Umbanda como “[...] uma religião constituída com fundamentos, teologia própria, hierarquia, sacerdotes e sacramentos” (JUNIOR, 2014, p.19).

A Umbanda é constituída de fundamentos, uma vez que, em suas ritualidades existem uma ordem de elementos que devem ser utilizados em determinadas fases da trajetória mediúnica do médium. Por exemplo, as oferendas que são feitas pelo médium para o seu guia

espiritual com o objetivo de agradecer pelas conquistas alcançadas. Hierárquica porque existem definições de papéis em que cada participante possui determinadas responsabilidades e funções dentro das práticas umbandistas. Uma ilustração disso é a figura do pai ou mãe de santo que é o líder espiritual responsável pela trajetória mediúnica de um médium dentro da terreira. A Umbanda apresenta teologia própria pois, mesmo trazendo no seu culto diversas matrizes religiosas, tem seus ritos específicos como as giras, onde ocorrem a cantiga de pontos cantados e a incorporação dos Guias Espirituais. Ademais, os valores como igualdade sem distinção de classe social, de raça ou de sexualidade são vistos como princípios da prática umbandista. Todas essas especificações e ritualísticas tornam a Umbanda portadora de uma teologia própria.

Numerosas são as explanações sobre o início da religião Umbanda no Brasil. Alguns autores acreditam que ela vem sendo praticada desde o ano de 1530 (CARNEIRO, 1936 apud CUMINO, 2019). Todavia, esse processo deu-se através das religiões afro-brasileiras, em especial, a cultura banto³ que é a principal influência africana na Umbanda (JARDIM, 2017). Jardim (2017) clarifica que a origem da religião umbandista está veiculada a três momentos históricos de mudança das religiões afro-brasileiras:

Primeiro, a religião africana, enquanto movimento de resistência sociocultural, transformou o seu regime de linhagem para o de nação, isto é, a solidariedade familiar consanguínea foi destruída pelo tráfico negreiro, portanto passaram a adotar a solidariedade étnica, a partir da nação de origem dos negros. Segundo, quando acaba a escravidão, a população negra e mestiça passa por um rápido processo de pulverização dentro das relações sociais. Assim, o Candomblé⁴, majoritariamente

³ A cultura banto é originária da expansão dos povos Bantu/Bantos - grupo étnico africano que habitaram as regiões Sul-equatorial da África - formada por agricultores que viviam da pesca e da caça (Britannica Escola, 2022). Por meio da cultura banto houve o surgimento de mais de 500 línguas sendo as principais delas a suaíli, considerada língua-mãe falada por 5 milhões de pessoas, além de kibundo, kioko e kikongo. Com o tráfico de negros, esse grupo étnico foi trazido para o Brasil por meio dos navios negreiros com o intuito de fomentar o comércio de escravizados da Bahia. Uma das características da cultura banto é o culto aos ancestrais e as práticas medicinais e ritualísticas que influenciaram na matriz umbandista e, na culinária, trouxeram o quiabo, o angu e a feijoada. Todavia, a interferência dos povos banto na cultura brasileira também está presente na área da linguística com a inserção das palavras banda, bunda, bazuca, caçula, miçanga, caximbó, moleque, samba, tanga, sunga, caatinga e tantas outras (Britannica Escola, 2022; Oxalá, Pai Paulo de, 2018). No momento presente, os povos banto habitam a região centro-sul do continente africano onde encontram-se os países Angola, Moçambique e Quênia (Sua Pesquisa.com, 2020).

⁴ O candomblé é uma religião africana monoteísta que possui a crença em um único Deus, representado por Olorum, criador do universo e dos Orixás. Para os candomblecistas, os Orixás são deuses representantes de Olorum, que possuem habilidades específicas, elementos e ritualísticas próprias que são realizados dentro do terreiro para homenageá-los e tornar a ligação entre o ser humano e a divindade mais próxima por meio da espiritualidade. Presente nos países da América, da Europa e no Brasil, o candomblé possui mais de 3 milhões de adeptos ao redor do mundo, sendo ela, a religião africana mais difundida atualmente (DIAS, 2020). Portanto, uma das crenças que o Candomblé contribuiu na inserção da matriz religiosa da Umbanda é o culto aos Orixás. Entretanto, salientamos que ambas as religiões não podem ser igualadas pois possuem especificidades próprias que vão desde o culto aos Orixás - que são feitas de maneira diferenciada, no candomblé ocorre a incorporação da divindade Orixá e na Umbanda é realizado a incorporação dos guias que são representantes dos Orixás - até

rural, atuou na integração dessa população através da solidariedade étnica, conhecida como “família de santo”. E terceiro, quando se inicia o processo de urbanização e industrialização da região sudeste do país, no início do século XX, e a proletarização dos negros e mestiços, o ambiente proporcionou a necessidade de uma religião mais adaptada ao ambiente urbano, surgindo, assim, a Umbanda - um misto de reconstrução de antigos rituais africanos e destruição de um antigo sistema de valores e controle social (JARDIM, 2017, p. 62 - 63).

Jardim (2017) afirma que, apesar de termos registros oficiais da palavra Umbanda, a partir de 1910, com a atuação do médium Zélio Fernandino, a cultura africanista e o papel do negro na construção das ritualidades umbandistas foram essenciais. Para a autora, uma prova disso é a utilização do termo “macumba” que, no início do século XX era um ritual praticado com o intuito de invocação de ancestrais africanos e que, tornou-se um termo pejorativo utilizado pelos homens brancos para difamar a prática como “magia negra” para fins maldosos. Essa discriminação não só retratava um ato de intolerância religiosa como ilustrava a ignorância de uma sociedade escravocrata.

A Umbanda começa a ter registros por meio da figura de Zélio Fernandino quando ele constrói a Tenda Nossa Senhora da Piedade. Por isso, a Umbanda é uma religião originada no Brasil e tem seu mito de origem⁵ em uma sessão de mesa branca⁶ na Federação Espírita de Niterói, em 15 de novembro de 1908, quando o jovem de 17 anos, Zélio Fernandino, manifestou o Caboclo ⁷das Sete Encruzilhadas (JUNIOR, 2014). Devido ao fato de sofrer diversas crises mentais e nenhum médico constatar o seu real problema, a família de Zélio foi aconselhada a levar o rapaz para uma sessão espírita, pois o seu problema não era algo terreno e, sim, espiritual. Ao levarem o jovem ao Centro Espírita, localizado na cidade de São Gonçalo no Rio de Janeiro, Zélio manifestou o espírito de um índio brasileiro que se intitulou como Caboclo da Sete Encruzilhadas. O caboclo ao ser questionado pelos participantes da

as ritualidades - no candomblé existe o sacrifício de animais enquanto que na Umbanda não há (CABRAL, s.d; CORDEIRO, 2019 e DIAS, 2020).

⁵ São diversas as teorias que abordam o surgimento da Umbanda, contudo, utilizamos o mito de origem, cunhado por Brown (1985), que legitima o início dessa religião através dos relatos sobre a manifestação do Caboclo Sete Encruzilhadas do médium Zélio Fernandino.

⁶ A mesa branca é uma prática ritualística espiritualista que teve seu surgimento no kardecismo de Allan Kardec. Nessas sessões de mesa branca, os médiuns, vestidos de branco, sentam-se em volta de uma mesa e realizam as consultas mediúnicas. Essas consultas ocorrem através da incorporação de espíritos que utilizam do corpo do médium para realizar a comunicação com os seres humanos. As sessões de mesa branca são essenciais para o médium, pois é nelas que ocorrem os trabalhos mediúnicos e a comunicação dos mortos com os familiares por meio de psicografias.

⁷ O termo “caboclo” é utilizado para designar as Entidades que, em suas vidas passadas, foram índios brasileiros (ORTIZ, 1980). Para os umbandistas, os caboclos são espíritos de índios que viveram no plano terreno e, após o falecimento, tornaram-se espíritos de luz (NEGRÃO, 1996). Na Umbanda “representam o conhecimento e a sabedoria que vêm da terra, da natureza [...] Também nos lembram a importância do elemento indígena em nossa cultura, a miscigenação de nosso povo e que a Umbanda sempre está de portas abertas para todo aquele, encarnado ou desencarnado, que a procurar” (JUNIOR, 2014, p. 217).

sessão sobre o porquê de terem que ouvir as manifestações de espíritos considerados “atrasados” social e culturalmente, ele respondeu:

Por que repelem a presença desses espíritos, se nem sequer se dignaram a ouvir suas mensagens? Será por causa de suas origens sociais e da cor? [...] Se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa de meu aparelho⁸, às 20 horas, para dar início a um culto em que estes irmãos poderão dar suas mensagens e, assim, cumprir missão que o Plano Espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados (JUNIOR, 2014, p. 20-21).

Essa discriminação e não aceitação desse espírito, por parte do Centro Espírita, é explicado devido ao fato do conservadorismo elitista presente no kardecismo brasileiro, tendo em vista que é uma crença trazida da Europa por pessoas brancas e da alta elite brasileira (JARDIM, 2017). Cabe realizar um adendo, apontado por Jardim (2017), que este fato não generaliza o kardecismo como uma crença exclusiva ou discriminatória. As atitudes dos médiuns que conversaram com o Caboclo Sete Encruzilhada não condiz nem com as crenças do próprio Allan Kardec:

Uma prova de que Kardec, no mínimo, ouviria o que o Preto-velho e o Caboclo tem a dizer é o diálogo travado entre Kardec e “Pai César”, um negro nascido na África e levado para Louisiana quando tinha 15 anos. Essa entidade lembra muito as características que identificam um “preto-velho”, embora lhe falte a ideologia umbandista inseparável da entidade de Umbanda; no entanto, ele não foi tratado com indiferença e muito menos discriminação por Kardec (CUMINO, 2015, p. 44 apud JARDIM, 2017, p. 67).

Apesar dessas adversidade, o Caboclo Sete Encruzilhadas no dia seguinte, em 16 de novembro de 1908, criou a “Umbanda: Manifestação dos Espíritos para a Caridade”, culto esse que ocorria das 20h às 22h, na residência da família de Zélio Fernandino. As sessões, de atendimento gratuito, contavam com todos os integrantes vestidos de branco e o objetivo era ajudar e confortar todas as pessoas - independente de cor, raça, condição social e credo - que lá procuravam auxílio espiritual para seus sofrimentos (JUNIOR, 2014).

Mesmo pregando os princípios de igualdade sem a realização de distinção de marcadores sociais, Jardim (2017) explica que para que ocorresse o processo de legitimação da Umbanda frente a sociedade brasileira, a religião teve que utilizar da desvinculação de suas origens africanistas. Por consequência, ocorre um processo de embranquecimento no qual, para que o negro subisse socialmente, era necessário aceitar os valores impostos pelo mundo

⁸ O termo “aparelho” é utilizado pelos Guias e Entidades para designar o corpo do médium ao qual os espíritos manifestam-se.

branco (ORTIZ, 1999). Neste caso, a Umbanda teve que apoiar-se no contato com o espiritismo kardecista que adota princípios europeus, tendo sua base de religiosos, em sua maioria, pessoas brancas. Essas origens da matriz umbandista são aprofundadas no próximo tópico.

O movimento umbandista adotou diversos mecanismos da esfera discursiva, construindo sua organização, doutrina e divulgação da religião por meio de publicações, congressos e instituições (Jardim, 2017). No Estado Novo de Getúlio Vargas (1937), os movimentos umbandistas preocuparam-se com a institucionalização da Umbanda criando, federações e burocratizando os terreiros através dos estatutos feitos em cartórios:

A partir da comprovada eficácia da Federação Espírita Brasileira em defender os interesses do espiritismo kardecista junto ao Estado, Zélio e outros líderes da religião fundaram a Federação Espírita de Umbanda, em agosto de 1939, no Rio de Janeiro, para negociar a suspensão das batidas sociais que aumentaram significativamente em meados de 1937 após a criação da Seção de Tóxicos e Mistificações na 1ª Delegacia Auxiliar do Distrito Federal (JARDIM, 2017, p.73).

O resultado foi que a Umbanda obteve o direito de exercer seu livre exercício através da articulação entre o movimento umbandista e as esferas de poder do Estado. No ano de 2012, o Congresso Nacional decretou a Lei Nº 12.644 de 16 de Maio de 2012, reconhecendo a data de 15 de novembro - dia em que, pela primeira vez, o Caboclo Sete Encruzilhada do médium Zélio Fernandino manifestou-se em terra - como o Dia Nacional da Umbanda.

Mesmo aderindo a processos de embranquecimento frente às origens africanistas, em sua prática, observamos que a religião Umbanda tem como valor teológico a não distinção de cor, raça e demais marcadores sociais. Todavia, mesmo pregando esses valores doutrinários no âmbito social, tais feitos não impedem que a Umbanda sofra atos de intolerância religiosa.

Segundo dados da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (2022), formada por representantes da sociedade civil, Ministério Público, Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Polícia Civil e participantes de diferentes vertentes religiosas, afirmam que 91% dos ataques de intolerância religiosa, ocorridos no Estado do Rio de Janeiro, foram direcionadas à religiões de matrizes africanas. Dentre eles, 10% dos casos são de terreiros ameaçados pelo tráfico de drogas e 56% das ocorrências o agressor está ligado às igrejas evangélicas. Das 47 denúncias registradas, 43 são pertencentes aos praticantes de religião de matriz africana. Os crimes mais comuns são injúria contra os praticantes (26%), injúria contra comunidades (23%) e vandalismo em templos (21%).

Essas informações são problemáticas, tendo em vista que, o Brasil garante na Constituição Federal, no artigo 5º, VI, a liberdade de consciência e de crença, além de

assegurar o livre exercício do culto religioso e a proteção aos locais de culto e suas liturgias. Algumas hipóteses são discutidas sobre o porquê das religiões de matriz africana, como a Umbanda, sofrerem tantas retaliações. O portal BBC News (2016) realizou uma reportagem em que escuta as opiniões de alguns estudiosos sobre o assunto. Duas hipóteses foram levantadas: a primeira é que o racismo e a discriminação herdadas da escravidão do Brasil colonial rechaçam tais religiões apenas por possuírem em seu cerne a matriz africana. A segunda hipótese é referente ao avanço dos movimentos neopentecostais que adotam em seus discursos os mitos e preconceitos que “demonizam” e incentivam a perseguição às religiões como Candomblé e Umbanda. O entrevistado da reportagem Francisco Rivas Neto, sacerdote e fundador da Faculdade de Teologia com Ênfase em Religiões Afro-Brasileiras, afirma que as discriminações sofridas por pessoas que tem as religiões de matriz africana como doutrina e crença padecem com o preconceito:

Os afro-brasileiros são discriminados, tratados com preconceito, para não dizer demonizados, por serem de uma tradição africana/afrodescendente. Logo, estamos afirmando que o racismo é causa fundamental do preconceito ao candomblé e demais religiões afro-brasileiras (BBC NEWS, 2016, documento eletrônico).

Já alguns estudiosos adotam a segunda hipótese, o crescimento dos movimentos neopentecostais e o fomento de discursos intolerantes sobre as religiões Afro-Brasileiras, como determinante para o aumento de casos de discriminação contra praticantes de Umbanda. É o caso da pesquisadora e historiadora Denise Fini Fonseca (PUC-RJ) que, já visitou mais de 800 terreiros fluminenses e afirma que:

É claro que o racismo tem influência, mas acredito que é muito mais forte o discurso de alguns movimentos neopentecostais que são na realidade um projeto teopolítico que se apropria de símbolos muito poderosos para atingir seus interesses, e que elegeram as religiões de matrizes africanas como alvo (BBC NEWS, 2016, documento eletrônico).

Numa visão complementar, o pesquisador e doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP, João Luiz Carneiro compreende que os dois fatores (racismo e crescimento dos movimentos neopentecostais) são motivadores dos atos de discriminação e violência contra fiéis das religiões de matriz africana: “A ligação entre esses dois fatores está muito bem resolvida na academia. As razões profundas na questão racial e o discurso neopentecostal que reforça no imaginário popular que é o macumbeiro, o sujo, o que faz o mal” (BBC NEWS, 2016, documento eletrônico). Neste trabalho, acreditamos que esses dois elementos, o racismo e os discursos neopentecostais, são os principais tensionadores para a perpetuação de violências, abusos morais e físicos contra religiosos umbandistas e candomblecistas.

Até aqui, entendemos que a Umbanda pode ser definida como, não apenas uma religião com hierarquia, teologia e elementos ritualísticos, mas uma religião que tenta acolher e auxiliar todos aqueles seres humanos que dela necessitam e buscam ajuda. Contudo, a falta de conceitualização sobre o termo “Umbanda” e a diversidade de origens que compõem a matriz umbandista são fatores determinantes para que, aliada à desinformação e a falta de conhecimento teológico por parte da população brasileira, a Umbanda seja permeada por imaginários pejorativos que colocam essa religião num local de escória social, de invisibilidade e de que faz o mal para os demais seres humanos. Com o intuito de desmistificar e revelar a riqueza que integram as origens da Umbanda, detalhamos no próximo tópico os diversos conceitos atribuídos a esta religião, suas origens culturais e, por fim, evidenciamos sua matriz religiosa.

2.3 A MATRIZ UMBANDISTA

A Umbanda é uma religião brasileira que acrescenta em sua religiosidade diversos elementos formadores ou influências de outras religiões mais antigas. Por isso que para compreender a complexidade dos ritos sagrados umbandistas é importante ter o entendimento que “(...) a Umbanda é uma religião nova, seus valores religiosos fundamentais são ancestrais e foram herdados de culturas religiosas anteriores ao Cristianismo” (SARACENI, 2001, p. 12). Para Cumino (2019), a Umbanda é um organismo vivo, no qual é possível reconhecer sua ancestralidade através de uma árvore genealógica onde suas origens são possíveis de ser identificadas. Conforme o autor, sua matriz religiosa tem como base de formação os cultos afros, a doutrina espírita, a religião católica, além de elementos budistas e hinduístas.

Mesmo agregando diversos elementos em sua teologia, Junior (2014) afirma que a Umbanda é uma religião monoteísta, pois tem a crença em um único Deus o que recebe o nome de Olorum, palavra de origem Iorubá, ou Zâmbi, de origem Angola. Da mesma forma que a religião Católica possui uma trindade representada por Pai, Filho e Espírito Santo, a Umbanda representa sua trindade através de Olorum/Zâmbi (Deus), os Orixás (divindades que representam os elementos da natureza criados por Deus) e Guias ou Entidades Espirituais que são seres de luz e que atuam na incorporação dos médiuns. Os Orixás, como salienta Junior (2014), são divindades de Deus que estão ligados à força da natureza e orientadores dos Guias Espirituais. Cada Orixá possui seu local de atuação que varia conforme o arquétipo. Por exemplo, Iemanjá, sincretizada como Nossa Senhora dos Navegantes, atua nas forças das águas salgadas como o mar. São nove Orixás cultuados na Umbanda: Oxalá, Iemanjá, Oxum,

Iansã, Xangô, Ogum, Oxóssi, Nanã e Obaluaê/Omolu. Entretanto, em algumas vertentes da Umbanda, podemos ver o culto a outros Orixás como Exu, Oxumaré, Obá, Ibejis, Ossaim, Euá e Orunmilá.

Já os Guias Espirituais seriam representados pelos Caboclos, Pretos Velhos, Erês (crianças) que são seres de luz que incorporam em seus médiuns para praticar a cura e a caridade. Eles atuam conforme as diretrizes espirituais dos orixás. Mais detalhes iremos encontrar no próximo subcapítulo em que abordamos os elementos ritualísticos e vestuais da religião Umbanda.

Como já mencionado, a Umbanda é uma religião que aglutina diversos elementos culturais. Através do quadro elaborado por Junior (2014) percebemos as assimilações que foram sendo inseridas nas ritualidades umbandistas, são elas:

Quadro 1 - Matrizes religiosas da Umbanda

MATRIZES	ELEMENTOS MAIS CONHECIDOS
Africanismo	Culto aos Orixás, trazido pelos negros escravos, em sua complexidade cultural, espiritual, medicinal, ecológica etc.; culto aos Pretos-Velhos ⁹ .
Cristianismo	Uso de imagens, orações e símbolos católicos (a despeito de existir uma Teologia própria da Umbanda, algumas casas ¹⁰ vão além do sincretismo, utilizando-se mesmo de dogmas católicos).
Indianismo	Pajelança; emprego da sabedoria indígena ancestral em seus aspectos culturais, espirituais, medicinais, ecológicos, etc.; culto aos Caboclos indígenas ou de pena.
Kardecismo	Estudo dos livros da Doutrina Espírita, bem como de sua vasta bibliografia; manifestação de determinados espíritos e suas egrégoras, mais conhecidas no meio Espírita (como os médicos André Luiz e Bezerra de Menezes); utilização de imagens e bustos de Allan Kardec, Bezerra de Menezes e outros; estudo sistemático da mediunidade; palestras públicas.

⁹ Os pretos-velhos e as pretas-velhas são espíritos de escravos brasileiros que evoluíram no plano espiritual através da dor, do sofrimento e do trabalho forçado. Na Umbanda são grandes exemplos de luz, sabedoria, humildade, tolerância, perdão e compaixão (Junior, 2014).

¹⁰ O autor utiliza a palavra “casa” como sinônimo de tenda, centro ou/e terreiro de Umbanda.

Orientalismo	Estudo, compreensão e aplicação de conceitos como prana, chakra e outros; culto à Linha Cigana (que em muitas casas vem, ainda, em linha independente, dissociada da chamada Linha do Oriente).
--------------	---

Fonte: JUNIOR (2014, p. 25).

O quadro revela os diversos elementos pertencentes a outras matrizes religiosas que foram inseridas na Umbanda: o culto aos Orixás pelas religiões de matriz africana, o uso de imagens, símbolos e orações do catolicismo. Ainda, o emprego dos conhecimentos em ervas e especiarias dos povos indígena e o estudo dos charas oriundas do orientalismo.

Sobre a influência do Kardecismo, diversos autores reconhecem tal origem na Umbanda (BRAGA, 1961; BANDEIRA, 1973; SOUZA, 1933) e sua relevância nas práticas doutrinárias e seus conceitos idênticos de evolução, reencarnação, carma, mundo astral e espíritos (CUMINO, 2019). Contudo, afirmar que a Umbanda é espírita torna-se errôneo pois o próprio fundador do espiritismo, Allan Kardec, não reconhecia o kardecismo como uma prática religiosa e, muito menos, como um rito e nem aceitava a prática da magia em suas sessões (CUMINO, 2019; SOUZA, 1933). Como elucidada Kardec (2006), o espiritismo é uma ciência de observação e uma doutrina filosófica, em que trata da natureza, origem e destino desses espíritos e suas respectivas relações com o mundo terreno.

Já a Umbanda, traz em suas práticas ritualísticas, as oferendas, o atabaque, as guias, os banhos e as firmezas de proteção como elemento energético de ligação e adoração aos Guias Espirituais (espíritos) que ao incorporarem no corpo de um médium propagam a fé e o amor aos Orixás. Nessas ritualidades a magia é um elemento essencial para a prática religiosa umbandista. “Kardecismo é a raiz para a Umbanda, assim como o Judaísmo para o Cristianismo, no entanto, a Umbanda não tem apenas essa raiz. Se quiser chamar a Umbanda de Espiritismo, que fique claro que é outro espiritismo e não o ‘Kardecismo clássico’”. (CUMINO, 2019, p. 42).

Devido ao fato da Umbanda ser uma religião brasileira é inegável a influência que o catolicismo trouxe na matriz religiosa daquela. O ponto de início se deu no sincretismo entre elementos africanistas e católicos. Com o tráfico negreiro, os negros escravizados eram obrigados a esconder sua religião dos homens brancos com receio das torturas que poderiam sofrer. Através do processo de sincretismo, os negros escravizados pelos senhores brancos cultuavam suas divindades através das imagens católicas. Assim, Oxum - que para a cultura africana representa a feminilidade, a beleza, a fecundidade, as águas doces dos rios e lagos -

foi assimilada como Nossa Senhora Aparecida. Tal como descreve Bastide (1971), o processo de escravidão intensificou a invisibilidade dos deuses negros:

Vimos que para poder subsistir durante todo o período escravista os deuses negros foram obrigados a se dissumular por trás da figura de um santo ou de uma virgem católica. Esse foi o ponto de partida do casamento entre o Cristianismo e a religião africana em que, como em todas as uniões, as duas partes deviam igualmente mudar, de forma profunda, para se adaptar uma à outra. (...) os africanos se limitam a justapor os santos a suas próprias divindades, os consideram de igual categoria, mas perfeitamente distintos (...) (BASTIDE, 1971 apud CUMINO, 2019, p. 64).

Cumino (2019) garante que muitos adeptos da Umbanda afirmavam-se como católicos ou espíritas devido a dificuldade de explicar o que é a religião Umbanda e, além disso, o preconceito social sofrido pelos praticantes. Segundo dados do IBGE (2010) reportados pela BBC NEWS (2018), existem 432 mil pessoas que se denominam umbandistas. Entretanto, o medo de sofrerem discriminações e, até mesmo, a vergonha inibem os praticantes a declararem sua vertente religiosa. Essa opinião é compartilhada por Fátima Damas, da Congregação Espírita Umbandista do Brasil, que declara: “Muitos umbandistas não admitem publicamente que são umbandistas. Por medo ou vergonha, preferem dizer que são católicos” (BBC NEWS, 2018, documento eletrônico). Portanto, o receio, o medo e a vergonha seriam para a Fátima fatores que interferem no número populacional de praticantes umbandistas.

De certo ponto isso explica a insistência de alguns umbandistas em apenas reconhecer a origem kardecista e católica e, conseqüentemente, refutar a origem africanista. Alguns deles defendiam a cultura africana como a origem principal da Umbanda e, outros, consideravam esses elementos como apenas “uma passagem rápida” pelo continente africano, manipulando e desacreditando essa origem: “Embora reconhecessem uma origem afro, não se orgulhavam dela, pelo contrário, a desmereciam, o que não pode ser considerado uma defesa de origem.” (CUMINO, 2019, p. 50).

Entretanto, insistir na deslegitimação dos elementos africanistas na religião Umbanda representa uma falta de conhecimento já que, através da Cultura Nagô¹¹, a Umbanda trouxe o culto aos Orixás e suas práticas de reverenciá-los na natureza por meio das oferendas com frutas, flores, velas e bebidas, como identificou Pinto, T (1970). Ademais, como enfatizou

¹¹ A palavra nagô refere-se aos povos iorubás - grupo étnico presente no sudoeste dos países africanos Nigéria, Benim e Togo - que falavam ou compreendiam a língua iorubá. No processo de escravidão, designou-se “nagô” os negros escravizados que eram vendidos nas áreas costeiras de Benin, Togo e Nigéria ocidental - chamada de Costa dos Escravos - e que eram trazidos pelos navios negreiros até o Brasil (PRANDI, 2000).

Cumino (2019), não podemos esquecer também da origem Bantu das palavras Cambone¹² e Zambi¹³.

Além das origens Kardecistas, Católicas e Africanas, a cultura indígena também é vista na Umbanda mediante a figura do mito fundador Caboclo Sete Encruzilhadas do sacerdote Zélio Fernandino em que sua manifestação prega a missão da Umbanda como “manifestação do espírito para a prática da caridade” (Capelli, 2017; Cumino, 2019; Junior, 2017; Rohde, 2010; Souza, 1933). Ademais, “de sua raiz indígena a Umbanda recebe o amor a natureza e a influência do xamanismo caboclo e da pajelança, bem como o uso do fumo, que é considerado erva sagrada para os índios” (CUMINO, 2019, p. 55). A utilização de bebidas e fumo é justificada como necessária para a ampliação da consciência, além do uso das ervas sagradas para o manuseio dos banhos de descarrego e defumações que são heranças indígenas.

Através desses fatos, podemos concluir que a matriz umbandista é banhada de origens diversas, tornando sua estrutura complexa de símbolos, ritos e elementos culturais. Como afirma o autor Cumino (2019, p. 32): “(...) todas as religiões são formadas de cultos e culturas anteriores, que lhe emprestam símbolos, ritos e mitos combinados e ressignificados”. É justamente essa sobreposição de elementos que tornam a matriz religiosa da Umbanda heterogênea, multifacetada e com uma estrutura complexa. Essa complexidade é vista no próximo tópico em que descrevemos os cargos desempenhados pelos integrantes da religião, suas ritualidades praticadas e os elementos usufruídos nas giras e oferendas.

2.4 OS CARGOS, AS RITUALIDADES E OS ELEMENTOS DA UMBANDA

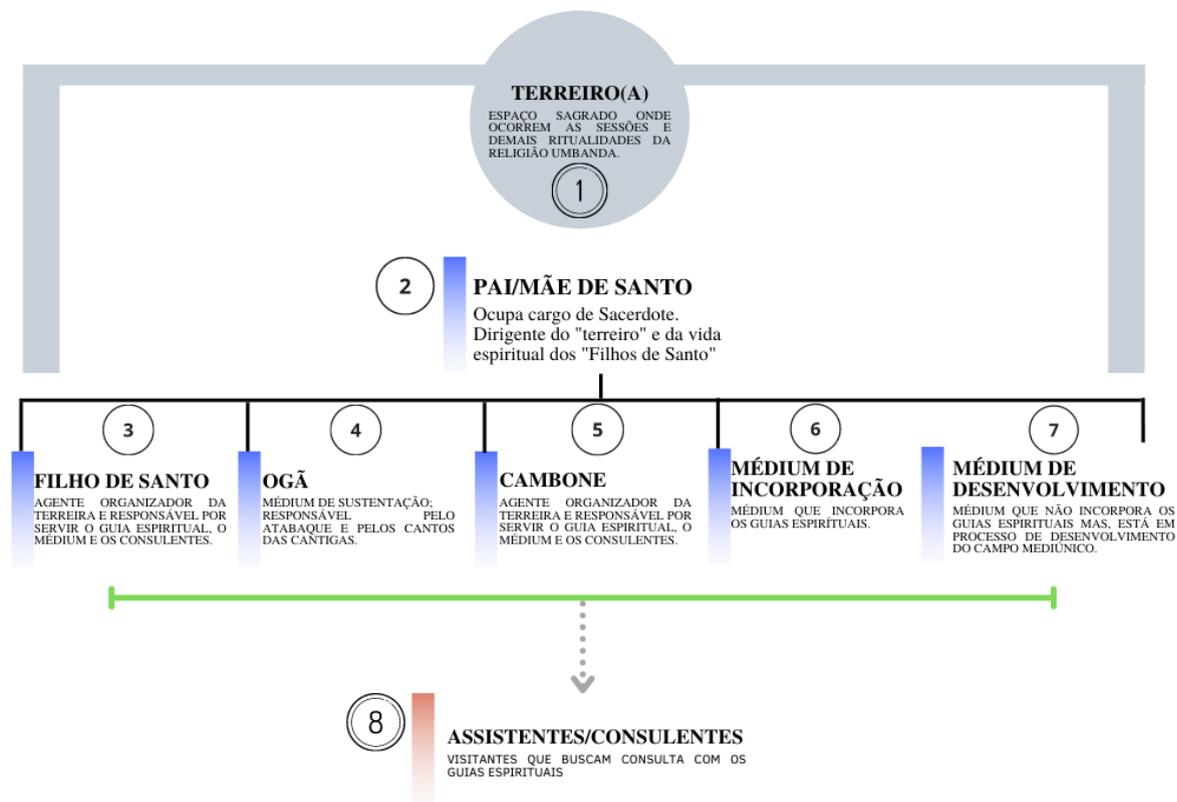
A Umbanda é uma religião com estrutura hierárquica própria, onde em cada cargo existem determinadas funções e responsabilidades. Os cargos e as funções são divididas nas seguintes representações: sacerdote, o filho de santo, ogã, cambone, médiuns de incorporação, médiuns de desenvolvimento e assistentes/consulentes. Na figura a seguir identificamos todos os cargos e funções dentro da religião Umbanda. Como núcleo centralizador, temos o espaço sagrado (terreiro). As cores cinzas evidenciam que, dentro do terreiro, encontram-se a representação do “Pai de Santo” ou “Mãe de Santo”. Logo abaixo, retratado pelas linhas pretas, estão os demais cargos e funções. Todos eles estão dentro do núcleo centralizador

¹² Nome que designa uma pessoa da religião Umbanda que faz a assistência no terreiro, responsável por servir as Entidades durante as sessões de incorporação.

¹³ Palavra de origem Quimbundo, uma das línguas Bantu, que significa Deus (CUMINO, 2019).

(terreiro) e possuem o mesmo objetivo, simbolizado pela linha verde e a seta cinza, que é atender os assistentes/consulentes que buscam por auxílio espiritual.

Figura 1 - Hierarquias, cargos e funções na Umbanda



Fonte: Flores (2022)

O "círculo 2" é representado pela figura do sacerdote denominado de pai de santo ou mãe de santo. Quem ocupa esse cargo tem como obrigação ser o dirigente espiritual do espaço (terreira) e orientador da trajetória mediúcnica dos médiuns de incorporação e de desenvolvimento. Não existe a possibilidade de conquistar esse cargo através de cursos de formação teológica, ele apenas é conquistado através da espiritualidade. Mas, para isso, ele precisa passar por diversos processos de iniciação que evidenciará sua dedicação e compromisso com a religião Umbanda (JUNIOR, 2014).

Na imagem a seguir, em pé, temos o sacerdote Alan Barbieri¹⁴ dando início a uma sessão de Umbanda no seu terreiro chamado de “Templo Escola de Lei”, localizado em São Paulo. De joelhos, encontram-se os seus filhos de santo que estão batendo palmas e orando.

Figura 2 - Sacerdote Alan Barbieri



Fonte: Observatório dos Famosos (2018).

O “círculo 3” é o “filho de santo” ou a “filha de santo” que são médiuns que iniciaram seu processo de inserção na religião Umbanda. Para essa pessoa cabe a responsabilidade de zelar pelo seu espiritual, cumprindo seus deveres com o espaço sagrado (limpeza e manutenção da terreira), seus Guias Espirituais (cumprimento de oferendas e demais ritualidades) e com seu sacerdote e irmãos de santo¹⁵ (respeitando-os com igualdade e fraternidade).

No “círculo 4” temos o “ogã” que é a pessoa encarregada de dar andamento ao toque do tambor e o canto das cantigas. “O ogã é um médium de sustentação, de firmeza durante os rituais, atento ao andamento da gira, a fim de, por meio do toque e do canto, manter a vibração necessária e desejada” (JUNIOR, 2014, p. 228). Portanto, o ogã tem papel fundamental na sustentação energética durante as ritualidades praticadas na terreira.

Já no “círculo 5” está o “cambone”, agente organizador que tem como função guiar o

¹⁴ Alan Barbieri é um líder religioso da religião Umbanda. O sacerdote adquiriu visibilidade devido às suas redes sociais e à plataforma do Youtube onde possui mais de 650 mil inscritos (informação datada no dia 24 de fevereiro de 2022). Encontraremos mais informações sobre essa figura religiosa no capítulo 3 e 4 deste trabalho tendo em vista que suas práticas midiáticas são fenômenos aqui estudados.

¹⁵ Dentro de uma terreira cria-se um laço familiar espiritual entre os praticantes da religião semelhante com o laço familiar consanguíneo. Logo, todos os integrantes de um mesmo centro de Umbanda são irmãos entre si e devem respeito ao seu sacerdote, que é retratado através do seu pai ou mãe de santo.

consulente até o médium de incorporação nas consultas mediúnicas, anotar as recomendações dos Guias Espirituais, servir o guia espiritual, auxiliar nos materiais (vela, cigarro, bebidas e afins) necessários para os médiuns. Ademais, o cambone é responsável por organizar fisicamente a terreira, mantendo-a em ordem nos dias de sessão e outras ritualidades (JARDIM, 2017).

Posteriormente, temos no “círculo 6” o “Médium de incorporação” que são pessoas que incorporam os Guias Espirituais com a afinidade de dar passes¹⁶ e consultas aos visitantes da terreira e aos próprios irmãos de santo. Em seguida, no “círculo 7” há o “Médium de desenvolvimento” que não incorpora mas, que está em processo de desenvolvimento do campo mediúnico para que, num futuro, possam incorporar seus Guias Espirituais.

E ao final dessa ramificação existe o “círculo 8” representando os “Assistentes/consulentes” que são visitantes que, ao longo das sessões de incorporação, aguardam uma consulta para que possam se comunicar com os guias espirituais. Essa consulta tem como finalidade trazer aos consulentes conselhos, orientações e esclarecimentos sobre algo que os angustiam ou dúvidas que os inquietam.

Todas as descrições são pertencentes ao espaço sagrado conhecido de forma genérica como “terreiro”, ilustrado pelo “círculo 1” pois todas as sessões iniciam e finalizam no espaço sagrado. Nada mais é do que um espaço físico que pode ser chamado de templo, de centro ou tenda de Umbanda onde ocorre a sociabilidade entre os religiosos, suas sessões de incorporação e todas as ritualidades. Existe uma necessidade do homem em exercer sua religiosidade de forma centralizada por meio de um espaço físico, um território onde é possível localizá-lo. Como afirma Santana (2021), os processos iniciáticos da Umbanda estão ligados a uma definição de identidade, portanto, a frequência a um território físico (terreira) proporciona aos fiéis o estabelecimento de quem se é. Aos católicos e aos evangélicos, o local de culto é a igreja, aos budistas é o templo; aos espíritas de Allan Kardec é os centros; e para os umbandistas a terreira é este espaço de centralidade.

O homem deseja situar-se num ‘centro’, lá onde existe a possibilidade de se comunicar com os deuses [...]. O corpo humano, assimilado ritualmente ao Cosmos [...] é também assimilado a uma casa [...] o templo ou a casa, por sua vez, são

¹⁶ Como elucida Cumino (s.d), a palavra “passe” possui origem kardecista e significa passar ou transmitir algo à alguém. No passe espírita, o médium manipula com suas mãos as energias e fluídos magnéticos através de técnicas mediúnicas que foram obtidas ao longo de seu desenvolvimento espiritual. Já no passe umbandistas, essa ritualidade ocorre através da incorporação do médium, portanto, o Guia Espiritual é que realiza tal passe. Complementando Cumino (s.d), o sacerdote e pesquisador SARACENI (2006) enfatiza que “enquanto nos centros espíritas usa-se o passe magnético, nos centros de Umbanda também se recorre aos passes energéticos, quando são usados diversos materiais (fumo, água, ervas, pedras ou colares, etc.) que descarregam os acúmulos negativos alojados nesses campos eletro-magnéticos” (SARACENI, 2006, p. 101).

considerados como um corpo humano. (ELIADE, 2019, p. 141-42 apud SANTANA, 2021, p. 112).

Além disto, o terreiro é o lugar onde encontram-se as imagens e utensílios utilizados nas cerimônias umbandistas. No congá, nome dado pelos umbandistas para designar o altar religioso, estão dispostas as imagens de santos católicos, as imagens de Orixás, de caboclos, de ciganos, de pretos-velhos etc. Ainda encontramos as velas, o copo com água que representa a vitalidade da vida e pureza; flores e ervas e alguns utensílios ritualísticos (defumador, incensos e pedras). A organização do altar religioso inicia-se através da imagem de Oxalá, que no sincretismo é representado por Jesus Cristo e situa-se na parte mais alta do Congá. Abaixo dele é posto as imagens dos demais Orixás, seguido das figuras dos Guias Espirituais. Na figura a seguir é possível visualizar a organização do altar religioso conforme descrito anteriormente.

Figura 3 - O Congá de Umbanda



Fonte: Terreiro de Umbanda (Blog Tamara Valentina, 2017)

Não podemos falar de ritualidade e de elementos sem falar dos Orixás. Saraceni (2018) elucida que Orixá é um poder de Deus (Olorum/Zambi) em forma de personificação, portanto, possui uma ligação direta com o criador do universo. Na visão do autor, Orixá é uma natureza divina criada pelo criador para que, através da irradiação de energias poderosas que ele concedeu aos Orixás, esses possam doar graciosamente essas energias aqueles que, por meio da oração e cantos, recorrem a fé em busca de ajuda. Conforme a doutrina umbandista de cada terreira, alguns Orixás são cultuados em suas ritualísticas e outros não. Todavia,

Jardim (2017) destaca os nove Orixás cultuados na Umbanda e neste quadro resumimos algumas informações sobre eles:

Quadro 2 - Os Orixás da Umbanda

ORIXÁ	SINCRETISMO	HISTÓRIA
Oxalá	Jesus Cristo	O primeiro criado por Deus e responsável pela criação da terra e dos seres humanos. Representado nas cores brancas.
Iemanjá	Nossa Senhora dos Navegantes	Orixá das águas salgadas (mares e oceanos). Considerada a mãe de todos os Orixás. Sua qualidade é a maternidade.
Oxum	Nossa Senhora Aparecida	Orixá das águas doces (lagos, rios e cachoeiras). Dona do ouro, do amor e da fertilidade. Representada pela cor amarela.
Iansã	Santa Bárbara	Orixá dos ventos, das tempestades e dos mortos. Tem sua qualidade de guerreira. Representada pela cor vermelha.
Xangô	São João Batista, São Jerônimo e São Pedro	Orixá das pedreiras, dos trovões, do fogo, da justiça e da sabedoria. Sua cor é marrom.
Ogum	São Jorge	Orixá das guerras, das lutas, das batalhas, das estradas, da abertura de caminhos, do ferro e do aço. Sua cor é vermelha ou vermelho e verde.
Oxóssi	São Sebastião	Orixá das matas e florestas, da caça e da colheita, da fartura, da abundância e da sabedoria. Sua cor é verde.
Nanã	Sant'Anna	Orixá das águas paradas e escuras, lagos, lagoas, pântanos, lodos, poços, lamas, barro. É a Orixá mulher mais velha. Sua cor é lilás ou roxo.
Obaluaê/Omolu	São Lázaro ou São Roque	Orixá da vida, da morte, da saúde e da doença, dos cemitérios e hospitais, da cura. Suas cores são branco e preto.

Fonte: Quadro elaborado por Flores (2022) com base em Jardim (2017, p. 80)

Os fundamentos e as práticas da religião Umbanda adotam uma ritualidade simples onde a liturgia é representada pelas cantigas e pontos cantados pelos médium. Contudo, ao longo do tempo, inúmeros recursos foram sendo inseridos nas sessões umbandistas. Segundo Junior (2014, p. 24):

A preparação do médium pautava-se pelo conhecimento da doutrina, com base no Evangelho, banhos de ervas, amacis e concentração nos pontos da natureza. Com o tempo e a diversidade ritualística, outros elementos foram incorporados ao culto, no que tange ao toque, canto e palmas, às vestimentas e, mesmo, a casos de sacerdotes

umbandistas que passaram a dedicar-se integralmente ao culto, cobrando, por exemplo, pelo jogo de búzios; porém, sem nunca deixar de atender àqueles que não podem pagar pelas consultas.

As sessões de Umbanda são constituídas por giras. As giras são cerimoniais onde ocorrem as incorporações de médiuns, as ofertas de oferendas aos Orixás e Guias Espirituais, as preces e saudações ao sagrado, os atendimentos e as consultas aos assistentes/consultantes e os passes (JUNIOR, 2014). Nas giras algumas ritualidades são percebidas como a defumação, os sacudimentos, as obrigações, por exemplo. A defumação é uma forma de limpeza espiritual em que utiliza-se carvão e algumas ervas (alecrim, benjoim, beladona, cascas de alho, canela, folhas de fumo, guiné e mirra) e é feita de forma organizada “no caso de residência ou comércio, prevalece o hábito de se defumar dos fundos para a porta de entrada (limpeza) e da porta de entrada para os fundos (energização)” (JUNIOR, 2014, p. 234). Já os sacudimentos são rituais de limpeza espiritual que possui a finalidade de retirar energias negativas das pessoas ou de algum ambiente. Para isso, algumas folhas são batidas ao longo do corpo do indivíduo ou nos cômodos da casa, exemplificando. A imagem a seguir ilustra uma gira de Umbanda em que os médiuns movimentam-se em volta de um círculo. Nesse momento, eles realizam suas rezas e danças em homenagem aos seus Guias Espirituais.

Figura 4 - Gira de Umbanda



Fonte: Ednilson Aguiar (O Livre, 2018).

E, por fim, as obrigações referem-se ao ato de cumprir os compromissos espirituais com seus Guias Espirituais e Entidades através da oferta de oferendas. São nessas obrigações

que o médium realiza seus agradecimentos, pedidos e entrelaça seu contato com a espiritualidade. Cada terreiro possui suas ritualidades obrigatórias que são realizadas em determinados períodos fixos ou esporádicos e que variam conforme a diretriz religiosa daquele centro de Umbanda. Como enfatiza Junior (2014, p. 237):

Existem obrigações menores e maiores, variando de terreiro para terreiro, periódicas ou solicitadas de acordo com as circunstâncias, conforme o tempo de desenvolvimento mediúnico e a responsabilidade de cada um com seus Orixás, com sua coroa (...). Embora cada casa siga um núcleo comum de obrigações fixadas e de elementos para cada uma delas, dependendo de seu destinatário, há uma variação grande de cores, objetos, características.

Importante salientar que as obrigações não são resumidas apenas em oferendas aos Orixás, há também abstenção de bebidas alcoólicas, da prática sexual e da ingestão de carne em dias próximos de obrigações. Junior (2014) ilustra que além desses compromissos obrigatórios, existe a utilização de alguns elementos nas ritualidades da Umbanda, como por exemplo, o uso de ervas (fundamentais nas defumações, chás e banhos) que variam conforme região e o Orixá do médium. Os banhos utilizados em ritualísticas com fins espirituais que servem para descarrego de energias negativas, banhos energizantes, banhos de sal grosso e outras variedades. As bebidas e os fumos servem como combustível para realizar as ritualidades e que, também, variam conforme Entidades e objetivo do trabalho espiritual. Na figura a seguir, podemos identificar um praticante de Umbanda, dentro da mata, presenteando seus Guias Espirituais com uma oferenda composta por frutas.

Figura 5 - Oferenda de frutas



Fonte: O Livre (2018).

Esses elementos ritualísticos também são encontrados nas vestimentas utilizadas pelos umbandistas. Por exemplo, o uniforme que é composto por calça e camiseta branca para os homens, e saia e calça branca para as mulheres. A cor branca representa a pureza do Orixá Oxalá. As guias também são parte do uniforme, elas são compostas por fios de contas e são reconhecidas como o colar de santo (JUNIOR, 2014). Sua preparação ocorre desde a montagem do fio de contas com as bijuterias até a energização dessa guia que é feita com as ervas de determinado Orixá. São diversas as variedades de cores e formatos das guias pois elas se alteram conforme o Orixá do médium. O mesmo ocorre com as velas ofertadas aos Orixás: o branco para Oxalá, o azul claro para Iemanjá, o amarelo para Oxum, o vermelho para Iansã, o marrom para Xangô e, assim, por diante. Na fotografia a seguir, identificamos essa variedade de cores e formatos de fios de contas que constituem a guia utilizada por uma médium de Umbanda.

Figura 6 - As guias dos Orixás



Fonte: Reprodução / MF Press Global. Observatório dos Famosos (2021).

A Umbanda possui diversas variações de obrigações e elementos utilizados em suas ritualidades. Por esse motivo, neste capítulo o intuito foi ilustrar, brevemente, as culturas oriundas da Umbanda para que o leitor compreenda a complexidade e dimensão da doutrina umbandista. Debateremos os diversos conceitos aplicados à Umbanda e como a religião originou-se através do mito de origem. Destacamos a importância do papel do negro na resistência e ao combate a intolerância religiosa, além dos elementos africanistas que foram inseridos na matriz religiosa. Evidenciamos a diversidade cultural dessa matriz e a pluralidade

de conhecimentos ritualísticos que a compõem. Em síntese, explicamos os cargos hierárquicos e a organização do espaço sagrado (terreiro), e aprofundamos as ritualidades e os elementos usados nas cerimônias religiosas.

Assim como as demais religiões, a Umbanda também tem sido impactada pela ampliação da presença da mídia na sociedade. No contexto social midiático, a Umbanda acaba por também se apropriar de espaços midiáticos para se comunicar com seu público através da utilização de redes sociais digitais e plataformas de vídeos como o Youtube, por exemplo. Essa movimentação representa uma tentativa de se conectar com os seus fiéis e não praticantes para além da copresença física em um terreiro. Com o objetivo de, por exemplo, difundir preceitos teológicos e ritualísticos, interagir com seguidores, angariar novos fiéis ou despertar o interesse de pessoas não praticantes de Umbanda. Além de demarcar espaço em redes sociais digitais como Instagram e Facebook para conectar com quem estiver por lá.

Esse processo de inserção da Umbanda aos ambientes virtuais não apenas ocorre de forma exclusiva nessas ambiências como, também, pode modificar os encontros que ocorrem dentro dos espaços físicos (terreiro) que são mediados por dispositivos tecnológicos. A figura a seguir retrata os bastidores da gravação de uma gira no Centro Espiritualista Umbandista Estrela Guia (CEU) localizado no bairro Saúde em São Paulo.

Figura 7 - Bastidores da transmissão de uma gira on-line



Fonte: Karime Xavier. Folhapress (2021).

No lado esquerdo da figura é possível identificar duas mulheres: uma delas está sentada e na sua frente há dispositivos eletrônicos como *notebooks*, *mouse*, equipamentos de iluminação e dois monitores direcionados aos médiuns que estão na corrente.

A presença desses dispositivos tecnológicos nos espaços sagrados e, simultaneamente, a expansão de líderes religiosos nos ambientes midiáticos intensificou-se em 2020 quando a pandemia de COVID-19 ilustrou uma crise mundial na saúde. Santana (2021) aponta como um dos fatores dessa expansão midiática da doutrina umbandista, os terreiros que foram fechados devido aos protocolos de prevenção contra o vírus, como o isolamento por exemplo. O impedimento das práticas religiosas no espaço sagrado fez com os líderes religiosos e fiéis buscassem novas alternativas para sanar a necessidade de vivenciar a experiência religiosa (SANTANA, 2021). Todavia, esse movimento de inserção de fiéis e líderes religiosos da Umbanda nas redes sociais digitais já ocorriam antes mesmo das consequências do cenário pandêmico.

Neste trabalho destacamos o caso do sacerdote umbandista Alan Barbieri, que, desde 2014 se posiciona nas redes sociais digitais, nos sites de ensino teológico e ritualístico à distância e na plataforma de vídeos Youtube. Todavia, para que possamos aprofundar os conhecimentos sobre o líder religioso e seus conteúdos compartilhados nos ambientes virtuais é necessário, num primeiro momento, o entendimento do fenômeno da midiatização. Frente a isso, no próximo capítulo aprofundamos os conhecimentos sobre a midiatização e os autores que embasam essa teoria. Discutimos sobre a midiatização da religião e a religiosidade on-line. E, por fim, debatemos sobre a Umbanda Midiatizada.

CAPÍTULO 3 - A UMBANDA MIDIATIZADA

Em uma abordagem que vislumbra a aceleração da presença da mídia na sociedade, a midiatização é assumida nesta pesquisa como um enquadramento teórico para discutir a possibilidade de uma religiosidade on-line da religião Umbanda por meio da circulação de conhecimentos teológicos e ritualísticos na plataforma do Youtube. Para embasar o debate, inserimos autores de diferentes partes do mundo para que possamos barganhar uma visão ampla e articulada sobre os conceitos de midiatização. Nesta investigação utilizamos o argentino Verón (1995 e 1997) os brasileiros Fausto Neto (2004; 2009 e 2010), Lemes (2017) e Sgorla (2014) e o dinamarquês Hjarvard (2014, 2014a e 2016) para conceituar o termo “midiatização”.

Em seguida, dissertamos sobre a midiatização da religião como a articulação complexa de sentidos, de formas, de ritualidades que acabam por reconfigurar as propostas de pensar e de fazer a religião; e a religiosidade on-line como o movimento de ressignificação e reconfiguração de vivências, de experiências e da relação profética com uma determinada doutrina religiosa em um ambiente digital (CUNHA, 2014; FAUSTO NETO, 2004; FEITOSA, 2014; TEIXEIRA FILHO; AZEVEDO JUNIOR, 2020; HJARVARD, 2014; 2014a; MARTINO, 2016; SANTANA 2021a, 2021b; SBARDELOTTO, 2014 e SGORLA, 2015). Por fim, utilizamos o termo “Umbanda Midiatizada” de forma metafórica para ilustrar o processo de inserção de uma religião de doutrina umbandista no ambiente digital do Youtube, no contexto de uma sociedade em midiatização (TEIXEIRA FILHO; AZEVEDO JUNIOR, 2019 e 2020; PINTO, F.; B., 2019; ROSSINI; RENNER, 2015; SANTANA, 2021a, 2022b; SBARDELOTTO, 2014 e SGORLA, 2015).

3.1 MIDIATIZAÇÃO: UM FENÔMENO

O ser humano é constantemente arrebatado por inquietudes, tanto em seus pensamentos quanto em suas atitudes. Se na esfera da religião e da religiosidade observamos seus questionamentos frente à criação do universo e a espiritualidade, a midiatização não só acompanha esse processo como a intensifica. No antigo testamento da Bíblia, Moisés recebeu de Deus alguns ensinamentos sobre condutas a serem adotados pela humanidade por meio de duas tábuas de pedra. Nada mais era do que “Os Dez Mandamentos” encontrados no livro Êxodo 20 (Bíblia On, 2022). Dentre as várias determinações, o criador do universo afirmou que o adultério, o furto, o homicídio, o falso testemunho e a cobiça eram práticas proibidas

aos homens. Ao receber os mandamentos, Moisés e seus seguidores empenharam-se em difundir através da comunicação os ensinamentos do criador.

A necessidade de se comunicar fez com que o indivíduo social buscasse maneiras de transmitir mensagens com outros atores sociais. No exemplo de Moisés, a escrita em tábuas de pedra possibilitou a distribuição da palavra de Deus e, complementando essa transmissão de emissor (Deus) e receptor (Moisés) através da oralidade, esse processo de troca de informações auxiliou na perpetuação de um processo comunicacional. Essa relação entre circulação em ambientes midiáticos e atores sociais é vista nos estudos de Mídiação e ganham complexidade conforme o advento de novas tecnologias. Entendemos a mediação como processo social recorrente da intensificação da presença das tecnologias na comunicação (sejam mídias tradicionais ou digitais) que reflete em mudanças significativas nas relações dos indivíduos, gerando configurações na cultura e na sociedade em seu todo. Isso ocorre em diversos setores da sociedade como a educação, a política e a construção de trocas entre indivíduos entre si.

Thompson (1998) afirma que o processo de mediação está presente na sociedade desde a invenção da Imprensa. Na visão do autor, esse evento revolucionou a comunicação entre pessoas e amplificou o alcance, independente de distâncias. Nesse viés, Gomes (2016) comenta que a mediação já levantava discussões muito antes da academia se preocupar com sua conceitualização no século XX. Para o autor, após a invenção da eletricidade, surgiram diversas ferramentas comunicacionais, por exemplo o rádio, que suscitaram reflexões por parte dos pensadores da época. Mas, o que é mediação?

Sgorla (2014) enfatiza que a mediação é um fenômeno discutido em vários ramos do conhecimento como a sociologia, as ciências políticas, a psicanálise e a economia, entre outros. Contudo, esses estudos da mesma forma que são diversos, pois são abordados em vários campos dos saberes, as conceitualizações teóricas em sua maioria encontram-se dispersas. Para a autora, a falta de problematização e a construção de delineamentos específicos possibilitaram por muito tempo uma análise superficial do conceito de mediação. Justamente porque o apontamento sobre a importância das mídias e o seu papel transformador na sociedade e na cultura eram realizados sem identificar os papéis atribuídos tanto às mídias quanto aos processos em si (HJARVARD 2014a, p. 266 apud SGORLA, 2014, p.26). Portanto, enxergar apenas o conceito de mediação não é uma alternativa viável mas, sim, compreender as múltiplas explicações de autores que dedicaram-se ao estudo desse tema.

Nessa mesma perspectiva, Gomes (2016) entende a midiatização como um conceito essencial para compreender a histórias dos meios e como eles geram mudanças comunicativas na construção da cultura, da sociedade e de práticas sociais. Para o autor, a midiatização não pode ser vista como uma esfera separada e, sim, “como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural” (Gomes, 2016, p.1). Logo, essas inter-relações dispõem uma troca dinâmica entre atores sociais e técnicas que surgem conforme o avanço das tecnologias, onde há uma afetação mútua entre os indivíduos e os meios, gerando transformações socioculturais.

Complementando, LEMES (2017, p. 41) entende a midiatização como “um processo interacional que, em ritmo acelerado, reorganiza a sociedade através da reconfiguração das formas de se comunicar”. No entendimento da autora, essa reconfiguração ocorre a partir do que a sociedade faz com os meios de comunicação e exemplifica com o surgimento de novos dispositivos técnicos que são disponibilizados no mercado e apropriados pelos indivíduos sociais. Os smartphones são um exemplo de dispositivos que modificaram a maneira dos atores sociais se comunicarem. Por meio de seus recursos, as possibilidades de comunicação via mensagem de voz, chamada de vídeo e os aplicativos de mensagem instantânea como WhatsApp e Telegram possibilitaram troca de informações em longas distâncias e num espaço curto de tempo.

Na perspectiva do pesquisador dinamarquês Hjarvard (2014a) visualiza a midiatização como uma teoria geral que possibilita conceituar o modo como as mídias implicam nas mudanças sociais e culturais. Salaria que a teoria da midiatização não é fechada e nem exclui outros enquadramentos, pois não é um conceito restrito. Ao contrário, promove o emprego de outras teorias, conceitos e metodologias que possam auxiliar no entendimento de seus fenômenos.

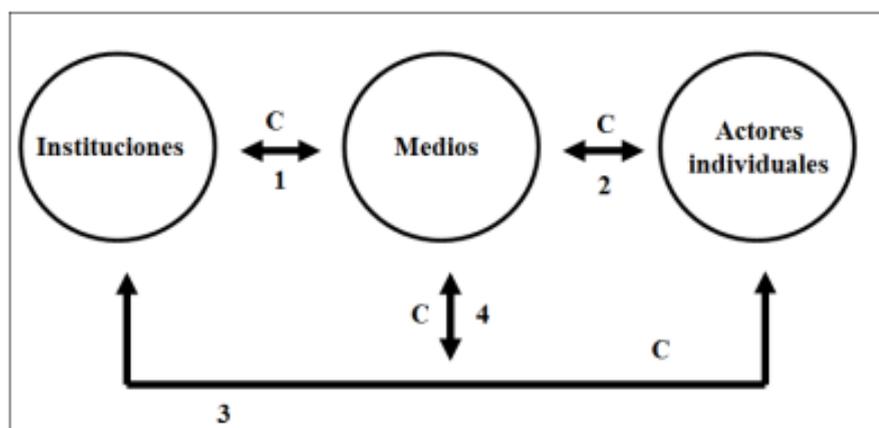
Para Borelli (2010), a midiatização se dá através de um amplo e complexo processo no qual os dispositivos midiáticos atuam sobre as práticas sociais de outros campos, estruturando e engendrando por meio de operações tecnossimbólicas. A autora dá como exemplo o processo de midiatização das instituições religiosas, em que “a mídia, suas lógicas e processos acabam afetando os modos pelos quais o campo religioso se estrutura para atingir seus públicos” (BORELLI, 2010, p. 16). O religioso que antes acompanhava as missas mediante a sua presença dentro da igreja, hoje consegue obter os mesmos ensinamentos teológicos de forma televisiva com o auxílio de equipamentos audiovisuais que possibilitam uma qualidade aprimorada e de forma instantânea sem a necessidade de um contato face a face:

Passa-se do púlpito para a televisão, a internet, o rádio e demais dispositivos midiáticos. Agora, não é mais necessário um contato face a face, pois o papel de geração e de manutenção de veículos entre a igreja e o fiel passa a ser realizado pela mídia e seus processos de produção de sentidos [...] Nesse processo de midiatização da sociedade, a mídia acaba afetando o modo de ser e de agir dos demais campos sociais. (BORELLI, 2010, p. 18).

A complexa relação entre o indivíduo e a influência dos fenômenos tecnológicos no tecido social é trazida por Fausto Neto (2009) que entende a midiatização como um conceito que procura compreender a emergência e o desenvolvimento de fenômenos técnicos que transformam-se em meios. Os meios inserem-se na sociedade de forma intensa e acelerada, modificando os atuais processos sócio-técnico-discursivos de produção, de circulação e de recepção de mensagens. Tais modificações causam o que o pesquisador chama de mutações que interferem na própria ambiência, nos processos, nos produtos e nas interações entre os atores sociais, as organizações e as instituições sociais (Fausto Neto, 2009).

Com o objetivo de realizar uma sistematização topográfica inicial do que seriam os processos de midiatização, Verón (1997) elaborou um esquema para a análise da midiatização. Sgorla (2014) explica que o autor ilustrou através de três instâncias - a primeira são as instituições, a segunda são os meios¹⁷ e a terceira são os atores individuais - o que ele considerava ser a organização e o funcionamento da midiatização:

Figura 8 - Esquema a análise da midiatização



Fonte: Verón (1997, p. 8 apud SGORLA, 2014, p. 29)

¹⁷ Nesta topografia, consideramos como meio de comunicação “um dispositivo tecnológico de produção-reprodução de mensagens associado a determinadas condições de produção e a determinadas modalidades (ou práticas) de recepção destas mensagens” (VERÓN, 1997, p. 13 apud SGORLA, 2014, p. 29).

Na figura podemos vislumbrar as relações entre os meios e as instituições mutuamente (C1); as relações dos meios com os indivíduos de forma recíproca (C2) e as relações dos atores individuais com as instituições e vice-versa; por fim, ilustra as afetações dos meios frente às instituições e aos atores individuais (C4). Nessa tentativa, Verón (1997 apud SGORLA, 2014) procura mostrar que os processos de mediação são formados por processos de afetações entre as instâncias, onde uma interfere na outra, implicando em todos os integrantes sociais dessa dinâmica social. Essas múltiplas relações possibilitam *feedbacks/retornos* não lineares estabelecendo transações interacionais complexas que afetam e reconfiguram as práticas e as relações entre as instituições, os meios e os atores individuais. Portanto, os fenômenos que ocorrem entre as instituições e os atores sociais são afetados pelos meios mas, os meios também podem ser afetados por aqueles e vice-versa. Por isso que esses processos de mediação são complexos porque são afetados e transformados constantemente uns pelos outros. Como afirma SGORLA (2014, p. 29):

Verón (1997) não somente visualiza a complexificação da mídia (sendo meios de comunicação de massa e mídias outras), mas associa a questão de processos vinculantes e de interação entre mídias e instituições e indivíduos – em uma lógica em que os campos instituem relações e também acabam por ser influenciados pelas relações instituídas nos processos.

Apesar de ilustrar o processo de mediação e suas diversas interações e afetações, entendemos que esse esquema não deve ser aplicado de forma genérica pois a mediação “não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades [...] é um desenvolvimento que se acelerou nos últimos anos do século XX, em sociedades modernas, altamente industrializadas e predominantemente ocidentais (...)” (HJARVARD, 2008, p. 113 apud Verón, 2014, p. 113). Por isso, o processo de mediação deve ser visto de forma complementar, atentando-se às peculiaridades de cada sociedade: seu nível de desenvolvimento socioeconômico, seus valores socioculturais, suas apropriações de dispositivos técnicos comunicacionais e demais fatores.

Tendo em vista que, a mediação não atinge de forma homogênea todas as sociedades é que se pôs à luz o conceito de “sociedade em vias de mediação” cunhado por VERÓN (2001). Como elucidada Sgorla (2014), ao invés de utilizarmos o termo “sociedade mediada” que conota um processo de mediação completo, esse termo tem sido atualizado e nomeado como “sociedade em vias de mediação”. Com essa atualização, o conceito designa uma sociedade que está em movimento - um devir - para um processo completo de mediação. Todavia, são sociedades que possuem uma predisposição à

expansão. No entendimento de Verón (2001) uma sociedade em vias de midiatização estrutura-se a partir da relação direta com a existência dos meios, afetando o funcionamento das instituições, das práticas e das culturas de uma sociedade.

Em entrevista para Sgorla e Pedroso (2014), o pesquisador Hjarvard salienta que nos últimos 30 e 40 anos houveram grandes influências dos pesquisadores norte-americanos e anglo-americanos nos estudos da midiatização. Ao realizarem esses estudos voltavam-se seus olhares a uma lógica comercial neoliberal, tornando as preocupações com os estudos de mídias questões de comercialização e neoliberalismo. Já na América Latina nos anos 1980, Verón (2001) destaca-se ao estudar a midiatização com uma visão semiótica e histórica sobre os meios de comunicação. Analisando os estabelecimentos das relações institucionais, das práticas, dos conflitos, das culturas que constituem-se através das mídias em uma sociedade em vias de midiatização. Em concordância com esse pioneirismo de Verón, Hjarvard destaca que: “Claramente, uma abordagem semiótica pode ajudar a compreender as maneiras como a mídia é entendida como linguagem, como tecnologias que estruturam a nossa forma de comunicar, inter-relacionar, significar, representar e assim por diante” (Hjarvard, 2014, p. 263).

Hjarvard evidencia alguns estudos sobre a midiatização como é o caso dos alemães Krotz e Heep (2013) que observam a midiatização “como um tipo de processo civilizatório que vem acontecendo desde o início da civilização, bem como detêm em uma perspectiva histórica muito extensa do processo de midiatização” (Hjarvard, 2014, p. 262). Mesmo sendo contrário a essa vertente - pois Hjarvard compreende a midiatização numa perspectiva institucional onde aquela refere-se a uma intensificação e aceleração nas diversas formas de mídia nas sociedades modernas - ele não descarta a importância dos estudos atuais sobre o fenômeno da midiatização. Como salienta o autor é necessário compreender os diversos domínios culturais, políticos e religiosos que são inseridos as instituições midiáticas e as práticas midiáticas em seus mais variados contextos:

Em outras palavras, as diferenças intelectuais na forma de pensar as mídias também se relacionam com as realidades de cada contexto midiático, o que nos faz entender que existem diferenças também no modo de pensar a midiatização, seja no contexto escandinavo, seja no contexto latino-americano (Entrevista de Hjarvard para SGORLA e PEDROSO, 2014, p. 263).

Por isso que o pesquisador, ao ser questionado sobre as metodologias aplicadas no estudo da midiatização, salienta que não há uma metodologia preferencial mas, sim, sugere a empregabilidade de variadas metodologias para a realização de uma análise diversificada em

seus níveis (Hjarvard, 2014). Até porque, na visão do autor, os últimos 10 anos foram estudados os papéis da comunicação de massa na sociedade e, agora, vivemos um momento em que esse meio se entrelaçam com as novas formas de mídias sociais formando uma nova estrutura:

O que se vê é uma nova estrutura em que temos meios de comunicação de massa, temos várias formas de mídias sociais, bem como temos diversas formas de mídia interpessoal, e todas estão interligadas umas com as outras. [...] o que precisamos pensar é como as várias práticas comunicativas estão interligadas e como a mídia se coloca nessas diferentes formas de comunicação (Entrevista de Hjarvard para SGORLA e PEDROSO, 2014, p. 264-265)

A midiatização exhibe o surgimento e o desenvolvimento de fenômenos técnicos que transformam-se em meios que, inserindo-se de forma intensa e acelerada, modificam os processos sócio-técnico-discursivos de produção, de circulação e de recepção de mensagens (FAUSTO NETO, 2009). Numa sociedade em vias de midiatização ocorre a complexificação do papel do receptor que age de forma mais fervil na produção da mensagem (LEMES, 2017). Por isso que neste trabalho de conclusão de curso, torna-se essencial compreender o conceito de circulação, a relação entre emissor e receptor que complexifica-se de modo que ambos adotam múltiplos papéis nesse processo comunicacional.

Lemes (2017) afirma que durante o início do século XX, os processos comunicacionais estudavam apenas dois pólos de interação constituídos por emissor e receptor. Nessas abordagens, a transmissão da mensagem era apenas uma passagem de informações onde o emissor (produtor do conteúdo a ser difundido) emitia para o seu receptor (quem receberia a informação de forma passiva). Ademais, as possíveis falhas na decodificação do receptor eram vistas como um ruído que atrapalhava a produção da mensagem pelo emissor. Portanto, a imagem de um receptor puramente passivo sujeito a apenas sofrer com as interferências comunicacionais desse processo. Um indivíduo que apenas senta-se na frente da televisão e consome as informações de forma disparada, sem ver que esse mesmo ator social pode ser fator transformador nessa inter-relação comunicacional. Essa virada de chave ocorre nos anos 80 e 90 quando os estudos de comunicação passam a ser voltados para o receptor, entendendo-o não mais como uma figura que é formada por uma massa passiva e, sim, um receptor que age de forma ativa nesse processo comunicacional (Lemes, 2017).

Nessa perspectiva, Ferreira (2011) coloca em evidência que na atualidade, o receptor não é somente um “público-consumidor” a mercê dos veículos de comunicação. Ao contrário, agora ele também ocupa uma posição de “produtor-consumidor”. O mesmo se aplica ao

emissor que passa a adotar comportamentos de “consumidor-produtor”. O que podemos identificar na leitura de Ferreira (2011) é que não existe um fim dos papéis de emissor e receptor mas, esses papéis se interseccionam e revezam-se. Para exemplificação, programas de televisão e, até mesmo, novos formatos de entretenimento como streamings e podcasts são demandados pelos seus públicos para a produção de determinadas pautas e conteúdos específicos aos quais eles possuem curiosidade, interesse ou necessidade de debate. Portanto, ao mesmo tempo que o público é um consumidor pois consome aquele conteúdo, ele acaba tornando-se, também, um produtor-consumidor ao reivindicar novas temáticas.

É nesse jogo de reconhecimento de novos papéis do emissor e receptor em uma sociedade em vias de midiatização que FAUSTO NETO (2010, p.15) afirma que com “os papéis de produção e recepção ressignificados e complexificados, as mídias passam a dividir a cena interacional nos campos sociais”. De modo que, para o pesquisador, a relação entre produção/recepção passa a sair de uma zona de passagem e gera novas formas de organizar e disputar discursos e sentidos. Esse novo cenário seria o que o autor chama de “nova arquitetura comunicacional”. Por essa razão que o autor define o conceito de circulação como um “dispositivo central, uma vez que a possibilidade e a qualidade das interações sociodiscursivas se organizam cada vez mais em decorrência da natureza do seu trabalho em dar forma à arquitetura dos processos comunicacionais (FAUSTO NETO, 2010a, p. 12). Já para Sbardelotto (2016) a circulação é um dispositivo organizador da comunicação que dá forma às ações comunicativas e as práticas sociais. Portanto, um processo coletivo em que os saberes-fazer-dizeres circulam através da intersecção de diversos agentes onde “os sentidos são reconstruídos intersubjetivamente, segundo determinadas lógicas e dinâmicas do processo comunicacional” (SBARDELLOTO, 2016, p. 252)

Como pontuado por Fausto Neto (2010), se a ressignificação e a complexificação dos papéis de produção e recepção estão ocorrendo nessa “nova arquitetura comunicacional”, cabe procurar respostas sobre como as mídias passam a dividir essa cena interacional nos campos sociais. Lemes (2017) traz alguns apontamentos de Braga (2012) sobre a conceitualização da “circulação de fluxo adiante”, uma espécie de “produto circulante” que são gerados dentro dessa circulação e que possibilita atravessamentos nos campos sociais. Por esse motivo, esse produto circulante é representado pelas conversações, debates, comentários e outros que multiplicam novos sentidos e significados sobre aquilo que o produtor queria comunicar em sua mensagem (LEMES, 2017).

Esse "fluxo adiante" acontece em variadíssimas formas - desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de

comentários - que podem resultar em textos publicados ou em simples "conversas de bar" sobre um filme recém visto; a uma retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); a uma estimulação de debates, análises, polêmicas - em processo agonístico; a esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta; passando ainda por outras e outras possibilidades, incluindo aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais (BRAGA, 2012, p.39).

Isto posto, o autor comenta que os campos sociais ao realizarem as articulações com todo social utilizam de táticas e tecnologias que encontram-se disponíveis no mercado, usufruindo-as conforme seus objetivos. Podemos vislumbrar essas articulações por meio da apropriação da produção de conteúdos audiovisuais realizados pelos atores sociais que tornam-se produtores amadores desses materiais. Segundo Rossini e Renner (2015) a produção audiovisual estava centralizada nos grandes veículos tradicionais como a televisão, por exemplo. Todavia, essas etapas de produção modificam-se com a chegada de novos atores sociais - sejam eles profissionais ou amadores - que reorganizam o processo produtivo. Se antes os grandes veículos de imprensa elaboravam o audiovisual a ser difundido para os espectadores, hoje quem realiza esse movimento é o próprio produtor amador. Além disso, esse produtor pode consumir determinado vídeo mas também produzi-lo da maneira que o convém. Justamente porque o avanço de tecnologias como câmeras, microfones e equipamentos de iluminação, computadores, além de software de edição de imagens e vídeos propiciaram as ferramentas necessárias para que o produtor-consumidor confeccione o seu próprio produto audiovisual.

Para Anderson (2006) a democratização dessas ferramentas promovem um aumento na quantidade de produtores, tendo como consequência a eficiência da economia digital que gera novos mercados. Ademais, a digitalização desses conteúdos e a difusão deles nos diversos suporte através da internet modificam a lógica da indústria midiática e, principalmente, as relações entre os mercados, produtores, públicos e produtos (ROSSINI e RENNEN, 2015,p. 3). Um exemplo disso são os vídeos no formato “recebidos do mês” populares no Youtube. A plataforma de vídeos foi fundada em 2005 por Chad Hurley e Steve Chen em Francisco, EUA. Atualmente, são mais de 2 bilhões de usuários mensais em todo o mundo, tendo 43% de todos os usuários globais da Internet que acessam o Youtube (AFFDE, 2022). Segundo dados do Portal Terra (2021), os brasileiros estão em segundo lugar no número de horas assistidas na plataforma, perdendo apenas para os EUA. Além disso, são mais de 105 milhões de usuários mensais no Brasil. Voltando aos vídeos no formato “recebidos do mês”, o Youtuber¹⁸ divulga as mercadorias, sejam elas itens cosméticos,

¹⁸ Nomenclatura usada para designar o produtor de vídeos que divulga seu material na plataforma do Youtube.

alimentícios, decorativos e afins, em seu canal na plataforma e tece críticas referentes às suas primeiras impressões sobre os produtos.

Aqui cabe realizar um adendo que por espectadores/usuários denominamos os indivíduos que, não somente assistem os vídeos publicados no Youtube, mas possuem cadastro de usuário na plataforma de vídeos. Deste modo, conseguem assistir o produto audiovisual e, também, reagem e comentam suas opiniões sobre o conteúdo visualizado. Essa interação pode interferir na produção do produtor-amador justamente porque o Youtube possui um caráter colaborativo “permitindo que os usuários participem ativamente de alguma forma no conteúdo em si, seja diretamente no website ou com outros usuários. Assim, a aplicação da alta interatividade pode ajudar a criar uma rede de relacionamento nos *websites*, propiciando a formação de comunidades” (NASSAR; VIEIRA, 2017, p. 126). Por intermédio do vídeo, o produtor amador compartilha suas opiniões com os seus espectadores/usuários e sugere locais ou endereços on-line onde pode ser feita a compra da mercadoria, podendo assim influenciar ou não os comportamentos de consumo de seus públicos do canal.

O Youtube não apenas modificou a forma de produzir vídeos colocando o produtor-amador em holofote como, também, transformou o consumo dos espectadores/usuários através de anúncios inseridos nos vídeos e nos espaços publicitários da plataforma. Ao estudar os dados disponibilizados pelo Google sobre o mercado brasileiro de imóveis, Werneck e Cruz (2009) afirmam que 72% dos compradores são impactados de forma positiva na decisão de compra pelos anúncios on-line. Sendo que, os anúncios de vídeos e banners animados são considerados os mais influentes conforme 75% dos compradores. Ademais, não apenas os anúncios interferem nas opiniões, ideais, tomadas de ações e, até mesmo, comportamentos dos espectadores/usuários.

Os comentários realizados na “caixa de comentários” durante a navegação no Youtube também possuem destaque e poder de influência. Coruja (2020), salienta que não podemos resumir os comentários realizados nessas caixas apenas como um ato de agenciamento de sujeitos ou grau de engajamento deles. Mas, sim, devemos compreender o que leva os sujeitos a sentirem-se mobilizados para participarem daquele canal através dos comentários. Sendo que o ato de comentar nas caixas, colocam esses sujeitos visíveis, tanto ao produtor-amador (Youtuber) quanto aos demais espectadores/usuários que fazem parte da audiência.

É necessário, para esse tipo de análise em canais no YouTube, compreender que os sujeitos engajados nas conversas não se conheceriam (não entrariam naquela relação) se não fossem movidos por um mesmo supertema. Fica claro que estão na caixa de comentários performando sua opinião em texto a partir de uma significação

partilhada e deixam indícios, respostas, e opiniões sobre seus sentimentos, conceitos e preconceitos (CORUJA, 2020, p. 321).

À vista disso, indicamos que a plataforma de vídeos Youtube é uma mídia que ilustra essa troca de mensagens e concede novos sentidos e significados através dos comentários feitos por usuários na plataforma, dos “joinhas¹⁹”, do compartilhamento do vídeo em outras redes sociais feitos pelos os usuários que navegam e interagem com esse ambiente virtual. Conseqüentemente, essa “circulação de fluxo adiante” denominada por Braga, 2012, perpetua-se entre os produtores-consumidores e consumidores-produtores agregando maior complexidade à nova arquitetura comunicacional que é posta dentro desse ambiente virtual. Esse exemplo mostra o que Rosa (2012, p. 77) entende como um processo de autonomia da circulação onde “cada vez mais os atores individuais são co-produtores dos discursos e geradores de sentidos”. No decorrer deste trabalho teremos outras exemplificações que evidenciam essa coprodução e geração de sentidos.

Por intermédio das mídias e com a aceleração dos avanços tecnológicos causados pela globalização e o capitalismo (CUNHA, 2014), é possível perceber que a sociedade evoluiu, aprimorando suas possibilidades de interação entre os sujeitos e construindo novos discursos, novos modos de relacionamento social e novas representações no espaço midiático que são realizadas devido a midiatização (Lima e Oliveira, 2010 apud SGORLA, 2014, p. 77).

Portanto, neste trabalho de conclusão de curso compreendemos o ambiente virtual do Youtube como uma ampliação da comunicação através da mídia digital, essa sendo intensificada pela midiatização e, especificamente, possibilita a ressignificação desses discursos e sentidos no que entendemos como a “nova arquitetura da comunicação”. Do qual não existe um fim dos papéis de emissor e receptor mas, sim, um processo de intersecção e revezamento entre eles (FERREIRA, 2011 apud SGORLA, 2014). Entendemos as redes sociais como novos espaços midiáticos em uma sociedade globalizada e atravessada por tecnologias de informação e comunicação que possibilita mudanças significativas no modo de pensar, de comunicar e de compartilhar novos sentidos. No próximo subcapítulo, abordamos sobre a midiatização da religião como a articulação complexa de sentidos, de formas, de ritualidades que acabam por reconfigurar as propostas de pensar e de fazer a religião. Também debatemos sobre a religiosidade on-line como o movimento de ressignificação e

¹⁹ Gíria que surgiu entre os produtores e consumidores de canais do Youtube, o "joinha" significa que você gostou e que foi agradável visualizar o conteúdo do vídeo. Essa gíria faz alusão também à ferramenta “gostei” que é disponibilizada dentro da plataforma. Ao clicar no “gostei”, o Youtube mensura a qualidade dos vídeos conforme o gosto do usuário e, ao mesmo tempo, sinaliza ao produtor do canal se o vídeo obteve sucesso ou não.

reconfiguração de vivências, de experiências e da relação profética com uma determinada doutrina religiosa em um ambiente digital. Para isso utilizamos alguns estudiosos como Cunha, 2014; Fausto Neto, 2004; Feitosa, 2014; Teixeira Filho; Azevedo Junior, 2020; Hjarvard, 2014; 2014a; Martino, 2016; Santana 2021a, 2021b; Sbardelotto, 2014 e Sgorla, 2015.

3.2 A MUDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO E A RELIGIOSIDADE ON-LINE

A religião é um dos fenômenos que mais inquietam o ser humano. A crença em algo superior a nós, que é onipotente, onipresente e criador do universo faz com que busquemos nesta imagem o conforto, a ajuda, a solução dos nossos problemas e angústias. Nesse jogo de sentimentos e crenças, o indivíduo religioso busca um local onde perpetuar sua fé, um local físico onde possa se ajoelhar, orar e desenvolver suas ritualidades. As igrejas, os templos e os centros são os ambientes de acolhimento dessa religiosidade. No caso específico da Umbanda, as terreiras são espaços sagrados vistos como centros de realidade do mundo umbandista (Santana, 2021a).

Todavia, esse ambiente físico também é atravessado pela evolução dos processos comunicacionais, especialmente em função da aceleração da presença da mídia na sociedade. A inserção dos editoriais de revista e jornais, os programas evangelizadores nas rádios e, há pouco tempo, a introdução de programas televisivos católicos e evangélicos sinalizam as tentativas de apropriação desses meios pelas instituições religiosas, seja para acompanhar o movimento de seus fiéis, seja para conquistar espaços frente a outras religiões. Cunha (2014) afirma que os anos 90 foram a virada de chave dessas instituições que, em destaque a católica, ao investirem financeiramente sua presença nos veículos televisivos e de rádio chegaram a competir com “concorrentes” já consolidados na mídia, tal como a Igreja Universal do Reino de Deus, pertencente a vertente evangélica. Esse movimento ilustra um processo comunicacional e midiático que reflete as transformações sociopolíticas vivenciadas pelo Brasil e o mundo:

O avanço do capitalismo globalizado a partir dos anos 90 imprimiu uma nova ordem mundial na qual o investimento tecnológico tornou-se estratégia determinante. A informação passa a ter espaço privilegiado, bem como os canais de comunicação. Uma ampla fatia da economia mundial passou a ser centrada na informação e na comunicação, e, no século XXI, a indústria da comunicação e informação se consolida como a maior do mundo. Fica solidificado o casamento entre o mercado e as mídias (CUNHA, 2014, p. 286).

Esses atravessamentos entre a religião, o avanço tecnológico e o capitalismo globalizado induz não apenas a criação de produtos específicos para esse público-alvo com o viés mercadológico (Cunha, 2014), mas gera modificações nos sentidos, nas formas e nas ritualidades dessas instituições. A água benta, batizada na Igreja pelo Padre ou Pastor, agora é substituída pelo copo com água e a oração verbalizada pelo próprio fiel mediado pela figura religiosa que apresenta-se através de um aparelho televisivo. Na figura a seguir, um dos apresentadores do programa “Fala Que Eu Te Escuto”²⁰ convida os telespectadores para prepararem seu copo com água para realizar a oração.

Figura 9 - Momento da oração



Fonte: Portal RD1 (2014)

A apropriação midiática pelas religiões deve ser examinada com cautela. Teixeira Filho e Azevedo Junior (2020, p. 172) salientam a importância de compreender a midiatização não “apenas como o processo de incursão religiosa nos meios de comunicação, ou ainda o uso da linguagem digital, mas sim o processo pelo qual a mídia institucionalizada reconfigura as propostas de se pensar e fazer religião”. Justamente porque não há uma sobreposição sobre mídia e religião e, sim, uma retroinfluência como explica Sbardelotto (2014):

²⁰ O “Fala Que Eu Te Escuto” é um programa de televisão brasileiro exibido ao vivo pela emissora Record Tv que tem como característica a interatividade com os telespectadores por meio do telefone e conta com quadros específicos que abordam temas atuais. Com viés religioso, o programa debate sobre a crença em Deus e nos ensinamentos como via de superação de problemas como violência, prostituição, drogas, brigas familiares. O momento mais esperado é o quadro “momento da oração” que ocorre no final do programa. O público do “Fala Que Eu Te Escuto” são mulheres (60%), da faixa etária dos 35 aos 49 anos (26%) e pertencentes a classe C (57%), a exibição do quadro impacta 31,4 milhões de telespectador e 28,1% de domicílios em âmbito nacional (COMERCIAL RECORD TV, 2022).

A religião é midiática, assim como a mídia é religiosa. Mídias e religiões se moldam entre si em uma espiral coevolutiva e coletiva, impulsionada também por práticas socioculturais localizadas que ocorrem no mesmo caldo cultural de uma sociedade em midiaticização. A análise, portanto, precisa perceber que o fenômeno se expande para além das “religiões” e para além dos “meios” como os conhecemos e concebemos, articulando-os de formas muito mais complexas. (SBARDELOTTO, 2014, p. 77-79).

A alteração e articulação complexa de sentidos, de formas, de ritualidades são característicos da midiaticização da religião. Santana (2021b) salienta que o estudo dessa expressão é recente, iniciado nos anos 2000 e obtendo maior destaque em 2010 por meio de artigos e, até mesmo, a criação de grupos de pesquisa como, por exemplo, o Grupo de Pesquisa em Comunicação e Religião na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). A midiaticização da religião é “uma forma contemporânea de representação e vivência do religioso [...] poderia ser entendida como a articulação dos processos sociais - no caso, as concepções e práticas religiosas - com o ambiente midiático ao redor” (MARTINO, 2016, p. 145). Utilizando do exemplo da figura anterior, o copo com água ilustra um processo social voltada a concepção: o fiel acredita na ação do elemento água e que ao ingerir irá “tomar” a benção desejada. Também mostra uma prática religiosa, ritualidade de manipular a reza, pertencente a uma determinada doutrina religiosa com o objetivo de emanar uma força ou energia à um objeto. Neste caso o copo que, ao ser transmitido através do meio midiático e veiculado em um canal aberto de TV atinge milhões de telespectador que puderam concretizar suposta ritualidade.

Portanto, a midiaticização da religião possibilita diversas concepções de religiosidades, proporcionando ao religioso uma pluralidade de formas de interpretação simbólica, modificando valores e expandido os entendimentos frente ao conteúdo doutrinário. Ademais, esse processo midiático viabiliza o protagonismo desse fiel que poderá não apenas realizar a ritualidade como, também, ressignificar seus pontos de vista perante sua própria fé:

O processo de midiaticização da religião, embora possa ter algumas de suas origens recentes localizadas no Ocidente, parece se mostrar um fenômeno global, no qual diversas manifestações das religiosidades, em suas diversas potencialidades de formas e expressões, ganham uma outra dimensão quando articulada com os processos midiáticos que as circunscrevem. (MARTINO, 2016, p. 145)

Apesar da midiaticização da religião tensionar novas apreciações de doutrinas, de dogmas, de interpretações e de práticas religiosas, cabe realizar um adendo de que esse movimento não materializa uma nova religião em si mas, como reforça HJARVARD (2014, p.

27 apud SANTANA, 2021b, p. 7), concede “uma nova condição social em que o poder de definir e praticar a religião mudou”. Essa mudança possibilita uma atuação do ator social (o fiel/o religioso) mais preponderante e independente frente às instituições, justamente porque “o fenômeno midiático amplia a semântica cultural da religião, ultrapassando as próprias instituições religiosas e suas propostas de controle, abrindo-se às múltiplas construções de sentidos sociais” (SBARDELOTTO, 2014, p. 82).

Se a midiaticização proporciona diversas concepções de religiosidade, desde sua interpretação até o modo de se fazer, ampliando a semântica cultural da religião e abrindo múltiplas construções de sentidos sociais, torna-se fundamental entender a midiaticização através dos processos comunicacionais via mídias sociais digitais²¹. Tendo como base os seus estudos sobre o catolicismo, Sbardelotto (2014) elucida o que seria a midiaticização digital da religião:

Permite entrever o surgimento de uma “religião pública” - não necessariamente “invisível”, “não doutrinal”, “implícita”, ou “escondida”, como defendem alguns estudos -, na qual o reconhecimento de um poder simbólico compartilhado socialmente, mediante experimentação religiosa - neste caso, cristã - vai deslocando o papel central das instituições eclesiais no estabelecimento de crenças e práticas e na configuração do culto cristão na sociedade contemporânea (SBARDELOTTO, 2014, p. 74).

Logo, essa religião no entendimento do autor é algo “público” pois desloca o papel central das Igrejas, Templos e Centros como detentores do estabelecimento de crenças e práticas religiosas e colocando, também, “na mão” do fiel esse poder de nomear e narrar o divino. Com isso, o fiel obtém certa autonomia em realizar sua religiosidade sem necessariamente estar restrito às coordenadas de uma organização religiosa.

Entendemos como midiaticização digital da religião, o processo em que a religião é atravessada pelos avanços tecnológicos que possibilitam novos ambientes de interação do religioso com a doutrina. Representando uma modificação dos processos comunicacionais das instituições religiosas que, ao perceberem as necessidades de expandir seus credos e crenças às pessoas, apropriam-se das ambiências digitais. Um exemplo disso são as mídias digitais que oferecem um leque de possibilidades de viver essa doutrina religiosa conforme os ambientes virtualizados como sites, portais e streamings.

Cabe ressaltar que, como dito ao longo do capítulo, a religião e as mídias não se sobressaem uma sob a outra e, sim, se retroinfluenciam de forma coevolutiva

²¹ De mídias sociais digitais entendemos como “quaisquer tecnologias ou práticas on-line que permitem o compartilhamento de conteúdo, opiniões, ideias, experiências e mídias, possibilitando conversações sobre o que é relevante” CORRÊA (2009, p. 164).

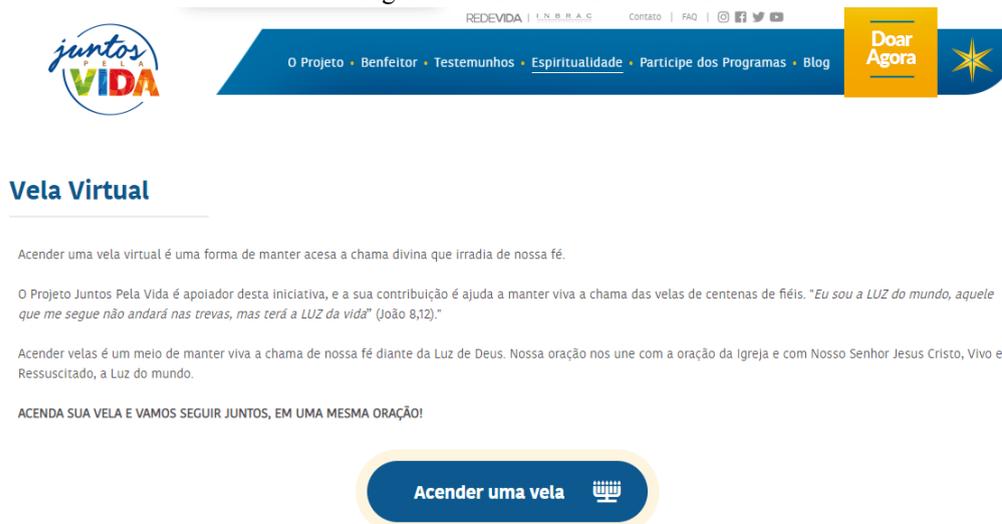
(SBARDELOTTO, 2014). Numa sociedade globalizada, onde os processos comunicacionais são constantemente aperfeiçoados conforme o surgimento de novas tecnologias, as demandas dos consumidores por novos saberes e as práticas das concorrências - para o catolicismo, o crescimento da doutrina evangélica nas mídias, por exemplo - intensificam a necessidade de responder de forma assertiva esses anseios dos fiéis por meio de estratégias coerentes ao tempo, ao espaço e aos sujeitos envolvidos (Texeira Filho e Azevedo Junior, 2020, p.174).

A mídia religiosa, por exemplo, é avaliada por Gasparetto (2010) na apropriação das técnicas e novas tecnologias de informação e comunicação, mas principalmente pelo atendimento de demandas do mundo da vida em que orientação, sensibilidade e portanto atendimento estão presentes nas práticas religiosas mediadas pelos meios. [...] Como observa Sbardelotto (2012) a questão não está no que a religião faz com a mídia, mas sim como é a nova crença que nasce no contexto midiático, especialmente no ciberespaço. (FILHO E JUNIOR, 2014, p. 174)

Portanto, a tomada das mídias digitais pelas instituições religiosas é uma alternativa para tornar a interação daquele fiel mais próximo de forma fluída e rápida. Através dessa interação, organização, percepção e expressão do religioso, a midiática da religião transforma-se no que Sbardelotto (2014) chama de um poderoso motor de orientação social e cultural que nasce dessa interface que é multiforme e que origina um “meio” múltiplo e mutante. Para o autor, seria um fenômeno-terceiro que emerge do espaço comunicacional entre processos sociotécnicos (mídias) e processos sociotranscendentais (religião). Meio esse que, no entendimento do estudioso, possibilita uma interação maior de pessoas e diversas culturas em maior amplificação de distâncias territoriais e num tempo cada vez mais reduzido.

Feitosa (2014) evidencia que com a expansão da internet, algumas práticas ritualísticas, que antes só eram possíveis de serem feitas dentro de uma Igreja ou de forma presencial, passa a ser realizado por meio dos ambientes virtuais. É o caso das velas, elemento essencial para os católicos em suas orações. A vela, hipoteticamente, só poderia ser acesa tendo o objeto em sua forma física e um fósforo para incendiá-la. No ambiente virtualizado essa relação se modifica, não é preciso ter em mãos a vela para obter uma luz, basta acessar um portal e realizar um cadastro. Após isso, o fiel é direcionado a uma página onde ele aperta em “acender a vela”. Na figura a seguir, mostramos o portal “Juntos Pela Vida”, onde obtém-se a oportunidade de acender sua vela virtualmente.

Figura 10 - Acender uma vela virtual



The screenshot shows the top navigation bar of the 'juntos pela vida' website. The logo is on the left, followed by social media icons and a 'Doar Agora' button. Below the navigation bar, there is a section titled 'Vela Virtual' with a paragraph explaining the concept and a large blue button labeled 'Acender uma vela' with a candle icon.

REDEVIDA | I.N.B.R.A.S. Contato | FAQ | @ f b t w y

O Projeto • Benfeitor • Testemunhos • Espiritualidade • Participe dos Programas • Blog

Doar Agora

Vela Virtual

Acender uma vela virtual é uma forma de manter acesa a chama divina que irradia de nossa fé.

O Projeto Juntos Pela Vida é apoiador desta iniciativa, e a sua contribuição é ajuda a manter viva a chama das velas de centenas de fiéis. "Eu sou a LUZ do mundo, aquele que me segue não andarás nas trevas, mas terá a LUZ da vida" (João 8,12)."

Acender velas é um meio de manter viva a chama de nossa fé diante da Luz de Deus. Nossa oração nos une com a oração da Igreja e com Nosso Senhor Jesus Cristo, Vivo e Ressuscitado, a Luz do mundo.

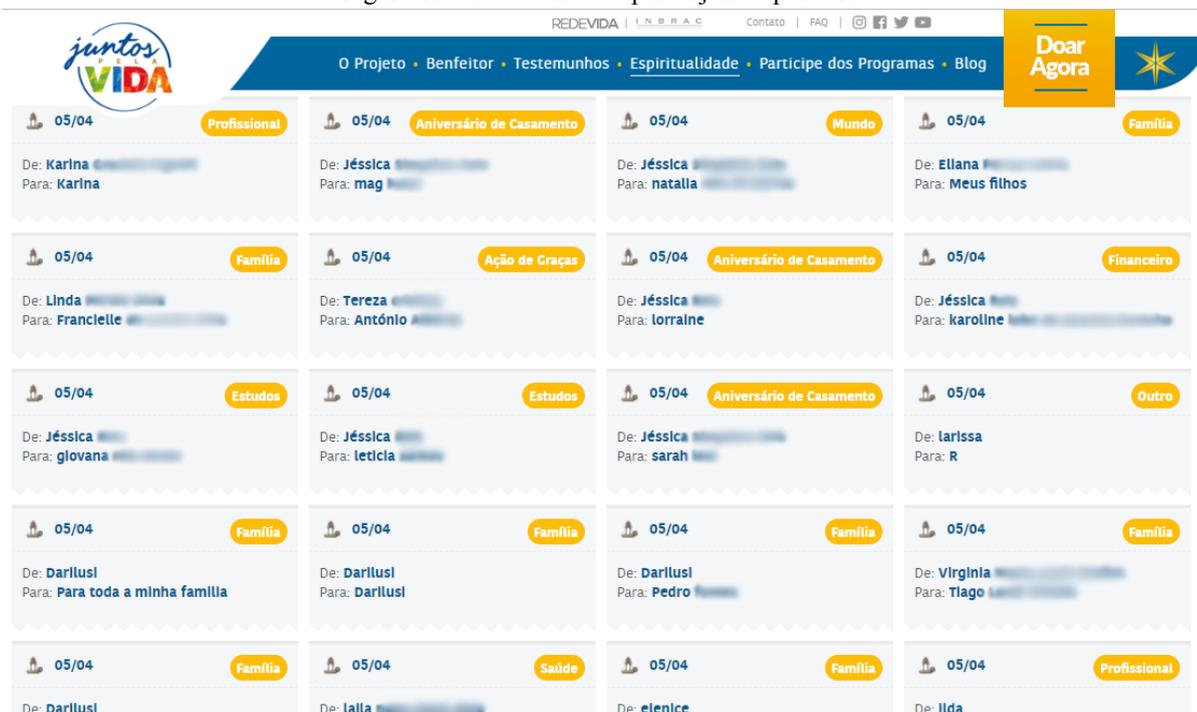
ACENDA SUA VELA E VAMOS SEGUIR JUNTOS, EM UMA MESMA ORAÇÃO!

Acender uma vela 

Fonte: Vela Virtual. Juntos Pela Vida (2022)

Observa-se que este portal não oferta apenas a oportunidade de acender a vela, propicia-se também aos fiéis as opções de inserir o nome de quem a solicitou, o motivo dessa ação - se ocorreu por motivos de falecimento, de agradecimento ou de solicitação de pedidos e desejos - no mesmo ambiente virtual. A figura a seguir ilustra usuários que fazem uso dessa experiência.

Figura 11 - Os usuários do portal juntos pela vida



The screenshot shows a grid of virtual candles on the 'juntos pela vida' website. Each candle card displays a date (05/04), a category, a sender name, and a recipient name. The categories include Professional, Aniversário de Casamento, Mundo, Família, Ação de Graças, Aniversário de Casamento, Financeiro, Estudos, Outro, Saúde, and Profissional.

REDEVIDA | I.N.B.R.A.S. Contato | FAQ | @ f b t w y

O Projeto • Benfeitor • Testemunhos • Espiritualidade • Participe dos Programas • Blog

Doar Agora

05/04 Profissional De: Karina Para: Karina	05/04 Aniversário de Casamento De: Jéssica Para: mag	05/04 Mundo De: Jéssica Para: natalla	05/04 Família De: Ellana Para: Meus filhos
05/04 Família De: Linda Para: Francielle	05/04 Ação de Graças De: Tereza Para: António	05/04 Aniversário de Casamento De: Jéssica Para: lorraine	05/04 Financeiro De: Jéssica Para: karoline
05/04 Estudos De: Jéssica Para: glovana	05/04 Estudos De: Jéssica Para: leticia	05/04 Aniversário de Casamento De: Jéssica Para: sarah	05/04 Outro De: larissa Para: R
05/04 Família De: Darlusi Para: Para toda a minha família	05/04 Família De: Darlusi Para: Darlusi	05/04 Família De: Darlusi Para: Pedro	05/04 Família De: Virginia Para: Tiago
05/04 Família De: Darlusi	05/04 Saúde De: laila	05/04 Família De: elenice	05/04 Profissional De: Ilda

Fonte: Vela Virtual. Juntos Pela Vida (2022)

Na ótica de Feitosa (2014), essas manifestações religiosas on-line crescem a cada dia justamente porque as instituições buscam reconectar-se com o fiel remanescente que, por diversos motivos, deixou de ir em missas presenciais. Essa mobilização também é, de acordo com a autora, uma tentativa de manter um diálogo com a juventude que é conectada com a internet: “Atenta aos novos tempos ao novo formato da comunicação, a Igreja tem alcançado seu objetivo de reencontrar a ovelha perdida, achando-a on-line” (FEITOSA, 2014, p. 63).

Enfatizamos que a religião não é regulada e nem controlada pelas mídias. Ao contrário, ela estabelece condições para se pensar uma nova distribuição do poder e da prática religiosa (Teixeira Filho e Azevedo Junior, 2020), sofrendo diferentes formas de impactos e afetações que acionam novas formas de praticar o sagrado. Nessa mesma compreensão, Sbardelotto (2014) frisa que o processo de midiaticização digital da religião permite o reconhecimento de um poder simbólico compartilhado socialmente por via da experimentação religiosa, tendo como consequência o deslocamento do papel central das instituições. O estabelecimento de crenças, regras, práticas ritualísticas deixam de ser centralizadas em uma única instituição e passam a ser configuradas de forma pública através das mídias. Esse deslocamento, na visão de Fausto Neto (2004, p. 3), possibilita o que ele chama de “céu aberto do mercado simbólico de natureza midiática” (apud SBARDELOTTO, 2014, p. 80).

Compreendemos que, ao inserir-se em ambientes virtuais e ao disponibilizar ferramentas que possibilitam a perpetuação de ritualidades como acender uma vela, as instituições religiosas promovem a prática de uma “religiosidade on-line”. Adotamos neste trabalho como “religiosidade on-line” o movimento de ressignificação e reconfiguração de vivências, de experiências e da relação profética com uma determinada doutrina religiosa em um ambiente digital. Por meio dessa ambiência virtualizada, o fiel vive uma nova forma de praticar suas rezas, preces, orações, pedidos e agradecimentos (SBARDELOTTO, 2014; SATANA, 2021 e 2021b). Como enfatiza Feitosa (2014), o estudo sobre a religiosidade on-line é recente e pode ser observado através de diversas óticas de estudo. Neste trabalho não temos como objetivo definir o conceito concreto de religiosidade on-line pois essa tarefa ainda exige novos avanços, aprofundamentos e estudos acadêmicos. Entretanto, procuramos analisar tal forma de praticar a religiosidade com o intuito de entender essas novas formas de contato com os fiéis. Justamente porque compreendemos esse movimento como:

[...] um momento de ressacralização do mundo, não mais com a aura, segundo conceito de Walter Benjamin, nos locais de culto e nos objetos religiosos, mas a sacralização do consumo da religião como entretenimento, tendo o sagrado se manifestando em estúdios de rádio e TV, na internet [...]. (FEITOSA, 2014, p. 90)

Como observa Basher (2004 apud SBARDELOTTO, 2012b), a religiosidade on-line não apenas viabiliza mudanças significativas nas experiências religiosas como, também, transforma o caráter da religião tornando-a tanto sinal como produto da mudança. Essa religiosidade on-line auxilia na comunicação entre os fiéis e as doutrinas religiosas que, num contexto de espaço físico, muitas vezes, não conseguem impactar, entrelaçar e interceptar novos seguidores religiosos. Isso ocorre por questões de limitações de geolocalização. Feitosa (2014) esclarece esse cenário:

Assim como o espaço físico, o sagrado tem explorado o espaço virtual com suas capelas, seus estudos bíblicos e rituais com o objetivo de produzir e alimentar a fé. Da mesma forma que instituições educacionais, comerciais e financeiras disponibilizaram o acesso virtual ao público, a Igreja também se viu compelida a propiciar aos seus fiéis um novo tipo de experiência religiosa: a on-line. Com a internet, povos não alcançados pelo evangelho pelos métodos tradicionais de envio de missionários podem ter a oportunidade de conhecer uma nova experiência de fé através do meio digital. (FEITOSA, 2014, p. 76).

Indícios dessa religiosidade on-line podem ser observados nos portais e sites de instituições religiosas que oferecem uma gama de serviços que possibilitam a barganha de novos conhecimentos teológicos. Podemos considerar o site “Comunidade Alan Barbieri” (<https://alanbarbieri.com.br/>) do sacerdote umbandista Alan Barbieri como um exemplo de espaço midiático que estimula o desenvolvimento de uma possível religiosidade on-line. A figura a seguir, ilustra uma das possibilidades de consumo do conhecimento religioso por meio de filmes e documentários disponibilizados neste portal digital.

Figura 12 - Filmes e documentários disponibilizados no portal do Alan Barbieri



Fonte: Portal Comunidade Alan Barbieri, 2022.

A figura mostra produções cinematográficas de conteúdo teológico espírita como “Kardec” produzido em 2019 e “O Filme dos Espíritos” de 2011. O portal “Comunidade Alan Barbieri” ainda conta com documentários de teologia umbandista como “Eu, Oxum” de 2017 e “Santo Forte” de 1999. Como dito anteriormente, uma sociedade globalizada é atravessada por vieses sociopolíticos, geopolíticos e mercadológicos. A religiosidade on-line é um reflexo desses fatores que, também, interseccionam a maneira de pensar e de fazer religião. Na perspectiva de Sbardelotto (2012b) não podemos visualizar a religiosidade on-line como algo à parte mas compreender que ela está “em conexão com as dinâmicas e as transformações globais da religião e da religiosidade na sociedade contemporânea em geral” (HØJSGAARD, 2005, p. 61, tradução do autor apud SBARDELOTTO, 2012b, p. 33). Esse novo fazer religioso proporciona também espaços para as religiões que antes não se apropriaram dessas ferramentas, como é o caso da Umbanda. No próximo tópico analisamos esse processo de retroinfluência da midiatização digital da religião com a Umbanda através da inserção de sacerdotes nos portais, sites, redes sociais digitais e *streamings*.

3.3 A UMBANDA MIDIATIZADA

Como dito anteriormente, a midiatização digital da religião está relacionada ao processo em que a religião é atravessada pelos diversos avanços tecnológicos que proporcionam novos ambientes digitais de interação do fiel com a doutrina religiosa. Além disso, esse processo auxilia no reconhecimento de um poder simbólico compartilhado socialmente, que desloca o papel centralizador das instituições (Sbardelotto, 2014). Com isso o poder simbólico induz a troca de ideais, ao diálogo, as reinterpretações sobre conhecimentos teológicos e ritualísticos.

Sgorla (2015) explica que o aumento de possibilidades de acesso dos indivíduos sociais com as mais diferentes mídias, transformadas em meios, permitiu a ascensão de produtores amadores que, agora, podem divulgar suas articulações de discursos sem a necessidade de tanta expertise. Na atualidade, quem produz a notícia, a informação e, em vários casos, o conteúdo é o próprio indivíduo amador. Isso ocorre também quando tencionamos religião e midiatização. A igreja que, antes era a principal instituição responsável por manter propostas de controle do fazer e do pensar da religiosidade do fiel, deixa de ter o monopólio dessa fé. Ocorre que o fiel torna-se protagonista dessa produção doutrinária.

Sbardelotto (2014), a partir de seu estudo contextualizado na religião católica, afirma que as lógicas midiáticas complexificam o fenômeno religioso e as processualidades comunicacionais, tendo como resultado, um deslocamento das práticas de religiosidade para o ambiente on-line:

Modalidades tradicionais passam se digitalizar - estendendo e desdobrando a instituição e suas práticas para a internet, traduzindo a tradição e os ritos históricos ao ambiente digital - e novas modalidades de culto cristão passam a surgir com as possibilidades introduzidas pela cultura digital - desafiando e questionando a teologia e a doutrina mediante uma reatualizado do culto em sua inculturação específica no contexto social (SBARDELOTTO, 2014, p. 80).

Essa movimentação também é analisada na religião Umbanda (Teixeira Filho e Azevedo Junior, 2019, 2020; e Santana, 2021, 2021b) tendo como objeto de estudo as sessões e giras difundidas nas transmissões ao vivo do Youtube e a proliferação de canais de conteúdo umbandista nesta mesma plataforma de vídeos. Pinto, F. B (2019) explica que as novas formas de consumo - aplicativos de computador, sites de filmes on-line, serviços *on demand* da TV a cabo e plataformas de *streamings* - podem agora serem vistas em qualquer tela, em qualquer lugar ou ocasião, basta ter o acesso ao aparelho e à internet.

Destaca ainda que nesse cenário, a produção desse conteúdo também está descentralizada dos seus respectivos espaços tradicionais tendo como consequência, novos atores sociais que reorganizam o processo produtivo e, ao mesmo tempo, intensificam uma democratização e ampliação desse mesmo processo (Rossini e Renner, 2015 apud Pinto, F., B., 2019). Um exemplo disso é as transmissões ao vivo no Youtube de ritualidades umbandistas. Se antes o indivíduo precisava ir até a terreira para ouvir uma palavra, hoje ele pode acessar esses conhecimentos por meio de um computador conectado à internet. Já a figura sacerdotal, ao inserir-se nesse meio, reorganiza essa produção intensificando a democratização de fazeres e de saberes umbandistas, e ampliando ainda mais essa movimentação.

A produção de conteúdo umbandista em portais e demais mídias digitais parece refletir no encaminhamento de uma “Umbanda Midiatizada”. Adotamos neste trabalho o termo Umbanda Midiatizada como uma metáfora para ilustrar o processo de uma religião de doutrina umbandista que “fragmenta-se para também surgir para o espectador, no espaço virtual e acaba por reconfigurar aspectos comunicacionais e basilares da religião” (SANTANA, 2021, p. 109). Esses aspectos comunicacionais que são reconfigurados pontuam oportunidades para que os fiéis possam também debater e ensinar o fazer e o pensar religião:

A mídia religiosa no contexto da Umbanda é operada por diferentes praticantes, que interpretam seus rituais e dão sentido a eles em contato com outros fiéis, mediada por dispositivos tecnológicos. Dessa forma, a midiática da Umbanda acompanha o que Jungblut (2012) aponta sobre dar voz ao indivíduo na religião, bem como a descentralização do poder para interpretação da religião (HJARVARD, 2016). (TEIXEIRA FILHO; AZEVEDO JUNIOR, 2019, p. 228).

A divulgação de conhecimentos teológicos e práticas umbandistas são visualizadas através de portais, sites e nas redes sociais digitais. A revista Veja São Paulo (2019) publicou uma reportagem de capa com o título “Umbanda é Pop” e um dos assuntos abordados foi os sacerdotes umbandistas que utilizam das redes sociais para divulgar seus trabalhos e terreiros, além de difundir os conhecimentos religiosos através do Youtube. Importante apontar que dentre os entrevistados nesta reportagem encontra-se Alan Barbieri, líder religioso que é que é estudado nesta pesquisa. Na figura a seguir, temos a capa da reportagem citada. Nela, o Pai Marcelo Carvalho, sacerdote de Umbanda, aparece em frente ao seu congá (altar). Seu terreiro é localizado em Tatuapé no Estado de São Paulo:

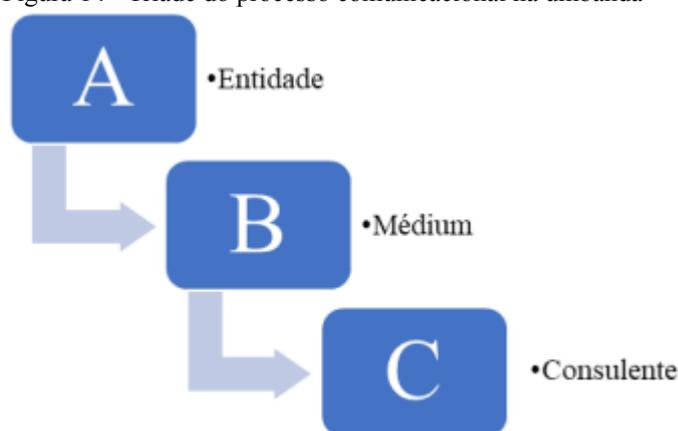
Figura 13 - Capa da Veja São Paulo com manchete “Umbanda é pop”



Fonte: Ricardo D'Angelo, Revista Veja São Paulo, 2019.

Santana (2021b), ao analisar os conteúdos no Youtube do sacerdote Adérito Simões²², identificou que o ambiente digital proporcionou uma reconfiguração no principal fundamento da doutrina umbandista que determina que a Umbanda é a manifestação do espírito para a caridade (Cumino, 2019). Na perspectiva do autor, esse fundamento estabelece três elementos que compõem o processo comunicacional da Umbanda: a Entidade, o Médiun e o Consulente. Para que a Entidade possa inserir-se no plano terreno e comunicar-se com os fiéis, ele necessita de um médium de incorporação para que, assim, aquele consiga comunicar informações do plano espiritual com os consulentes. A figura a seguir ilustra esse processo comunicacional ao qual o autor denominou de tríade:

Figura 14 - Tríade do processo comunicacional na umbanda



Fonte: Print de artigo. Santana (2021b)

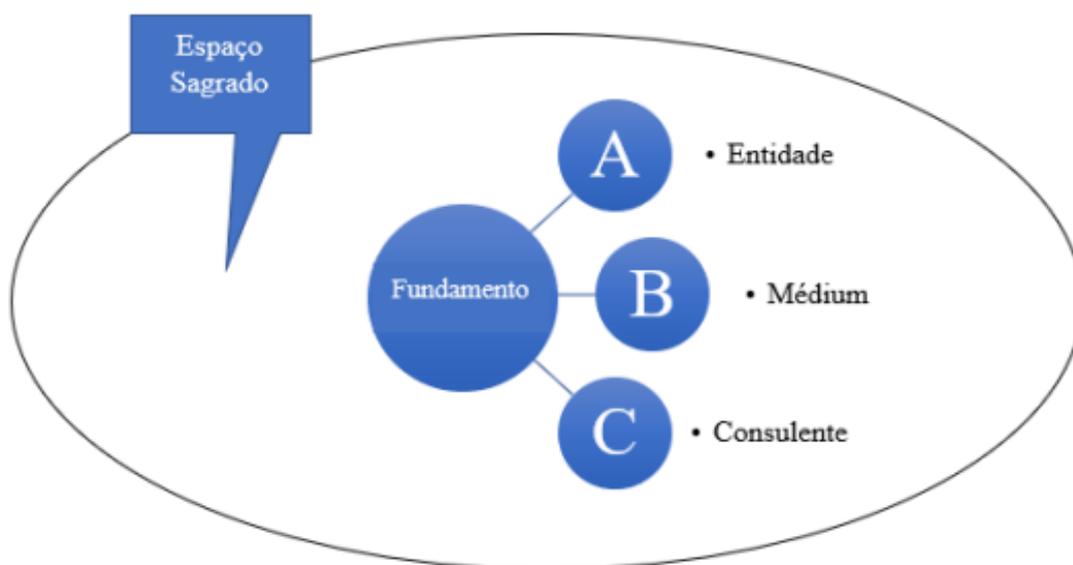
Essa reconfiguração ocorre justamente porque nas giras on-line analisadas pelo autor identifica-se a não incorporação do médium Adérito Simões que, por questões doutrinárias, optou por não receber sua Entidade mesmo estando em sua terreira. Santana (2021 e 2021b) explica que para alguns umbandistas a incorporação só pode ocorrer dentro de uma terreira e sem a exibição em um espaço midiático. O ato de receber a entidade em uma transmissão ao vivo pode incentivar outros médium a se incorporar dentro de casa, por exemplo. Algo que não é recomendado por umbandistas pois, para incorporar, é necessário estar na terreira onde existem ritualidades que fazem a proteção do espaço sagrado e garantem a segurança espiritual para o médium. Portanto, na visão dos médiuns a incorporação em uma live no

²² Adérito Simões é um sacerdote da religião Umbanda que, também em comparação com Alan Barbieri, obteve destaque em seu canal no Youtube por proporcionar 1.195 vídeos de conteúdo teológico e ritualístico. Seu canal no Youtube possui mais de 354 mil inscritos e 32 milhões de visualizações em seus vídeos. SIMÕES, Adérito. Adérito Simões Umbanda. Youtube, fev. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/aderitosimoesumbanda>. Acesso em: 27 fev. 2022.

Youtube é considerada, em sua grande maioria, algo contrário à doutrina religiosa da Umbanda.

A incorporação é uma das etapas fundamentais para que ocorra a relação comunicacional entre a Entidade (plano espiritual) e o consulente (plano terreno). No momento em que o médium decide não incorporar, essa comunicação é interrompida. A figura a seguir ilustra o processo comunicacional ideal, segundo Santana (2021b), dentro do espaço sagrado que é a tríade aplicada dentro de uma terreira. Esse espaço é o local de elementos místicos e que reuni fundamentos e os corpos que compõem seu funcionamento e é nele, também, que o fundamento é aplicado para a Entidade e ao médium que, em outro momento, realizará os trabalhos espirituais aos consulentes. A figura a seguir ilustra a tríade aplicada dentro de uma terreira.

Figura 15 - Tríade aplicada dentro de uma terreira



Fonte: Print de artigo. Santana (2021b)

O ambiente sagrado (terreiro) aglutina todo o processo de comunicação na Umbanda. O fundamento do espírito em prol da caridade ocorre através de três atores: A - Entidade, B - Médium e C - Consulente. Com isso, A - Entidade por meio da incorporação realiza seu fundamento veiculando-se com o B - Médium. Após essa ligação é que perpetua-se o atendimento espiritual para o C - Consulente.

Santana (2021b) conclui que essa comunicação que, antes era feita através dessa tríade (A - Entidade, B - Médium e C - Consulente), reconfigura-se no ambiente midiaticado devido

a ausência do espírito - Entidade - para a prática da caridade. Na visão do autor, não há o mesmo desempenho e completude dessas sessões e giras sem a tríade completa, pois o processo comunicacional rompe-se por não haver o espírito e o atendimento ao consulente, desviando do principal fundamento da Umbanda.

Todavia, Santana (2021b) levanta algumas ideias de estudos e questionamentos frente ao cenário da Umbanda Midiatizada. De modo prático, o autor sugere a observação do uso de rede social digital Youtube, por exemplo, para a análise do processo de midiatização. Lá é possível observar a interação entre o espectador e o youtuber por meio dos comentários e dos chats disponibilizados na plataforma. Na visão de Santana (2021b), o estudo desse processo de midiatização auxiliaria na validação ou não do formato através da experiência dos espectadores que acompanham o canal umbandista, tal como é o caso do youtuber Adérito Simões, que possui mais de 357 mil inscritos (30 mar. 2022). Ademais, Santana (2021b) afirma que, estudar a possibilidade desse tipo de liturgia e identificar se ela consolida-se como um atendimento parcial para as comunidades ou demais indivíduos simpatizantes da Umbanda. Isto porque há a reconfiguração do fundamento e essa movimentação permitiria que pessoas que moram longe de um terreiro possam vivenciar uma experiência emulada e mediatizada por meio das transmissões de conhecimentos pela internet.

Brevemente, observamos as outras plataformas utilizadas por Adérito Simões. Ao visitarmos o seu portal “Adérito Simões - Liberdade Espiritual” encontramos cursos de teologia, simbologia, sacerdotismo, consagração de imagens, preceitos, além de vídeo-aulas sobre o manuseio de ervas e defumações utilizadas na Umbanda tal como é ilustrado pela figura a seguir.



Fonte: Print feito pelo autor. Portal Adérito Simões - Liberdade Espiritual (2022)

Já no Instagram, o sacerdote utiliza de alguns recursos disponibilizados pela própria rede social digital como os *stories*, oportunizando momentos para os fiéis tirarem suas dúvidas, curiosidades, além de divulgar seus cursos e atendimentos. Aliás, o sacerdote deixa de forma fixa tais categorias em seu perfil possibilitando que, em qualquer momento, o usuário possa revisitar essas informações e conteúdos. Na figura a seguir, o perfil do Instagram de Adérito Simões mostra suas primeiras descrições sobre si e suas habilidades como sacerdote.

Figura 17 - Perfil de Adérito Simões no Instagram



Fonte: Print do autor. Instagram (2022).

Em sua biografia disponibilizada em seu perfil no Instagram, Adérito Simões afirma que desenvolveu mais de 15 mil médiuns de forma on-line (Instagram, 2022). Essa afirmação instiga a reflexão sobre a possibilidade de uma religiosidade on-line, desvinculada da presença física do fiel em uma instituição e, sim, percebida em um novo espaço que é o ambiente digital.

Na ótica de Sbardelotto (2014) o processo de midiatização digital da religião auxilia no reconhecimento do poder simbólico compartilhado socialmente deslocando o papel centralizador das instituições. Em complemento a esta argumentação está a visão de Santana (2021), de que a Umbanda Midiatizada acaba fragmentando-se para surgir ao fiel no ambiente digital, reconfigurando aspectos comunicacionais e da religião. Este trabalho de conclusão de curso tem como problema de questão averiguar a possibilidade de uma religiosidade on-line

através dos conteúdos teológicos e ritualísticos da religião Umbanda divulgados no canal do Youtube de Alan Barbieri.

Neste capítulo debatemos sobre os conceitos de mediação adotados por alguns autores que estudam a área. Refletimos sobre como ela reconfigura as formas de comunicação - estudamos o esquema de análise da mediação (VERÓN, 1997) - e como ela implica nas mudanças sociais e culturais. Também, discutimos a ideia de uma sociedade em vias de mediação (VERÓN, 2001; SGORLA, 2014) - à qual estrutura-se através da relação direta com as mídias, afetando as instituições, as práticas e as culturas de uma sociedade - e a ideia de circulação (FAUSTO NETO, 2010) - visto como um dispositivo central que organiza as possibilidades e as qualidades das interações discursivas entre os papéis de emissores e receptores - e com BRAGA (2012) trouxemos a circulação de fluxo adiante - que evidencia a interferência dos atores sociais na co-produção dos discursos e da geração de sentidos.

Depois, debatemos sobre a mediação da religião como uma reconfiguração das propostas de pensar e de fazer religião por meio da articulação complexa de sentidos, de formas e de ritualidades. Ainda, abordamos sobre a religiosidade on-line como um movimento de resignificação e reconfiguração de vivências, de experiências e da relação profética de uma doutrina religiosa em um ambiente digital. E, por fim, debatemos o termo “Umbanda Mediada” de forma metafórica para ilustrar uma religião de doutrina umbandista no ambiente digital mediado.

Assim, questões emergidas neste capítulo nos auxiliam a problematizar o possível surgimento de uma religiosidade on-line a partir de práticas religiosas que se processam no cenário atual da mediação. Uma delas está no argumento de Sbardelotto (2014), no contexto do estudo do catolicismo, quando salienta que o processo de mediação da religião auxilia no reconhecimento do poder simbólico compartilhado socialmente, deslocando o papel centralizador das instituições religiosas. A outra está na visão de Santana (2021) - nos estudos do que ele chama de Umbanda Mediada - quando entende que a Umbanda acaba fragmentando-se para surgir ao fiel no ambiente digital, reconfigurando aspectos comunicacionais e religião.

Entendemos a religiosidade on-line como um movimento de resignificação e reconfiguração de vivências, de experiências e da relação profética de uma doutrina religiosa em um ambiente digital, que emerge no contexto da sociedade em mediação. É nesse debate que se insere a questão que norteia esta pesquisa ao tensionar a possibilidade do surgimento de uma religiosidade on-line estimulada pela produção de conteúdos teológicos e ritualísticos da religião Umbanda difundidos no canal do Youtube de Alan Barbieri. No

próximo capítulo descrevemos os processos metodológicos utilizados para a realização deste estudo, a descrição do fenômeno comunicacional, os resultados e a análise geral obtida pelo autor do trabalho.

CAPÍTULO 4 - MUDIATIZACÃO DA UMBANDA E A EMERGÊNCIA DA RELIGIOSIDADE ON-LINE NO CANAL DO SACERDOTE ALAN BARBIERI NO YOUTUBE

O presente capítulo aborda as metodologias e técnicas para o desenvolvimento da análise dos dados empíricos da pesquisa. Para tanto, dividimos este capítulo em quatro partes. A primeira apresenta a trajetória de Alan Barbieri, dando conta de aspectos de seu envolvimento com a Umbanda e a jornada midiática nos ambientes virtuais, como sites e a plataforma do Youtube. O próximo tópico traz os “Procedimentos Metodológicos” que têm por base a abordagem qualitativa (BRESLER, 2007) para embasar as observações acerca do conteúdo proposto por Alan Barbieri em seu canal no Youtube e as reações dos comentaristas. Já as técnicas metodológicas adotadas são a pesquisa bibliográfica (GIL, 1987) e a análise de conteúdo (BARDIN, 2006; MORAES, 1999). Por fim, apresentamos os resultados obtidos na pesquisa empírica e realizamos a articulação com as teorias explanadas ao longo do trabalho.

4.1 ALAN BARBIERI: NOTAS DE UMA TRAJETÓRIA UMBANDISTA E MUDIÁTICA

Tendo em vista que esta pesquisa se propõe estudar o fenômeno da comunicação do canal de Alan Barbieri no Youtube, este tópico traz aspectos relacionados ao sacerdote umbandista. Destacamos seu vínculo com a religião Umbanda, sua formação doutrinária e seu papel como líder religioso. Ademais, dissertamos sobre sua formação acadêmica, sua atuação voltada à educação e na divulgação de conhecimentos teológicos e ritualísticos nos sites “Estudar em Casa” e “Comunidade Alan Barbieri”. Por último, explanamos sobre sua trajetória no espaço midiático do Youtube.

Nascido em 28 de outubro de 1985 e atuante na religião de Umbanda desde 1999, Alan Barbieri é um médium, sacerdote e fundador do Templo Escola Casa de Lei. Neste espaço, localizado em São Paulo há mais de 10 anos, o líder religioso realiza sessões de atendimento espiritual de forma presencial. O sacerdote é certificado em Master Practitioner PNL (Praticante Master do Programa de Neurolinguística) pela The Society of NLP (Sociedade de Programação Neurolinguística), formado em hipnose clínica pela AIHCE (Associação Internacional de Hipnose Clínica e Experimental), na Espanha, e em constelação familiar sistêmica pelo Centro Constela e Systemic IberoAmerican University (México)

(BARBIERI, 2022). Além disso, Barbieri é diretor de comunicação e marketing da Editora Mariwô, a mesma que publica seus livros de teologia umbandista.

O líder religioso ainda oferta cursos presenciais e on-line sobre desenvolvimento mediúnico, a história da Umbanda, as Entidades, as oferendas e outras especificidades da religião. Na figura a seguir encontramos o sacerdote ministrando palestra no Templo Escola Casa de Lei.

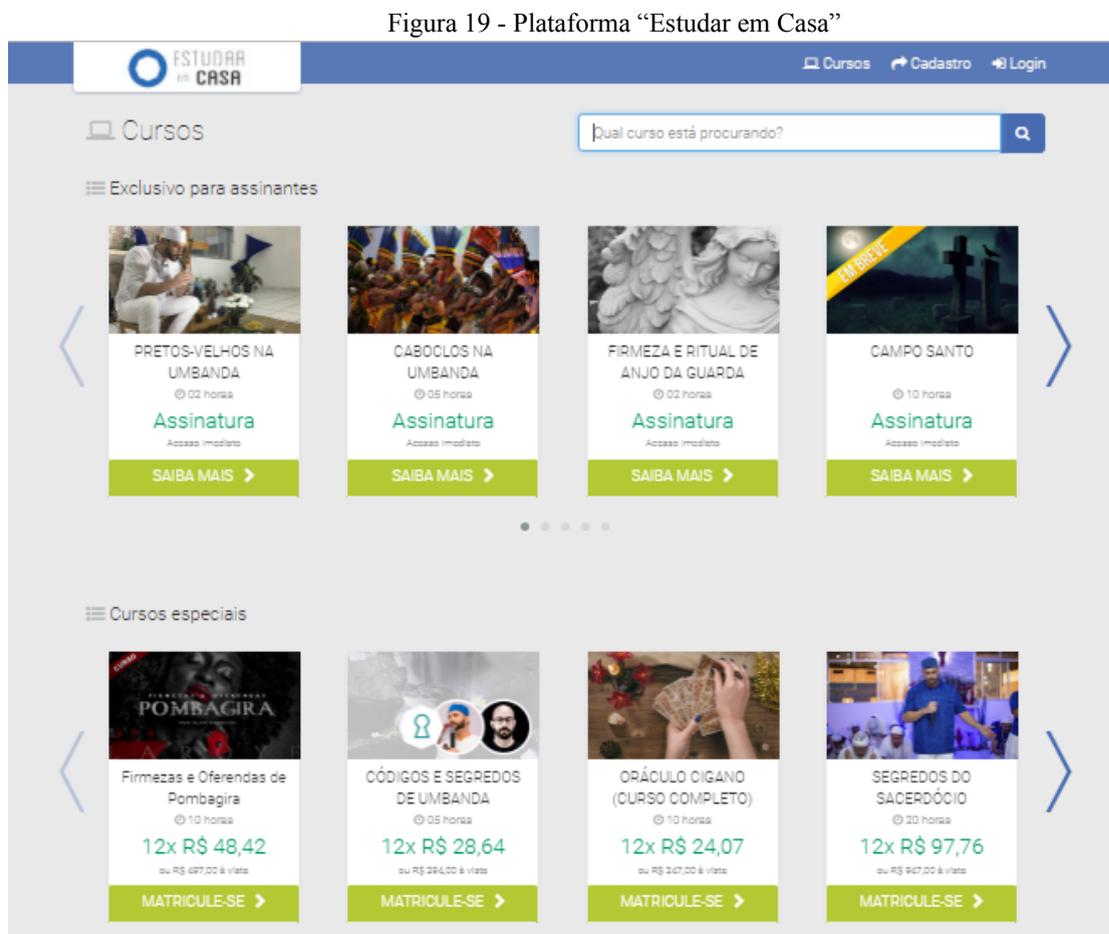
Figura 18 - Sacerdote Alan Barbieri



Fonte: Instagram (2022b).

O primeiro site criado por Barbieri com conteúdos sobre a religião Umbanda é a plataforma de ensino à distância “Estudar em Casa”, acessível pelo site <https://estudaremcasa.com.br> em que disponibiliza os cursos e palestras. Ela foi fundada em 2009 e disponibiliza 30 cursos de formação doutrinária Umbandista distribuídos em 685 videoaulas. O site oferta planos de assinaturas para acesso aos conteúdos e os cursos são categorizados em “exclusivo para assinantes”, “cursos especiais”, “cursos grátis” e “exclusivo”. Suas temáticas são as mais diversas, abordando desde ensinamentos sobre Entidades (pretos-velhos, caboclos, ciganos, boiadeiros, entre outros), o uso de ervas para limpeza energética, o desenvolvimento mediúnico, por meio da incorporação, até lições hierárquicas sobre sacerdócio e funcionamento de uma terreira.

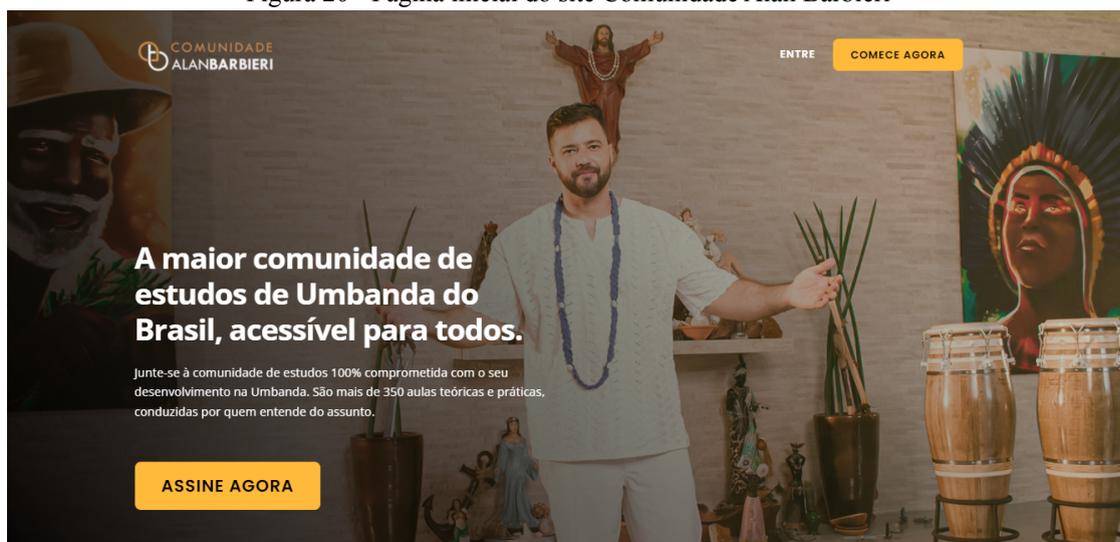
Atualmente, o portal de ensino à distância tem 44.008 alunos matriculados e concedeu 13.693 certificados de conclusão de curso (ESTUDAR EM CASA, 2022). Ademais, o sacerdote também é fundador da primeira Web Rádio de Umbanda chamada “Toques de Aruanda”. A seguir vislumbramos a página inicial do site “Estudar em Casa”.



Fonte: Print do site. Estudar em Casa (2022).

Já o segundo site, criado por Alan Barbieri em 2021, chama-se “Comunidade Alan Barbieri”. Além dos cursos de teologia e ritualística umbandista, o site oferece um catálogo de filmes e documentários sobre a Umbanda e, também, sobre o Espiritismo. Os cursos e demais conteúdos disponibilizados nos dois sites são adquiridos pelos usuários através da assinatura de um plano mensal ou anual. A seguir, a figura ilustra a página inicial do site “Comunidade Alan Barbieri” no qual o sacerdote aparece de braços abertos, usando uma guia e no fundo é possível vislumbrar o terreiro Templo Escola Casa de Lei.

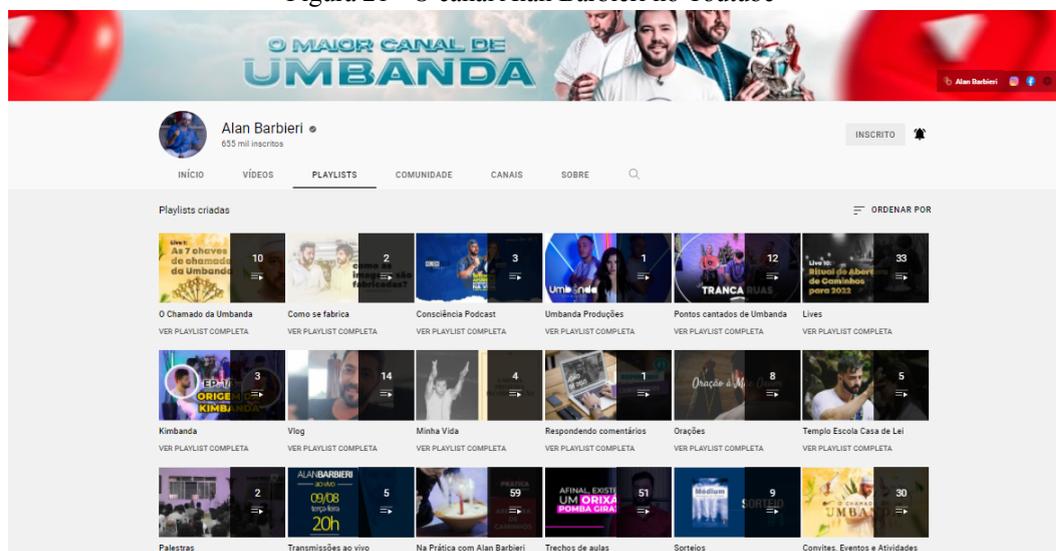
Figura 20 - Página inicial do site Comunidade Alan Barbieri



Fonte: Print do site. Comunidade Alan Barbieri (2022).

Após explanarmos sobre os seus dois portais é necessário explicar sobre a inserção de Alan Barbieri no Youtube. Outro espaço midiático ocupado por Barbieri é o canal do Youtube, que foi criado em 25 de maio de 2013 e teve o primeiro vídeo intitulado “Desenvolvimento mediúnico - trechos de aula” que possui mais de 216 mil visualizações. Ao longo dos nove anos de existência do canal, o sacerdote conseguiu ser o maior canal de Umbanda no Youtube, com mais de 655 mil inscritos e mais de 40 milhões de visualizações ao longo de seus 602 vídeos disponibilizados na plataforma e distribuídos em 20 playlists (BARBIERI, 2022). A figura a seguir expõe os conteúdos compartilhados pelo sacerdote no Youtube.

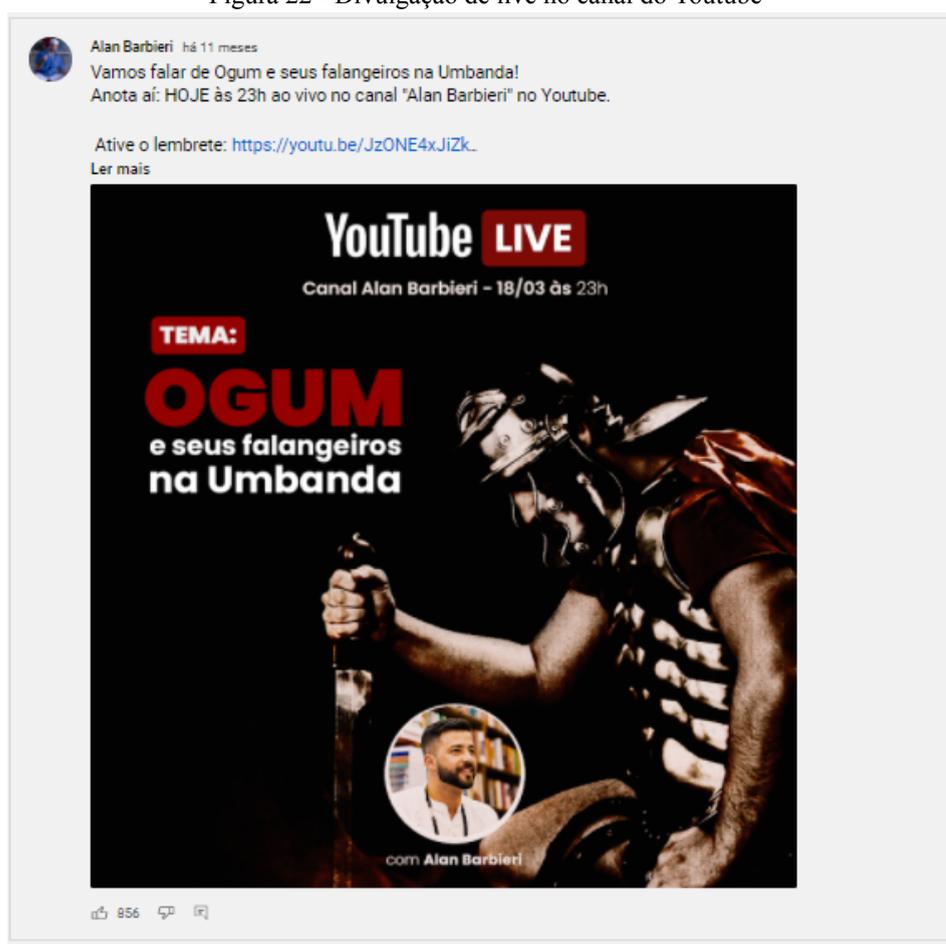
Figura 21 - O canal Alan Barbieri no Youtube



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2022).

Para além dos vídeos veiculados na plataforma, o sacerdote utiliza da ferramenta “comunidade” do Youtube para se comunicar com os inscritos. Nesse espaço, ele informa sobre novos cursos cedidos no seu site “Comunidade Alan Barbieri”, divulga suas redes sociais como Instagram e Facebook e as *lives* que ocorrem no Youtube. A figura a seguir mostra a divulgação da *live* com o tema Orixá Ogum e suas falanges da Umbanda.

Figura 22 - Divulgação de live no canal do Youtube



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2022).

Após ter acesso a dados sobre a trajetória umbandista e midiática de Alan Barbieri e destrinchar características do seu canal no Youtube, nos dedicamos agora à pesquisa empírica. Assim, na sequência, recuperamos as pretensões da investigação e apresentamos a metodologia aplicada, resultados, análises e interpretações.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa busca responder a pergunta: “Como se dá o processo de religiosidade on-line a partir de vídeos produzidos pelo sacerdote umbandista Alan Barbieri em seu canal no Youtube?”. Logo, o objetivo geral que se pretende alcançar com a realização desse estudo é “Reconhecer a religiosidade on-line que emerge a partir dos vídeos produzidos pelo sacerdote umbandista Alan Barbieri em seu canal no Youtube”.

A metodologia que utilizamos para a pesquisa é qualitativa, pois tenta capturar as diversas perspectivas e percepções dos indivíduos que estão sendo estudados juntamente com a interpretação do investigador (BRESLER, 2007). Conseqüentemente, a pesquisa qualitativa “está preocupada com os diferentes significados que ações e eventos adquirem para diferentes pessoas, suas referências, seus valores, prestando atenção às intenções daqueles que são observados” (BRESLER, 2007, p. 12). Trazemos a pesquisa qualitativa com o propósito de explorar os sentidos que os conteúdos apresentados nos vídeos produzidos por Alan Barbieri inferem aos seus espectadores-usuários.

Referente aos procedimentos técnicos adotados na investigação, percebemos a necessidade de descrever alguns conceitos que auxiliam o leitor a compreender a Umbanda e o seu universo, a midiatização da religião, em um ambiente digital de vídeos, e a hipótese de uma religiosidade on-line. Por isso, definimos que a pesquisa bibliográfica é uma técnica aliada nesse processo pois “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Logo, os capítulos 2 e 3 têm como base a pesquisa bibliográfica com a qual temos a intenção de explicar os conceitos e características da Umbanda em uma sociedade em midiatização.

Com um olhar qualitativo para o fenômeno empírico em discussão, apontamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar o conteúdo apresentado por Alan Barbieri em dois vídeos disponibilizado em seu canal no Youtube,
- b) Investigar as reações dos espectadores-usuários que comentam sobre os vídeos produzidos pelo Alan Barbieri em seu canal no Youtube,
- c) Reconhecer sinais de apropriações de práticas ritualísticas e de conhecimentos teológicos da doutrina umbandista pelos espectadores-usuários.

Com base nas necessidades dos objetivos específicos, a pesquisa tem apoio na análise de conteúdo, compreendendo-a como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e

continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 2006, p.9). Assim sendo, detemo-nos aos conteúdos que circulam no canal do Youtube a partir dos vídeos de Alan Barbieri, observando a divulgação de conhecimentos teológicos umbandistas e presença de práticas ritualísticas e como isso é repercutido nos comentários.

Complementando as considerações de Bardin (2006), acionamos Moraes (1999, p.7) que define a análise de conteúdo como:

(...) uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Por meio das três fases de análise do conteúdo (BARDIN, 2006), realizamos uma “pré-análise” constituída pela leitura do material. Neste caso, assistimos aos vídeos e verificamos se eles apresentavam temas que encaixavam nos critérios adotados para a escolha do *corpus* empírico, como, por exemplo, as práticas ritualísticas e conhecimentos teológicos umbandistas. Na segunda fase “exploração do material” realizamos a codificação dos comentários dos vídeos e definimos categorias, tendo como norte as características em comuns dos comentários feitos pelos espectadores-usuários. Por fim, na terceira e última fase, chamada de “tratamento dos resultados, inferência e interpretação” realizamos o compilado das principais informações obtidas da análise de conteúdo e, ao longo do texto, destacamos apontamentos sobre o que e como estava sendo ensinado nos vídeos. Concluimos com a interpretação em que relembramos conceitos e defendemos o objetivo geral proposto.

Para dar conta do primeiro objetivo específico nos detivemos a observar nos vídeos o conteúdo da fala do sacerdote e recuperamos os principais pontos levantados por ele. Também realizamos uma descrição preocupada em destacar o cenário em que Barbieri se apresenta perante os espectadores-usuários, as vestimentas que utiliza, a linguagem que adota para comunicar-se com o seu público e quais itens ele usa para ilustrar suas práticas ritualísticas e de ensinamento sobre doutrina umbandista. Usamos imagens, frames dos vídeos e elencamos mensagens de Barbieri para mostrar o que está sendo transmitido de conhecimento por ele para o seu público.

Relacionado com os objetivos específicos b) investigar as reações dos espectadores-usuários que comentam sobre os vídeos produzidos pelo Alan Barbieri em seu canal no Youtube e c) reconhecer sinais de apropriações de práticas ritualísticas e de conhecimentos teológicos da doutrina umbandista pelos espectadores-usuários, adotamos os

comentários como material de investigação das reações dos espectadores-usuários frente ao divulgado por Alan Barbieri em seu canal do Youtube. As mensagens registradas são analisadas atentando-se para os conteúdos que acionam e a relação com os temas, questões e sentidos apresentados pelos vídeos que as antecedem. Os comentários são apresentados na íntegra na estrutura de imagem que aparecem no Youtube. Também considere-se aqui as mensagens emitidas por Barbieri em resposta aos comentários. Essa análise se dá na sequência da apresentação dos conteúdos dos vídeos. Os espectadores-usuários são tornados anônimos, com fotos e nomes apagados.

Após a escolha dos comentários e observância do teor do conteúdo, utilizamos de categorias para classificá-los. Entendendo as categorias como “grandes enunciados que abarcam um número variável de temas, segundo seu grau de intimidade ou proximidade, e que possam através de sua análise, exprimirem significados e elaborações importantes que atendam aos objetivos de estudo (...)” (CAMPOS, 2004, p. 614). Esse processo foi base para a construção de um quadro ilustrativo que sinaliza a qual categoria os conteúdos dos comentários analisados se relacionam. Assim, chegamos a cinco categorias: dúvidas, relatos, sugestões, elogios e práticas da religiosidade on-line.

A seguir mostramos o processo de construção do *corpus* de pesquisa, os critérios adotados na escolha dos vídeos e dos comentários.

4.2.1 CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA

Aqui mostramos que o processo de construção do *corpus* de pesquisa se deu com base em quatro critérios, elaborados a partir do teor do conteúdo do vídeo, a quantidade de *views* (visualizações), as interações e o tempo de duração do vídeo. Abaixo detalhamos os critérios adotados para a seleção dos vídeos que resultou na delimitação de dois vídeos para a análise.

1. *O teor do conteúdo*: se o vídeo ensinava ou explicava alguma ritualidade da religião Umbanda, especificamente, se possuía um formato tutorial ou esclarecia algumas especificidades da religião ou dúvidas dos espectadores.
2. *As visualizações*: ordenamos por ordem decrescente os vídeos das playlists e escolhemos entre os cinco mais visualizados, dois vídeos que dialogavam com os temas de ritualidade umbandista (firmeza) e teologia (significado das guias, conduta de uso e diferenciação por cores e Orixás) delimitados nesta pesquisa para análise empírica e debate.

3. *As interações*: todos os vídeos analisados deveriam ter, no mínimo, 100 comentários em cada um para que pudéssemos obter material suficiente para a análise da circulação dos processos de produção e de recepção das mensagens dos espectadores com o sacerdote Alan Barbieri. Para a análise dos comentários utilizamos o filtro “principais comentários” que seleciona aqueles que tiveram mais integrações por meio de curtidas (jóinhas) e respostas.
4. *O tempo de duração do vídeo*: os vídeos deveriam ter no máximo 20 minutos de duração para que a análise não perdesse sua qualidade empírica.

O primeiro vídeo estudado neste trabalho pertence à *playlist* “Na Prática com Alan Barbieri” composta por 59 vídeos publicados no período de 2016 a 2022. Os vídeos relatam práticas ritualísticas no formato tutorial em que os trabalhos espirituais são ensinados, desde seus ingredientes necessários até a sua elaboração. O quadro a seguir ilustra de forma decrescente os cinco vídeos que portam os maiores números de visualizações no Youtube em 18 de março de 2022.

Quadro 3 - Vídeos da *playlist* “Na prática com Alan Barbieri” com maior número de visualizações

TÍTULO DO VÍDEO	TEOR	VIEWS	DURAÇÃO	DATA DE PUBLICAÇÃO
Na Prática Firmeza De Anjo Da Guarda	Tutorial Ritualístico	699.935	17 min 35 seg	11 de abril de 2016
Na Prática Padê De Pombagira	Tutorial Ritualístico	575.124	12 min 35 seg	6 de junho de 2016
Proteção Contra Demanda	Tutorial Ritualístico	497.220	14 min 5 seg	5 de setembro de 2016
Na Prática Padê de Exu	Tutorial Ritualístico	443.870	15 min 25 seg	1 de junho de 2016
Na Prática Banho Para Desenvolvimento Mediúnico	Tutorial Ritualístico	379.013	17 min 28 seg	27 de abril de 2016

Fonte: Informações datadas em 18 mar. 2022 (Youtube). Elaborado por Flores (2022).

Na segunda *playlist*, denominada “Estudando a Umbanda”, formada por 177 vídeos publicados no período de 2015 a 2022, o sacerdote aprofunda os debates sobre teologia

umbandista, além de responder dúvidas, inquietações e relatos de seus seguidores das redes sociais (Youtube, Instagram e Facebook). No quadro a seguir, identificamos de forma decrescente os cinco vídeos com os maiores números de visualizações no canal no Youtube de Alan Barbieri.

Quadro 4 - Vídeos da playlist “Estudando a Umbanda” com maior número de visualizações

TÍTULO DO VÍDEO	TEOR	VIEWS	DURAÇÃO	DATA DE PUBLICAÇÃO
Zé Pilintra	Teologia Umbandista	524.490	8 min 35 seg	1 de fevereiro de 2017
7 diferenças entre Umbanda e Candomblé	Teologia Umbandista	481.670	6 min 27 seg	27 de dezembro de 2018
Guias e Brajás na Umbanda	Teologia Umbandista	345.645	19 min 3 seg	28 de junho de 2017
Para quem nunca foi em um terreiro	Teologia Umbandista	319.922	7 min 35 seg	3 de março de 2017
Cuidar dos Guias e Orixás em casa	Teologia Umbandista	316.032	9 min 10 seg	6 de junho de 2018

Fonte: Informações datadas em 18 mar. 2022 (Youtube). Elaborado por Flores (2022).

Como dito anteriormente sobre os vídeos examinados, o primeiro é pertencente à playlist “Na prática com Alan Barbieri” que apresenta um formato de tutorial ritualístico e explicativo sobre algumas especificidades da religião Umbanda. O vídeo aqui estudado é intitulado de "Proteção Contra Demanda" e nele, de modo resumido, o sacerdote ensina aos espectadores como realizar uma proteção contra energias negativas dentro de suas casas.

Posteriormente, selecionamos o segundo vídeo desta análise intitulado “Guias e Brajás na Umbanda” e é da playlist “Estudando a Umbanda” que apresenta conhecimentos teológicos umbandistas. Nesse vídeo, o líder religioso mostra os diferentes tipos de guias da Umbanda, expondo suas especificidades e suas variedades de formatos, cores e funções dentro de um terreiro.

Segue abaixo um quadro que detalha os dois vídeos analisados na pesquisa empírica. Nele determinamos qual a *playlist* que o vídeo pertence, o título, a sigla de diferenciação - TR para designar os vídeos no formato Tutorial Ritualístico e TU para os vídeos que possuem o formato de ensino Teológico Umbandista - o teor conteudista do vídeo e a duração dele.

Quadro 5 - Vídeos analisados na pesquisa empírica

PLAYLIST	TÍTULO DO VÍDEO	SIGLA	TEOR	DURAÇÃO	DATA DE PUBLICAÇÃO
Na prática com Alan Barbieri	Proteção Contra Demandas	TR	Tutorial Ritualístico	14 min e 4 seg	5 de setembro de 2016
Estudando a Umbanda	Guias e Brajás na Umbanda	TU	Teologia Umbandista	19 min e 3 seg	28 de junho de 2017

Fonte: Informações datadas em 18 mar. 2022 (Youtube). Elaborado por FLORES (2022)

O foco seguinte das análises está nos comentários que aparecem na sequência dos vídeos. O vídeo “Proteção Contra Demandas” (TR) apresenta atualmente 976 comentários e selecionamos para esta investigação cerca de 10 comentários. Já no vídeo “Guias e Brajás na Umbanda” (TU) constam 650 comentários e para esta pesquisa selecionamos 9 mensagens subsequentes - coletadas de 18 a 27 de março de 2022, no turno da noite.

Do total de 1.626 registros de espectadores-usuários nos dois vídeos do canal de Alan Barbieri, que se situam em “principais comentários”, foram separados 19 para fazerem parte do *corpus*, sendo 10 comentários do vídeo TR e 9 mensagens do vídeo TU, coletadas de 18 a 27 de março de 2022, no turno da noite. No primeiro momento, utilizamos o filtro “principais comentários”, que representam os que tiveram mais interações (jóinhas e respostas), como parâmetro para a coleta dessas mensagens. Em seguida, selecionamos as interações que consideramos pertinentes à análise: comentários que possuíam respostas do sacerdote ou de outros espectadores-usuários ou que encaixavam-se nas categorias elaboradas. Essa definição se deu por julgamento (conveniência), ou seja, por intenção e critério desta pesquisa, tendo em vista que se conformam como exemplares que expressam a circulação de fluxo adiante (BRAGA, 2012) dos espectadores-usuários para com o sacerdote Barbieri.

Ainda, por meio da prática ritualística ofertada no vídeo tutorial ritualístico “Proteção Contra Demanda”, esses comentários ilustram indícios de uma religiosidade on-line, além de oferecerem informações relevantes para o debate desse tema. E, a partir do

teor dos conteúdos desses textos, foram estabelecidas as categorias de comentário: dúvidas, relatos, sugestões, elogios e práticas da religiosidade on-line.

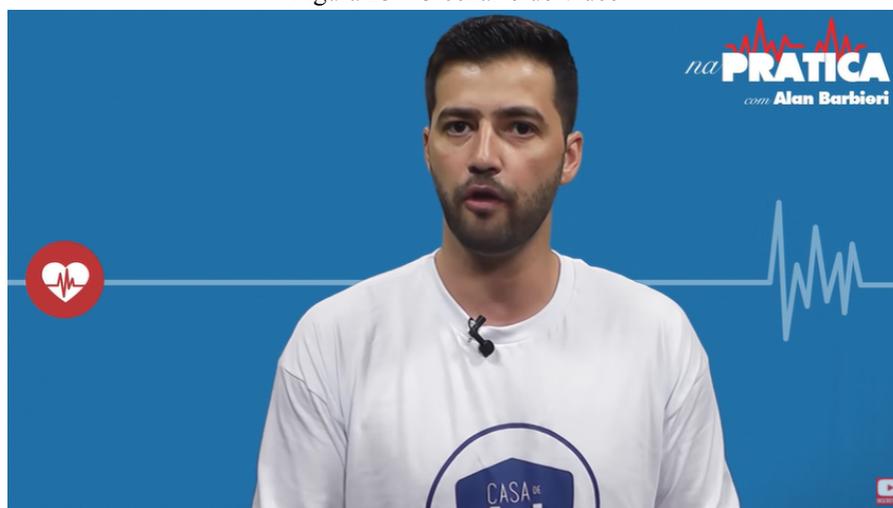
4.3 RASTROS DE UMA RELIGIOSIDADE ON-LINE DA UMBANDA NO YOUTUBE

Neste tópico apresentamos descrições e análises dos vídeos e comentários. Em seguida, trazemos reflexões interpretativas a partir dos dados levantados e articulação teórica.

4.3.1 TUTORIAL RITUALÍSTICO (TR) - PROTEÇÃO CONTRA DEMANDAS

No vídeo “Proteção Contra Demandas”, o criador de conteúdo apresenta-se num fundo azul, ao lado direito o logo do quadro “Na prática com Alan Barbieri” que é mostrado para o espectador. O cenário é iluminado, o vídeo e o áudio possuem boa qualidade de reprodução. Em suas vestimentas, o sacerdote utiliza uma camiseta branca com o logo do seu Templo Escola Casa de Lei. A figura a seguir revela essas primeiras observações.

Figura 23 - O cenário do vídeo



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2016).

O produtor inicia o vídeo apresentando-se como líder religioso e enfatiza que já realizou um outro vídeo abordando sobre as demandas²³:

²³ Demanda é um termo utilizado entre adeptos da Umbanda para designar uma energia negativa a qual o médium está sendo submetido. Essa energia pode ser causada pelos acontecimentos do dia a dia (estresse, tristeza, cansaço e afins) ou pode ser provocada através de trabalhos ritualísticos espirituais. Na visão de Alan Barbieri (SYMPLA, 2019, documento eletrônico): “A demanda espiritual é o resultado de uma irradiação de

Hoje eu trago uma firmeza que vai te ajudar ainda mais em tudo que eu já compartilhei com você até aqui. Recentemente eu também lancei um vídeo sobre "Três tipos de demanda" onde eu falei sobre a demanda mental, a demanda por espíritos obsessores e kumbas e a demanda por magia negativa. A firmeza que iremos realizar servirá como um elemento de proteção para sua casa, para o seu dia a dia contra essas forças que de alguma forma podem estar te influenciando. Se você já tem certeza ainda que você foi demandado, evidente que você tem que fazer. Se você ainda não tem certeza, você pode fazer como um elemento de proteção para evitar choques energéticos e que eles possam, de alguma forma, gerar alguma consequência para você (BARBIERI, 2016, documento eletrônico).

Assim sendo, o objetivo do vídeo é ensinar o espectador a confeccionar uma firmeza com o intuito de proteger-se de demandas. Chamamos a atenção para prática religiosa que é incentivada, num primeiro momento, tanto para pessoas que tem a certeza de que estão com demanda ou não. Portanto, o vídeo parece servir para um grupo mais amplo, não se limitando apenas para quem está sofrendo com tal situação. Barbieri explica que a utilização da firmeza serve como um elemento de proteção para proteger o espectador de energias que possam influenciá-lo de forma negativa em seus aspectos da vida pessoal (irritação, raiva, desânimo, tristeza e afins).

Em seguida, ele comenta que compartilhou, em seu portal "Estudar em Casa", um relato sobre um período da vida ao qual sofreu com demandas e que descreve em detalhes sobre os sintomas e como venceu a fase. Salienta que o conteúdo está disponível por pouco tempo em seu site e, por isso, o espectador deve conferi-lo na íntegra.

A figura a seguir apresenta a página em que se encontram esses materiais. O título da chamada é "Uma demanda que superei" e desperta a atenção por agregar uma fonte grande e em negrito. Ainda podemos identificar o *call to action*, ou seja, "role a página abaixo para assistir aos três vídeos".

flúidos negativos que podem ser direcionados a uma pessoa ou grupo, vindo de indivíduos tomados por sentimentos negativos, bem como espíritos sedentos por vingança." O que vale ressaltar é que para o umbandista, a demanda é algo prejudicial pois atrapalha a sua vida espiritual, podendo gerar conflitos em seu desenvolvimento mediúnico e sua vida pessoal nas áreas do trabalho, do campo afetivo e, até mesmo, problemas de saúde física e mental.

Figura 24 - Uma demanda que superei

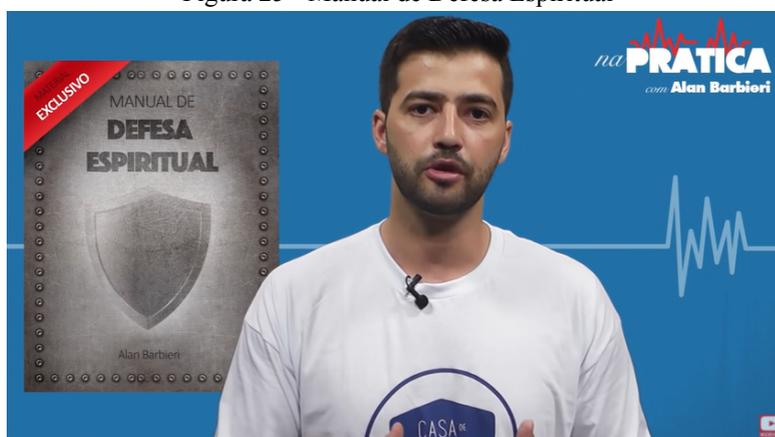


Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2022).

Barbieri adota uma linguagem midiática comum em redes sociais, o “role a página” é semelhante ao “arraste para cima” presente na rede social Instagram. Essa característica em seu dialeto coloca à luz que o sacerdote procura se comunicar com seu público através de uma linguagem acessível e comum ao espaço midiático do Youtube. Isto ilustra uma tentativa do sacerdote e, também, produtor-amador em aproximar-se do seu público por meio dos vocabulários empregados por eles.

Logo após convidar seus “irmãos”, como denomina o sacerdote o seu público, a conhecerem a página “Estudar em Casa”, ele complementa afirmando que os que se inscreverem no curso iriam ganhar um manual no formato de *e-book* sobre como se defender de demandas. A seguir a figura exhibe a capa do manual que chama de “Defesa Espiritual”.

Figura 25 - Manual de Defesa Espiritual



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2016).

No vídeo, Barbieri nomeia alguns itens necessários para a prática ritualística como, por exemplo, um recipiente de vidro, barro ou louça. Ele enfatiza a importância do “irmão” em não utilizar o recipiente de plástico pois, na opinião do sacerdote, esse material é um isolante de energia o que causaria interferência na manipulação da energia trabalhada na firmeza. Os demais itens são fumo de corda, pimenta da costa, danda da costa, carvão em pó, sal grosso e um charuto. Ao longo da elaboração da firmeza, Alan enfatiza que o trabalho não está veiculado energeticamente a nenhum Orixá ou Entidade mas que, caso o espectador deseja referenciá-los, ele pode fazer sem nenhum problema.

Com essa observação, o sacerdote autoriza que o espectador-usuário veicule aquela prática ritualística à figura do Orixá ou Entidade, a qual o fiel bem entender. Essa autorização tem como causa a ressignificação da própria prática ritualística imposta no vídeo. Se tal firmeza não é ligada a nenhum Orixá, o espectador-usuário, por meio do vídeo tutorial, pode naquele momento veicular ao arquétipo de Orixá que ele quiser. Deste modo, Alan Barbieri não apenas explicita saberes ritualísticos, que antes eram oportunizados apenas no convívio face a face no espaço religioso da terreira, mas permite a produção por conta própria por parte do fiel. Consequentemente, o sacerdote estimula uma autonomia do espectador-usuário, que realiza os rituais no seu tempo, ressignificando e veiculando às figuras religiosas que deseja e, isto tudo, de forma desfragmentada sem o convívio com outros fiéis em um espaço sagrado (terreira).

Conforme o líder religioso monta a firmeza, ele salienta a necessidade do espectador em concentrar-se ao firmar os seus pensamentos ao longo da feitura e que, ao mesmo tempo, solicite a espiritualidade que toda a demanda, inveja e olho-gordo seja desfeita. Neste momento, Barbieri não apenas orienta a prática da ritualística na forma de tutorial mas, também, agrega ao espectador-usuário orientações de nível espiritual por intermédio da estimulação da concentração do fiel frente a prática ritualística.

Após a finalização da firmeza, o sacerdote solicita que o espectador derrame um pouco de água em cima do carvão e, posteriormente, bafore o charuto algumas vezes em cima da feitura. No entendimento de Barbieri, a água representa a pureza e a limpeza e o charuto é um potencializador de energias e forças presentes na ritualística. Em seguida, ele informa que de sete em sete dias o espectador deve derramar um pouco de água e baforar em cima da feitura. Depois de 21 dias o mesmo deve ser enterrado fora de casa e ao anoitecer. A figura a seguir mostra a firmeza finalizada.

Figura 26 - Firmeza de proteção contra demanda



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2016).

Nesta análise podemos identificar que Alan Barbieri, através de um espaço midiático, possibilita uma prática ritualística ao ensinar ao espectador, umbandista ou não, a utilização dos ingredientes, quais pensamentos devem ser emanados e quais palavras devem ser ditas ao longo da ritualística. Ademais, o sacerdote explica os porquês de alguns itens, o prazo de duração daquela firmeza e quais as funções que ela exerce.

Por meio de uma instrução midiaticizada, o fiel é munido de informações didáticas e para realizar a sua prática basta apenas que ele execute o passo a passo orientado pelo sacerdote. Sem a necessidade de veicular a prática ritualística a um espaço sagrado (terreiro), o espectador-usuário não só goza da liberdade fornecida pelo sacerdote e pela plataforma Youtube como, também, estimula a reconfiguração dos aspectos comunicacionais e da religião. Santana (2021) afirma que essa movimentação é característico da Umbanda Midiaticizada, em que os fiéis podem também debater e ensinar o fazer e o pensar religião através de espaços midiáticos. Essas ações são identificadas nos comentários que são analisados no próximo tópico.

Outro apontamento é a oportunidade que o inscrito tem em adquirir os conhecimentos teológicos e ritualísticos em outras plataformas on-line para além do Youtube como, por exemplo, o site “Estudar Em Casa” em que o sacerdote oferece não apenas cursos como, também, os relatores e experiências que ele vivenciou em sua trajetória como umbandista. A tomada desses espaços midiáticos por Barbieri aponta para uma tentativa de expansão de suas crenças religiosas e pessoais. Essa expansão é viável devido à midiaticização da religião e,

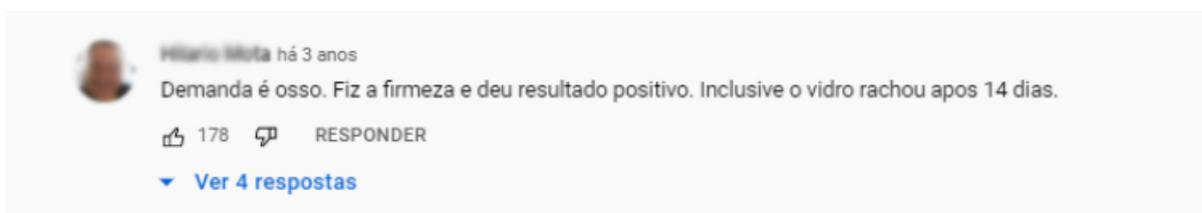
consequentemente, da Umbanda na qual os avanços tecnológicos propiciam novos ambientes de interação do espectador-usuário com a religião.

No próximo tópico, abordamos os comentários realizados pelos inscritos do canal Alan Barbieri sobre o vídeo de “Proteção contra demanda”.

4.3.2 TR - COMENTÁRIOS DE USUÁRIOS

Este vídeo conta com 977 comentários feitos pelos espectadores/usuários do Youtube. Para a análise dos comentários que seguem o vídeo TR consideramos 10 registros. A seguir uma figura que relata a experiência do “Usuário 1” ao realizar o tutorial ritualístico.

Figura 27 - Comentário do “Usuário 1”

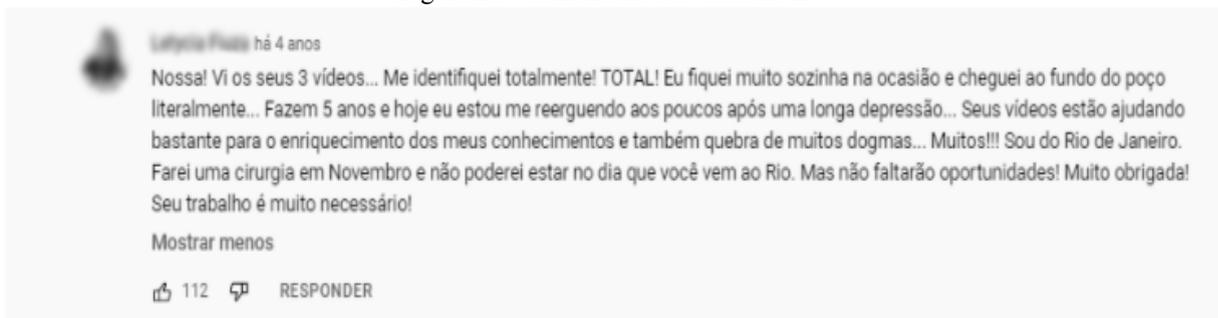


Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2016).

Ele comenta que realizou o tutorial ritualístico e o resultado foi positivo e acrescenta afirmando que o vidro rachou-se após 14 dias. O comentário parece indiciar a apropriação dos conhecimentos teológicos da Umbanda, proporcionados por Barbieri em seu canal, por meio da prática ritualística que é ensinada no tutorial. Ao visualizar os ensinamentos postos no vídeo produzido, o usuário que, pode ser ou não praticante da doutrina religiosa, utiliza-se de materiais comuns como carvão, vidro e outros itens de fácil acesso para realizar a prática ritualística. Tal ato pode ser feito em sua casa ou em qualquer ambiente físico que ele se sinta confortável, sem a necessidade de frequentar um espaço sagrado (terreira) e nem de ser um fiel pertencente à doutrina umbandista, desvinculando-o de obrigações frente à religião.

Já no “Usuário 2” podemos observar um processo de identificação com as falas de Barbieri. A figura a seguir mostra o comentário na íntegra.

Figura 28 - Comentário do “Usuário 2”



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2016).

No depoimento, ele comenta que identificou-se com os vídeos sobre demandas, associando os sintomas de ataque espiritual com às suas questões individuais (sentimento de solidão, depressão e insucesso) e compartilhando informações de nível pessoal como se estivesse confidenciando para o próprio Barbieri. O usuário parece não se importar que outros espectadores-usuários possam ler seu depoimento.

Para além da prática da religiosidade e a divulgação dos conhecimentos teológicos e ritualísticos propostos por Barbieri, o usuário valoriza o trabalho do sacerdote, afirmando que seus conteúdos produzidos são necessários pois enriquecem os seus conhecimentos e o ajudam na quebra de dogmas sobre a religião Umbanda. Portanto, os vídeos divulgados no canal do Youtube auxiliam tal usuário a entender as práticas ritualísticas da Umbanda sem a presença de tabus e, até mesmo, preconceitos sobre tais práticas.

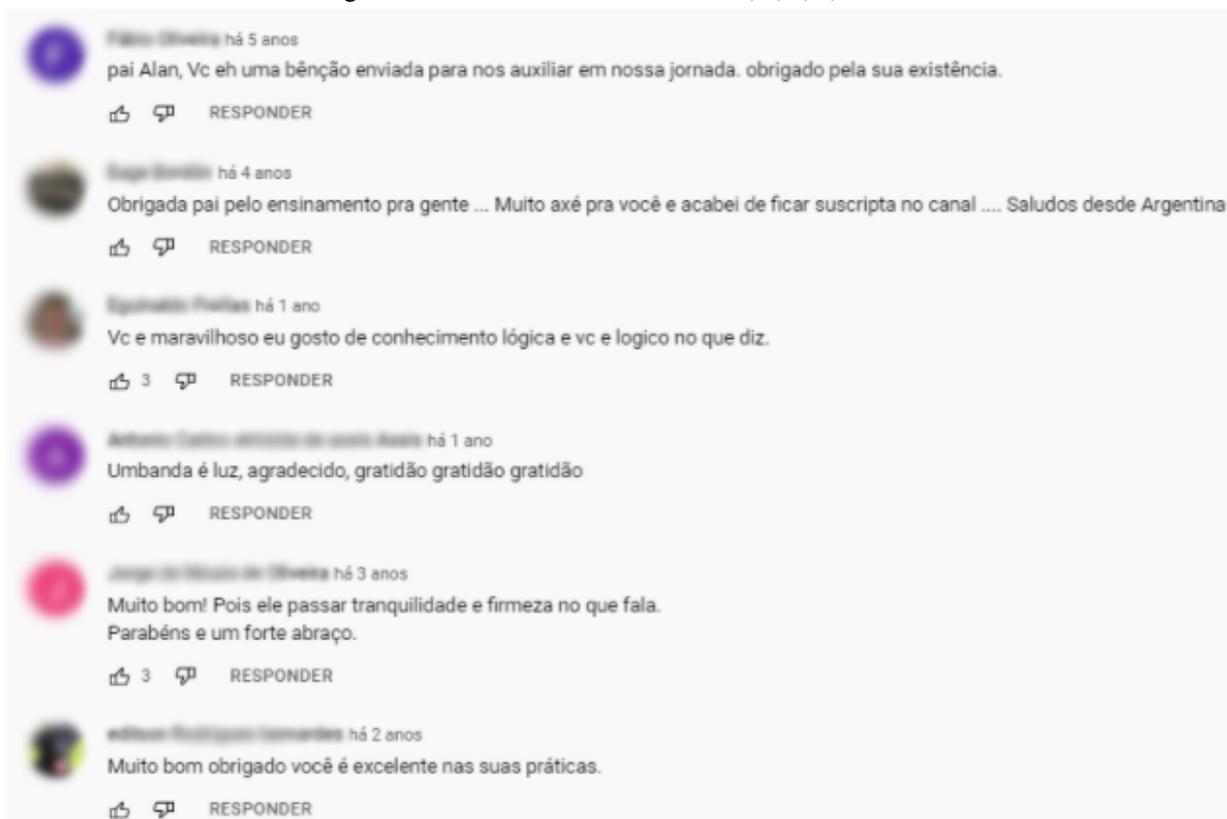
Também, há evidência de apropriação dos conhecimentos passados no vídeo por parte do usuário. Especialmente, quando ele comenta que os vídeos de Barbieri estão ajudando na ampliação de seus conhecimentos. Logo, o usuário que já tinha alguns saberes sobre a Umbanda, ao visualizar o conteúdo divulgado pelo sacerdote no Youtube, apropria-se dessas ideias que ampliam seus entendimentos frente à doutrina religiosa da Umbanda. Esse processo ocorre por meio do espaço midiático sem a presença do usuário em um local sagrado, como por exemplo a terreira.

Por fim, existe uma conexão do usuário com a fala do sacerdote ao afirmar que identificou-se totalmente com o que foi dito no vídeo. Ele ainda declara que não poderá ver Barbieri pessoalmente, mas que não faltarão oportunidades. Podemos identificar um interesse do usuário em ultrapassar a relação de produtor-amador *versus* espectador-usuário no espaço midiático (Youtube) para uma comunicação face a face.

Ao longo da análise dos comentários encontramos algumas mensagens com elogios sobre o conteúdo difundido pelo sacerdote Alan Barbieri. A figura a seguir evidencia alguns

retornos feitos pelos usuários no vídeo e que transparecem essas qualidades para o produtor de conteúdo.

Figura 29 - Comentários dos Usuários 3, 4, 5, 6, 7 e 8



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2016).

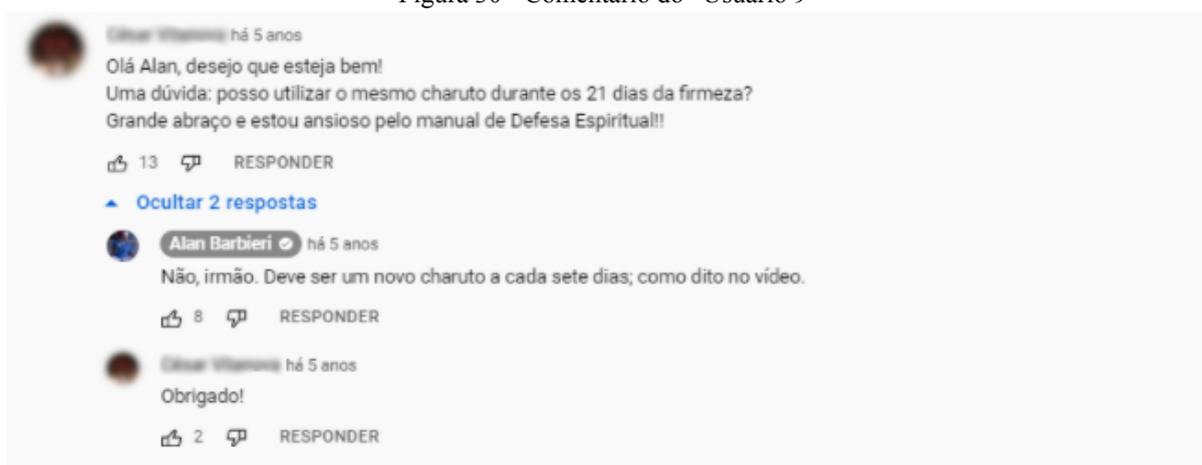
Notamos a presença de palavras mencionadas nos comentários que evidenciam elogios frente ao conteúdo exposto como “maravilhosos” e, também, exaltam a “tranquilidade”, a “firmeza”, a “excelente prática” e o “raciocínio lógico” do sacerdote ao transmitir os conhecimentos ritualísticos. Esses *feedbacks* mostram a atenção do espectador-usuário frente ao material divulgado por Barbieri em seu canal no Youtube. Além de que, tais elogios acabam por estimular comentários de outros usuários e, dessa forma, Barbieri angaria mais admiradores e curiosos para o seu canal.

Assim, notamos que, para além de estimular a prática religiosa, esse espaço se constitui como um lugar em que Barbieri se fortalece como figura midiática, tendo o reconhecimento pela sua expertise em saberes teológicos e ritualísticos da doutrina Umbanda e, ainda, pelos seus vídeos que são produzidos de forma didática através de tutoriais. Vale destacar que os registros de agradecimento, como “você é uma benção”, “gratidão”, “muito obrigado”, indicam uma afeição dos espectadores-usuários pelo líder religioso. Consequentemente, essa comunicação entre usuários e Barbieri, para além do

sentimentalismo, amplifica a influência que o sacerdote tem frente ao seu público no espaço midiático.

Os comentários encontrados sobre o vídeo de “Proteção contra demanda” não findam-se apenas em elogios. Os espectadores questionam o sacerdote sobre alguns detalhes sobre a ritualidade que não ficaram elucidados. A figura a seguir expõe essa interação entre o receptor e produtor.

Figura 30 - Comentário do “Usuário 9”

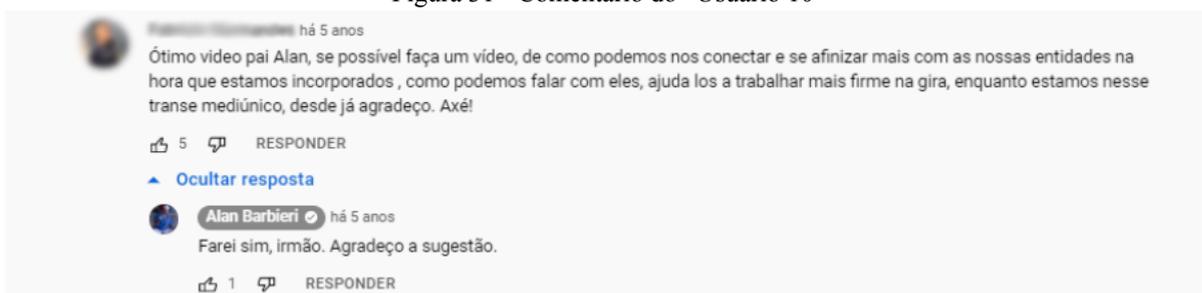


Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2016).

No comentário do “Usuário 9” percebemos que ele questiona Barbieri sobre a possibilidade de utilização do charuto, elemento usado na ritualística, ao longo dos vinte e um dias. O líder religioso responde dizendo que o charuto deve ser trocado de sete em sete dias. Notamos que ele pede para que o “Usuário 9” retome o vídeo, enfatizando que tal dúvida sobre o conhecimento ritualístico já está desenhado no material produzido.

As sugestões de novos vídeos abordando de forma detalhada sobre o desenvolvimento mediúnico também são encontradas nos comentários do vídeo analisado. Na figura a seguir, o “Usuário 10” solicita um conteúdo específico para Barbieri.

Figura 31 - Comentário do “Usuário 10”



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2016).

Tal usuário incentiva Barbieri a realizar um vídeo sobre como se conectar de forma mediúnica com Entidades no momento da incorporação, também sobre como se comunicar com as Entidades e Guias Espirituais. O sacerdote responde afirmando que irá produzir o conteúdo e agradece a sugestão do usuário. Este comentário revela a necessidade de aprofundamento por parte do espectador-usuário frente aos conteúdos ritualísticos divulgados por Barbieri em seu canal. Além de que, o usuário demonstra ser praticante da religião Umbanda quando afirma que tais temáticas auxiliam “enquanto estamos nesse transe mediúnico”. Em vista disso, a apropriação dos conteúdos produzidos por Barbieri também ocorre por parte de fiéis praticantes da religião Umbanda que, não satisfeitos com os saberes já obtidos em suas vivências religiosas, buscam no canal do sacerdote uma extensão de seus conhecimentos teológicos e ritualísticos de forma on-line.

Ao analisar o vídeo “Proteção contra demandas” publicado no canal do Youtube de Alan Barbieri destacamos que ele possui uma intimidade com a linguagem midiática é presente na comunicação utilizada pelo sacerdote. Ao adotar termos como “role a página”, Barbieri demonstra familiaridade com o linguajar desses espaços midiáticos e o incorpora em seus portais de estudo à distância, como por exemplo o “Estudar em Casa”. O uso desses espaços midiáticos também revelam a tentativa de ampliação de suas crenças religiosas e pessoais através da expansão de seus conteúdos para além da plataforma do Youtube e, inclusive, em portais e sites.

Sobre a experiência do espectador-usuário com o tutorial ritualístico produzido pelo sacerdote, identificamos que aquele usufrui de uma autonomia na qual não há a necessidade do convívio em um espaço sagrado (terreiro). Além do mais, a possibilidade de realizar a prática ritualística no tempo que quer e veiculando ao Santo que bem lhe convêm, propiciados pelo aval de Barbieri em seu vídeo, mostram o estímulo à reconfiguração dos aspectos comunicacionais e da religião. Esse movimento é identificado nos estudos da midiatização da religião e midiatização da Umbanda. Tal reconfiguração é notada quando o sacerdote, ao divulgar saberes ritualísticos, que antes eram oportunizados apenas no espaço sagrado (terreiro) por meio do convívio face a face, possibilita a produção da “firmeza” por conta própria por parte do fiel.

Já nos 10 comentários analisados neste tópico, indicamos a apropriação dos conhecimentos teológicos da Umbanda por meio da prática ritualística que é ensinada no tutorial. Tal ensinamento é desvinculado de obrigatoriedades por parte dos espectadores-usuários frente à doutrina umbandista. Portanto, a prática ritualística pode ser feita em qualquer lugar sem a necessidade de estar em um espaço sagrado e,

consequentemente, sem a exigência de seguir normas de conduta próprias da religião Umbanda.

Alguns espectadores-usuários, ao apossarem-se desses saberes religiosos, acabam por entender as práticas ritualísticas da Umbanda sem a presença de tabus e preconceitos sobre tais demonstrações religiosas. Inclusive, alguns deles são praticantes da doutrina umbandista e, não satisfeitos em restringirem-se apenas com os saberes obtidos em suas vivências religiosas, buscam no canal de Barbieri uma maneira de extensão de seus conhecimentos teológicos e ritualísticos de forma on-line. Assim, ao estimular a prática religiosa, a plataforma do Youtube configura-se como um lugar em que Barbieri fortalece sua figura midiática, obtendo o reconhecimento pela sua expertise doutrinária e, também, pelos seus vídeos produzidos de forma didática através de tutoriais.

Enfim, podemos perceber que os espectadores-usuários, ao identificarem-se com as falas do sacerdote, acabam por compartilhar informações de nível pessoal como se estivessem confidenciando para o próprio Barbieri. Algumas mensagens ilustram o desejo em ultrapassar a relação de produtor-amador e espectador-usuário no espaço midiático para uma comunicação presencial. Justamente, porque tais comentaristas criam uma afeição pelo líder religioso, portanto, tal sentimentalismo pode impactar a influência do sacerdote sobre eles.

No próximo tópico analisamos o vídeo “Guias e Brajás na Umbanda” e comentários.

4.3.3 TEOLOGIA UMBANDISTA (TU): GUIAS E BRAJÁS NA UMBANDA

No segundo vídeo, chamado de “Guias e Brajás na Umbanda”, de modo geral, Alan Barbieri mostra um conteúdo em que pretende ensinar aos inscritos como são as guias da Umbanda e de que qualidades materiais são feitas. Ainda descreve quais são as diferenças entre elas, quando e de que forma podem ser usadas, a distinção entre as guias de trabalhos ritualísticos e as usadas na vida cotidiana dos fiéis.

Na composição do produto audiovisual, o sacerdote adota um fundo azul marinho e se apresenta com roupas brancas. Ele inicia o vídeo afirmando que cada terreiro de Umbanda irá dar a devida importância para a funcionalidade das guias. Alguns espaços utilizam-se de uma variedade de guias e outros terreiros adotam um número reduzido, bastando apenas uma. Logo, na visão do sacerdote, cada terreira achará uma maneira particular de uso das guias nas ritualísticas da Umbanda. Portanto, não devemos comparar os médiuns que usufruem de muitas ou poucas guias e que isso não significa que um dos lados estão errados. Barbieri enfatiza que são apenas formas diferentes de utilização desse elemento ritualístico.

O líder religioso demonstra características das guias: todas são feitas no formato circular e podendo ser constituídas de miçangas, pedras, sementes e outros materiais. Elas são circulares porque na ritualística da Umbanda, as guias servem como um portal entre o médium e a Entidade. Na ótica do sacerdote, o médium, ao colocar a guia envolta do pescoço, insere-se em um campo energético que trará para os trabalhos espirituais e ao próprio portador da guia proteção, sustentação, amparo e manterá o vínculo entre o plano espiritual (Entidades) e o plano terreno (médium). A figura a seguir mostra o Alan Barbieri colocando uma guia de Umbanda envolta do pescoço.

Figura 32 - A maneira de colocar a guia



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

Ao longo de toda a duração do vídeo, Barbieri usa o próprio corpo e as suas guias para realizar a demonstração. O ato de valer-se de seus próprios objetos pessoais e religiosos fazem com que o sacerdote promova uma proximidade nos espectadores-usuários que o assistem. Barbieri, no vídeo, frisa que, ao usufruir das guias, o médium deve ter responsabilidade pois deve-se atentar a maneira correta de utilização desse elemento ritualístico. A guia de trabalho espiritual não possui a mesma finalidade da guia de proteção usada no cotidiano do fiel, segundo Alan. Ambas devem ser vistas de forma diferenciada e, conseqüentemente, usadas em locais corretos:

Existem alguns cuidados que devemos tomar: não posso pegar, por exemplo, a guia do meu caboclo. Não é mais adequado pegar a guia do meu caboclo e trabalhar com ela, ir para a empresa, para o trabalho, ir para a escola, ir para a faculdade ou ir para

a balada. Não convém! Aquilo que é sagrado deve ser usado apenas no ambiente sagrado e, aquilo que é usado no cotidiano deve ser específico para o cotidiano (BARBIERI, 2017, documento eletrônico).

O sacerdote não apenas incentiva a autonomia do espectador-usuário ao trazer a possibilidade do fiel criar sua própria guia em casa ou no ambiente que estiver como, também, estimula a responsabilidade de quem está do outro lado da tela em usar as guias de forma correta. Sobre os materiais utilizados na confecção das guias, Barbieri salienta que o ideal é que elas sejam compostas por elementos naturais como, por exemplo, sementes, pedras e afins. Justamente porque são esses elementos naturais que irão agregar uma maior força energética para o médium: “A guia não é apenas algo simbólico ou um colar (...) ela está ali para criar um campo energético em torno do médium e o conectar com aquela força. Se estamos falando de energia quanto mais natural for este elemento, melhor será a energia” (ALAN BARBIERI, 2017, documento eletrônico). O sacerdote dá o exemplo das guias de miçangas feitas de plástico. Para ele, o plástico é um material que isola o fluxo de energia e, conseqüentemente, agrega ao campo energético uma quantidade mínima dessa força energética. A figura a seguir ilustra uma guia constituída de miçangas de plástico.

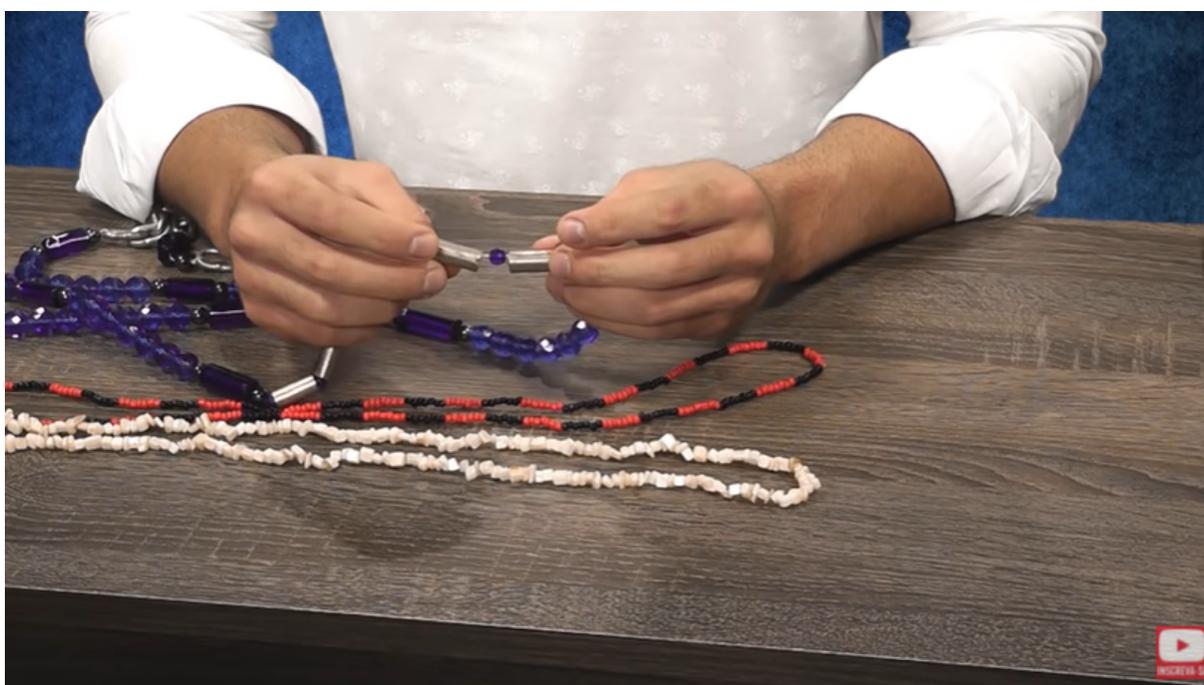
Figura 33 - A guia de miçangas de plástico



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

Alan Barbieri compara a guia de plástico com uma composta por pedras (mineral). A diferença para ele é que a guia de mineral absorve um maior fluxo de energia, beneficiando mais o médium do que a de plástico. Sobre a guia de pedra na cor branca, na doutrina do sacerdote, é destinada ao Orixá Iemanjá. Em seguida, ele mostra ao espectador uma guia azul que é atribuída ao Orixá Ogum e é composta por hematita e cristais. Ademais, o sacerdote agregou nessa guia ferro e correntes, tais materiais da natureza são elementos desse próprio Orixá que representa a guerra e a força, afirma Alan Barbieri (2017, documento eletrônico). A figura a seguir expõe as três guias descritas anteriormente.

Figura 34 - As guias de plástico e de minerais



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

Barbieri enfatiza que utiliza a guia de Ogum apenas em datas comemorativas, como o aniversário de seu Templo Escola Casa de Lei que ocorre no mês de abril, pois o líder religioso prefere usar algo mais discreto. Ao longo do vídeo, novamente, o sacerdote traz exemplos de si próprio, buscando refletir no espectador-usuário uma sensação de familiaridade como se, ambos os personagens dessa comunicação estivessem tendo uma conversa informal. O sacerdote conclui que a composição de guias com materiais minerais (pedras) e vegetais (sementes) agregam mais energia para o médium e que mesclar esses elementos em uma mesma guia é o ideal.

Sobre os brajás, o líder religioso destaca que elas possuem a mesma função de uma guia - dar a proteção, a sustentação, amparar e manter o vínculo entre o plano espiritual (Entidades) e o plano terreno (médium) - todavia, elas são utilizadas por sacerdotes (Pais e Mães de Santo) de Umbanda. Por conseguinte, os brajás estão vinculados a uma representação de hierarquia em que apenas as utilizam quem está pronto para exercer o sacerdócio dentro de uma terreira. Barbieri ainda comenta que alguns líderes religiosos utilizam os brajás de forma cruzada, podendo ser da esquerda para direita e vice-versa, e que o significado disso na Umbanda é amplo. Alguns umbandistas acreditam que a esquerda para a direita representa o lado emocional e, ao contrário, representa o lado racional. Para o sacerdote, o cruzamento do Brajá é algo preferencial de cada líder religioso e não está vinculado a algum significado.

Ainda sobre as diferenças entre uma guia e os brajás, Barbieri destaca a quantidade de fios de miçanga. O brajá possui em torno de 7,14 ou 21 fios de miçangas e faz referência a um cargo de liderança dentro de uma terreira. O sacerdote salienta que essas características são herdadas do Candomblé em que, quantidade de fios de miçangas significa cargo e função hierárquica dentro de um terreiro. Novamente, o sacerdote enfatiza que essas especificidades variam de terreiro para terreiro. A figura a seguir ilustra a maneira que utiliza-se o brajá de forma cruzada.

Figura 35 - O cruzamento do brajá



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

Retomando o tema sobre a maneira correta de usufruir das guias e brajás, Barbieri elucida a diferença entre um fio de contas²⁴, com fins pessoais e rotineiros do médium, e o fio de contas de trabalho dentro de uma terreira. Sobre este, o sacerdote afirma que tem como objetivo conectar o médium com a Entidade no campo energético e aperfeiçoar a relação entre o ser humano com o espírito da Entidade. Já aquele, serve como proteção e absorve as energias densas e negativas do dia a dia.

Sobre a quantidade de guias e brajás, o sacerdote afirma que não há necessidade de um médium utilizar mais de duas. O excesso, para o líder religioso, apresenta-se como egocentrismo do próprio médium perante os outros:

Eu prefiro muito a simplicidade das coisas. Eu prefiro muito a falta do que o excesso. Então, eu acho que podemos pecar muito mais pela falta nesse caso, ou seja, diminuindo a quantidade de volume das coisas e, trabalhando muito mais a capacidade mediúnica do médium, a capacidade intelectual, a dedicação e o amor. Do que deixar que o volume de coisas massageie o ego. (...) Às vezes, o médium se acha melhor do que os outros só porque ele tem um monte de guias no pescoço e, por isso, se acha mais poderoso, mais evoluído e mais preparado. Mas isso não representa nada. Só pesa e cansa o pescoço no final. A responsabilidade de tudo isso aqui (guias e brajás) é maior do que o médium achar que só porque ele está com a guia, ele é melhor que os outros (BARBIERI, 2017, documento eletrônico).

Nos últimos minutos do vídeo, Barbieri afirma que àquelas pessoas que não participam de um terreiro ou não são pertencentes à religião Umbanda e que, possuem interesse em ter uma guia de proteção, podem comprar uma e colocar debaixo do travesseiro. Percebemos que, ao mesmo tempo em que o sacerdote circunscreve a função das guias na prática religiosa umbandista, restringindo-se à ótica doutrinária, ele expande e, até mesmo, reconfigura a utilização das guias, dando a elas novos contextos de aplicabilidade. Como por exemplo, usar a guia embaixo do travesseiro, ao invés de inseri-la no pescoço. Essa movimentação empregada pelo sacerdote pode indicar uma forma de conquistar novos espectadores-usuários. Já que, a partir do momento em que amplia-se sua aplicação, aumenta as possibilidades de prática religiosa por parte dos públicos do canal no Youtube.

Voltando ao vídeo, Barbieri sugere a compra de uma guia de pedras brancas por ser mais discreta e, provavelmente, evite a discriminação por parte de outras pessoas: “De qualquer maneira, você tem a possibilidade não sofrer um preconceito. A gente sabe que, hoje em dia, o preconceito existe” (ALAN BARBIERI, 2017, documento eletrônico). Esse adendo do sacerdote vai ao encontro com os dados recentes da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (2022) que afirmam que 91% dos ataques de intolerância religiosa, ocorridos no

²⁴ Fio de contas é um sinônimo usado dentro da Umbanda para designar guias e brajás.

Estado do Rio de Janeiro, foram direcionadas à religiões de matriz africana. Além de que, o ato de ser “discreto” na escolha da guia com o objetivo de evitar preconceitos está relacionado com a opinião de Fátima Damas, da Congregação Espírita Umbandista do Brasil, que declarou que muitos umbandistas sentem vergonha ou medo de assumirem sua doutrina umbandista (BBC NEWS, 2018, documento eletrônico).

Este vídeo coloca à luz a exposição de conhecimentos teológicos sobre as guias e brajás, no qual Barbieri narra a funcionalidade delas nos trabalhos espirituais e para proteção do médium. Complementa, afirmando que as guias e brajás em alguns terreiros representam um cargo hierárquico dentro do espaço sagrado sendo aplicada, também, como um sinônimo de poder, de importância dentro desse ambiente. Ademais, o sacerdote salienta que elas devem ser usadas em locais apropriados. Portanto, evitando o emprego delas no trabalho, na escola, na faculdade ou na balada. Ainda aprofundando sobre essa temática, o sacerdote enfatiza que as cores desse “acessório” estão vinculadas aos Orixás, Guias Espirituais e Entidades.

Percebemos que, por meio do material midiático (vídeo), elaborado por Barbieri e disponibilizado no Youtube, o fiel passa a ter a possibilidade de acessar a um conhecimento teológico e ritualístico que, antes, era exclusivo de encontros presenciais no terreiro. O líder religioso aprofunda funcionalidades das guias e brajás nas sessões de Umbanda e exemplifica as aplicabilidades delas em diversas ocasiões como representação de cargos hierárquicos, por exemplo. Logo, o conhecimento teológico e ritualístico deixa de ser limitado pelo convívio e a troca de informações em um ambiente físico e, por meio do espaço midiático Youtube, passa a ampliar-se para outros espectadores-usuários. Esses que, em alguns casos, podem não estar vinculados a uma prática religiosa em si.

Além disso, Barbieri utiliza uma linguagem didática e explicativa, indicando o passo a passo para que o espectador-usuário entenda os significados em volta das guias e brajás e recorra para o uso delas. Para isso, o sacerdote incentiva que praticantes e não praticantes de Umbanda confeccionem suas próprias guias. Ele também não restringe a usabilidade delas apenas para fins de trabalho espiritual dentro de um terreiro ou para fins de proteção. Ao contrário, ele traz alternativas ao espectador-usuário que pode usar embaixo do travesseiro para ter uma noite de sono tranquila, por exemplo. Por fim, Barbieri também indica que uma guia de cor branca é mais discreta e pode evitar atos de intolerância religiosa ao espectador-usuário que a utilize. Conseqüentemente, o sacerdote incentiva a autonomia de seu público em escolher quais materiais e cores podem ser confeccionados as guias.

De forma resumida, o sacerdote debate conhecimentos específicos de uma doutrina umbandista que, antes estava restrito ao convívio social e a troca de informações dentro do

terreiro, e permite a vinculação desses saberes em um espaço midiático, neste caso, o Youtube. Além do que, possibilita que pessoas pertencentes ou não pertencentes à doutrina umbandista construam ou adquiram suas próprias guias. Se antes, o espectador-usuário, para ter uma guia, precisaria frequentar um terreiro de Umbanda e participar das sessões e confraternizações, agora ele pode ter a sua guia sem estar vinculado a uma religião ou a uma prática religiosa em um ambiente físico. Sem essa limitação, novamente a autonomia do espectador-usuário se faz presente nos vídeos divulgados por Barbieri no espaço midiático do Youtube.

No tópico a seguir, exploramos os comentários realizados pelos inscritos do canal neste vídeo.

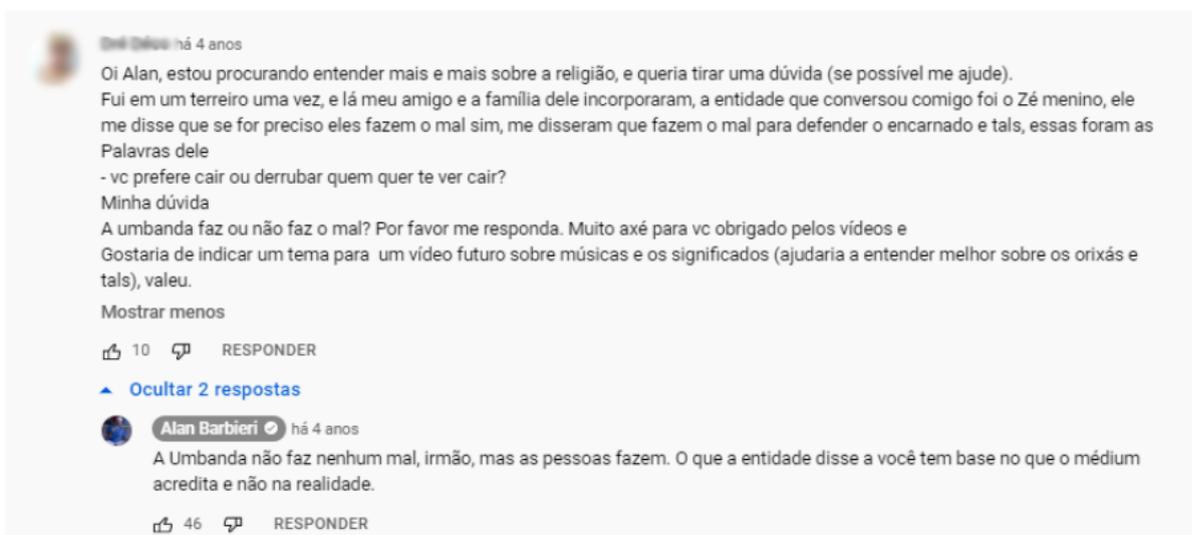
4.3.4 TU - COMENTÁRIOS DE USUÁRIOS

Este vídeo possui 649 comentários realizados por espectadores/usuários do Youtube. Analisamos nesta pesquisa, 9 mensagens que foram ordenados através do filtro “principais comentários” disponibilizado na plataforma e que consta os comentários que obtiveram maior interação (joinhas e respostas).

O “Usuário 11” após uma experiência em uma terreira de Umbanda, questiona Alan Barbieri se a religião Umbanda é capaz de realizar a maldade, prejudicando as pessoas e os demais envolvidos. Observamos que, o conteúdo do comentário mostra um questionamento pontual (a religião Umbanda faz maldade?) e, ao mesmo tempo, revela que o espectador-usuário tem um conhecimento robusto, a partir de vivências em terreiro, sobre as práticas ritualísticas da Umbanda.

Tendo em vista esse comentário e os outros analisados até aqui, percebemos que eles ultrapassam as temáticas debatidas nos vídeos. As caixas de comentários servem como um espaço que oportuniza aos indivíduos a expressão de suas dúvidas, curiosidades e o compartilhamento de experiências religiosas. Esse espaço viabiliza uma troca comunicacional entre o público e o produtor-amador, obtendo-se o retorno por meio de um conselho, esclarecimento e sugestões por quem produz o conteúdo assistido pelo espectador-usuário. Diálogo esse que, talvez não fosse conquistado pessoalmente ou, até mesmo, por outros meios midiáticos. De forma metafórica, é como se as caixas de comentários fossem como um confessionário onde o público pode confessar seus anseios, questionamentos e sugerir ao líder religioso novos conteúdos para debate. Na figura a seguir temos o comentário na íntegra do usuário 11.

Figura 36 - Comentário do “Usuário 11”

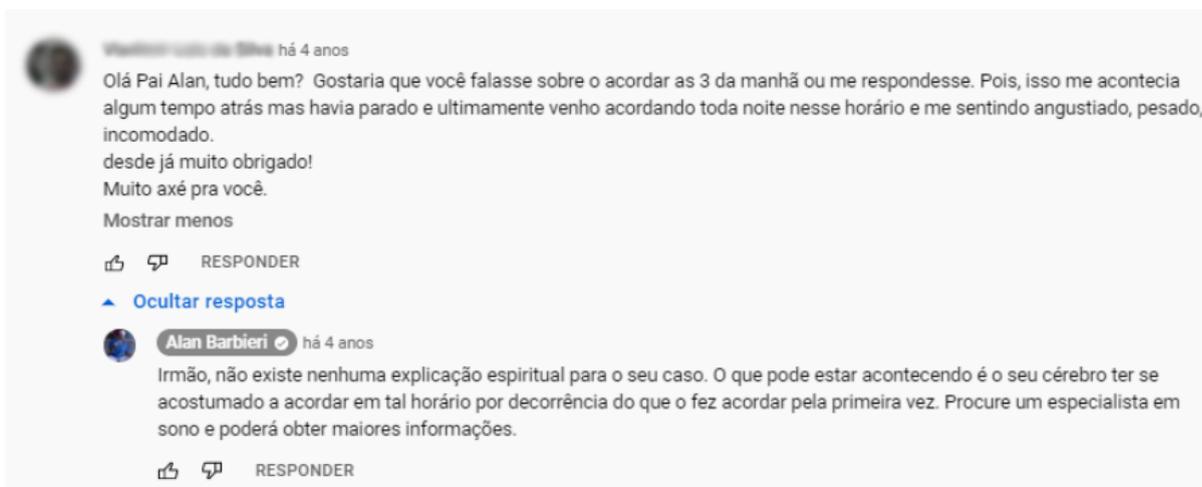


Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

O sacerdote desmistifica a concepção do usuário sobre a Umbanda e enfatiza que a doutrina umbandista não perpetua o mal e, sim, os seres humanos a praticam. Ele ainda comenta que, as falas da Entidade refletem no que o médium acredita, portanto, não devem ser levadas em consideração. Justamente, porque a Umbanda não compactua com a maldade e, sim, com a caridade. O que podemos compreender da fala de Alan Barbieri é que, alguns pensamentos e dizeres pertencem ao médium e não a Entidade. A resposta do líder religioso ao espectador-usuário serve como um mecanismo de combate a alguns pré-conceitos e preconceitos frente à Umbanda. No entendimento do sacerdote, a Umbanda não faz mal mas, sim, as pessoas. Portanto, a religião umbandista não deve ser “condenada” pelas atitudes errôneas de alguns fiéis. Traz a luz a ideia de que a postura de uma doutrina religiosa é diferente da conduta adotada por um médium ou praticante.

Ainda com o intuito de agregar esclarecimentos aos seus espectadores, Barbieri responde um questionamento do “Usuário 12” em que ele relata acordar às 3 horas da manhã e se sentindo angustiado, pesado e incomodado. Observamos aqui que a caixa de comentários acaba por funcionar, novamente, como um confessionário onde o espectador-usuário pode solicitar apoio do líder religioso. E, também, o conteúdo dessa conversa entre o público e o sacerdote acaba escapando da temática estimulada pelo tema do vídeo, que é falar sobre guias e brajás na Umbanda. Na figura a seguir temos o comentário do “Usuário 12” na íntegra.

Figura 37 - Comentário do “Usuário 12”

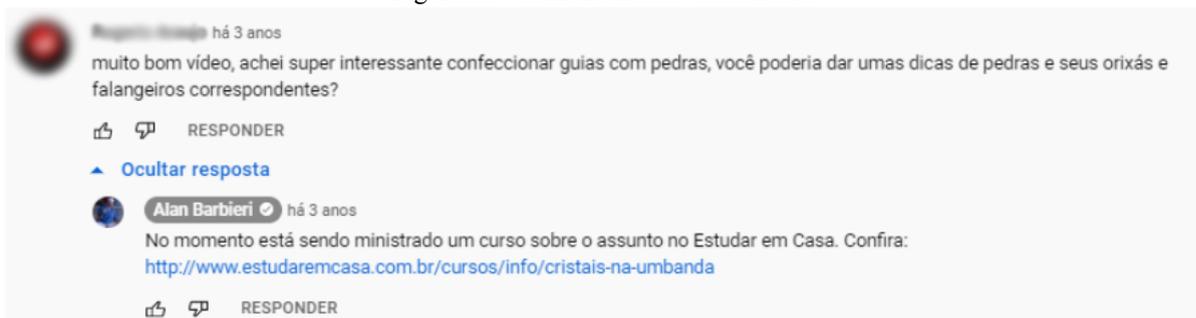


Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

O espectador-usuário questiona se existe algum significado espiritual para essas situações que ele vem vivenciando. O sacerdote afirma que não há nenhuma ligação com a espiritualidade e aconselha que o “Usuário 12” busque ajuda com um especialista em sono. Podemos observar que, nesse diálogo, o líder religioso não apenas responde a dúvida do espectador-usuário, desmistificando algumas crenças como, também, alerta para a necessidade de buscar ajuda de um profissional da saúde. Essa postura acaba por envolver ainda mais o comentarista, pois Barbieri, além de propor um possível diagnóstico para o caso, também se coloca como alguém preocupado com a situação pois indica a procura de um profissional especialista em sono.

No comentário a seguir, o “Usuário 13” expõe que achou interessante o conteúdo divulgado por Alan e que gostaria de aprofundar seus conhecimentos sobre guias, adentrando a tópicos sobre como confeccionadas para cada Orixá. Na réplica, o sacerdote informa que está ministrando um curso sobre esse assunto e convida-o a acessar o portal “Estudar em Casa”. Ele direciona um *link* de acesso a página do curso em que o espectador-usuário pode adquiri-lo. Ao sinalizar essa opção, Barbieri reforça sua necessidade de estar interrelacionado com outras mídias, promovendo uma trajetória de experiência com os conteúdos elaborados por ele nessas ambientes virtualizados. Consequentemente, o sacerdote não está presente e disposto para o seu público apenas no Youtube, ele também disponível em portais. A figura a seguir ilustra essa comunicação.

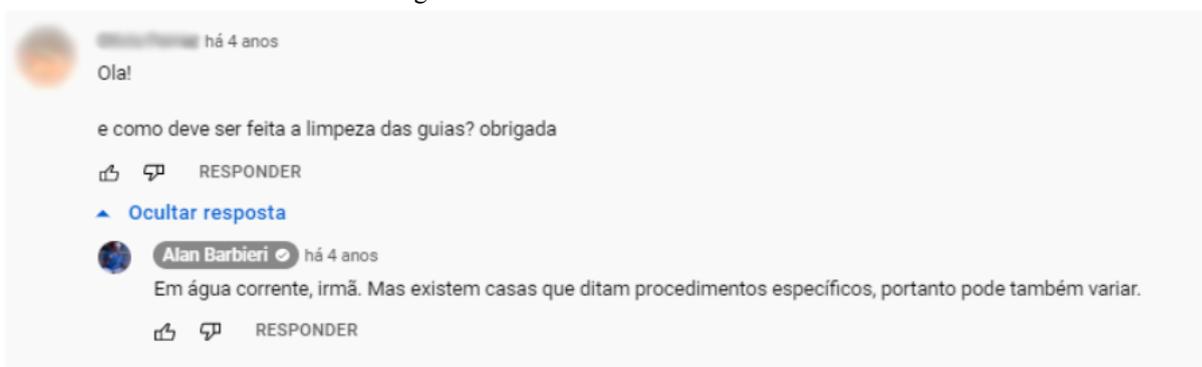
Figura 38 - Comentário do “Usuário 13”



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

Os questionamentos e dúvidas sobre como realizar a higienização e os cuidados no uso das guias são também elucidados por Barbieri. Ele responde ao “Usuário 14” que indagou sobre como deve ser feita a limpeza das guias, afirmando que devem ser lavadas em água corrente. Todavia, enfatiza que algumas casas de Umbanda possuem seus procedimentos específicos e que, por isso, pode haver variedade na maneira de higienizar o item ritualístico. Ao final do vídeo, é notável que Barbieri coloca-se à disposição para dar instruções complementares sobre o tema e salienta que, caso necessário, ele pode produzir um outro vídeo sobre o assunto. Segue a figura com as trocas de mensagens entre a espectadora/usuária e o sacerdote.

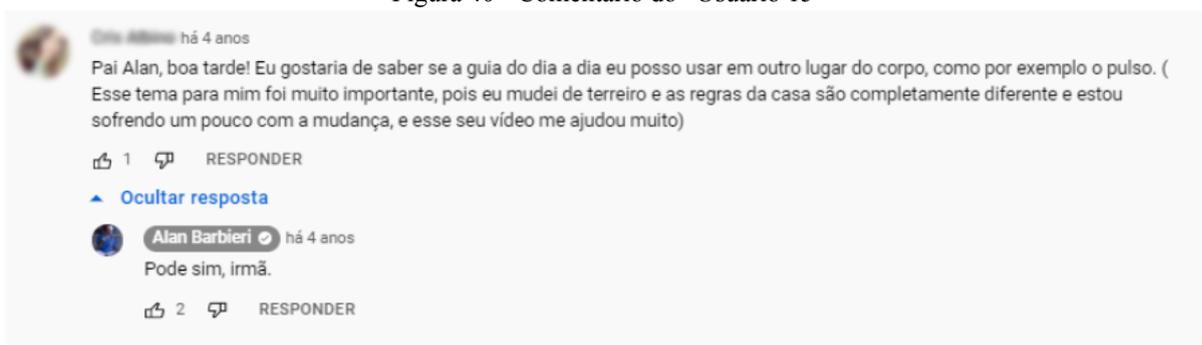
Figura 39 - Comentário do “Usuário 14”



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

No exemplo a seguir, Barbieri responde ao "Usuário 15" que relata ter passado por uma mudança de terreira e que, na atual, as regras de uso das guias são diferentes e que ele ainda está tentando se acostumar. Por fim, ele questiona se tem como usar a guia no pulso e não no pescoço, como foi ensinado no vídeo, tendo em vista protocolos específicos da prática umbandista. O sacerdote responde de forma afirmativa. Abaixo, segue figura que ilustra o relato, o questionamento do “Usuário 15” e a réplica do líder religioso.

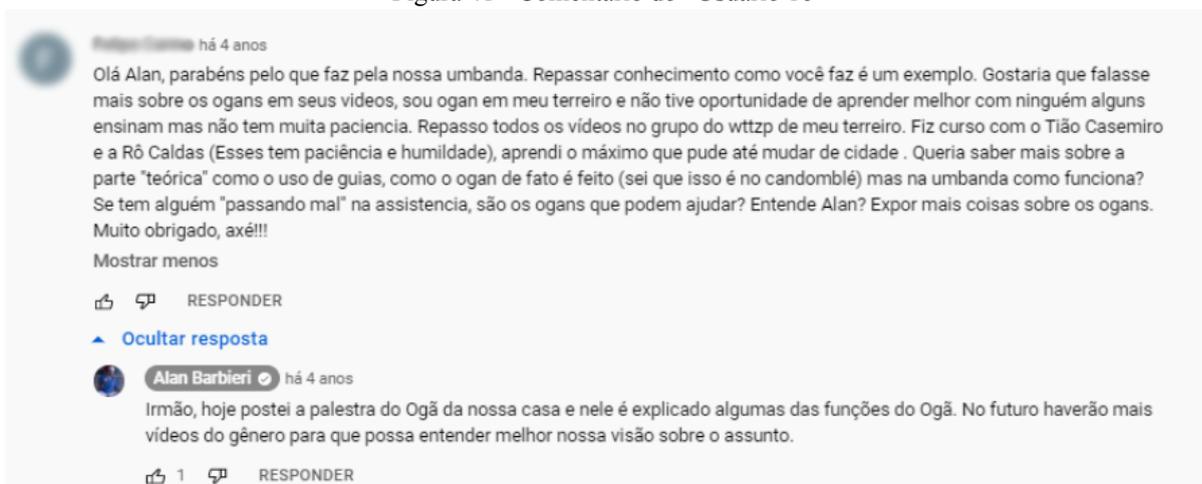
Figura 40 - Comentário do “Usuário 15”



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

Por meio dos comentários extraídos da plataforma, podemos identificar que o conteúdo sobre as Guias e os Brajás abriram um espaço para debates sobre outros temas que despertam a curiosidade dos usuários do canal de Alan Barbieri. Como, por exemplo, a recomendação do “Usuário 16” para o sacerdote.

Figura 41 - Comentário do “Usuário 16”



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

O “Usuário 16” comenta que gostaria de ver algum vídeo teórico sobre Ogãs, esclarecendo sobre como deve ser feito o uso da guia e como é a preparação de um médium para tornar-se Ogã na Umbanda. Complementando, o “Usuário 16” destaca que compartilha os vídeos difundidos por Alan Barbieri no grupo de WhatsApp²⁵ da terreira em que frequenta. Esse comentário indica um movimento de expansão da religiosidade: o fiel não restringe-se apenas aos conhecimentos ensinados no espaço sagrado (terreiro). Ele expande esse território,

²⁵ WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantâneas criado em 2009 pelos fundadores Jan Koum e Brian Acton. No aplicativo é possível compartilhar mensagens, vídeos, imagens estáticas, gifs, áudios, documentos no formato pdf e contatos de telefone com outros usuários do WhatsApp.

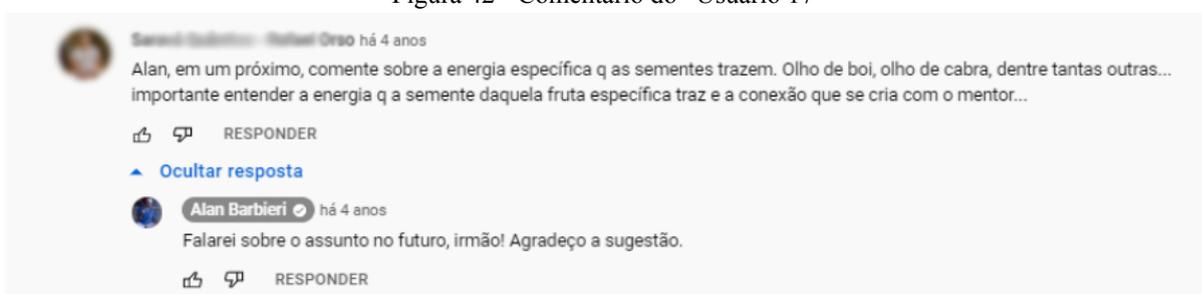
deslocando sua busca por informações sobre a doutrina religiosa em espaços midiáticos como, por exemplo, o canal do Barbieri no Youtube.

Também percebemos que os conteúdos criados por Barbieri em seu canal se ampliam para outros espaços midiáticos. O vídeo produzido pelo sacerdote, ao ser compartilhado pelo usuário no Whatsapp, permite que essa produção possa circular em outros ambientes virtuais. Essa mobilidade propicia um cenário no qual outros indivíduos puderam inscrever-se no canal do líder religioso no Youtube.

Em seguida, o sacerdote responde ao usuário afirmando que postou uma palestra do Ogã do Templo Escola Casa de Lei em que é explicado algumas funções do Ogã na Umbanda. Entretanto, o sacerdote evidencia que pretende confeccionar outros vídeos sobre o gênero com o intuito de aperfeiçoar a visão sobre o tema.

As recomendações de conteúdo para serem realizadas pelo líder religioso não se findam por aqui. No comentário a seguir, o “Usuário 17” - que também possui um canal chamado Saravá Quântico - propõe o sacerdote a dissertar mais sobre as sementes de olho de boi, olho de cabra e afins. Barbieri responde dizendo que pretende falar sobre o assunto no futuro e agradece a sugestão publicada. A figura a seguir relata o que foi narrado anteriormente.

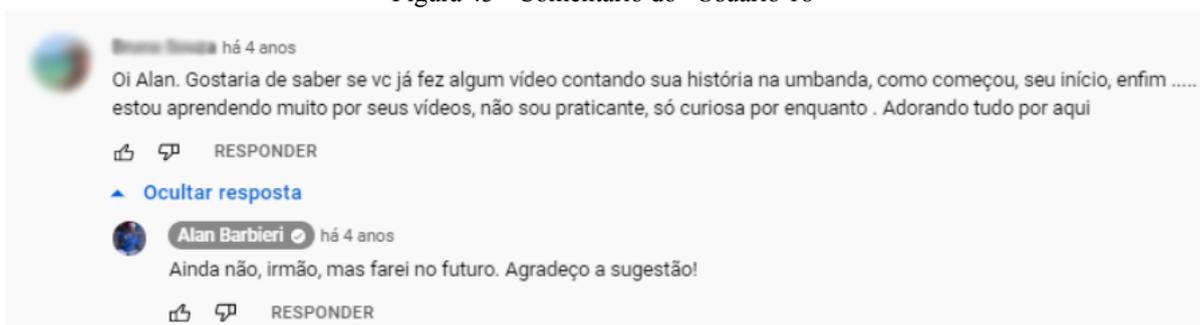
Figura 42 - Comentário do “Usuário 17”



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

Neste próximo comentário analisado, o “Usuário 18” relata que não é praticante de Umbanda, mas que possui curiosidade sobre o tema e solicita que o sacerdote confeccione um vídeo sobre a história da Umbanda. Alan Barbieri agradece a sugestão e afirma que, num futuro, irá criar esse conteúdo. A figura a seguir mostra essa interação entre o “Usuário 18” e o líder religioso.

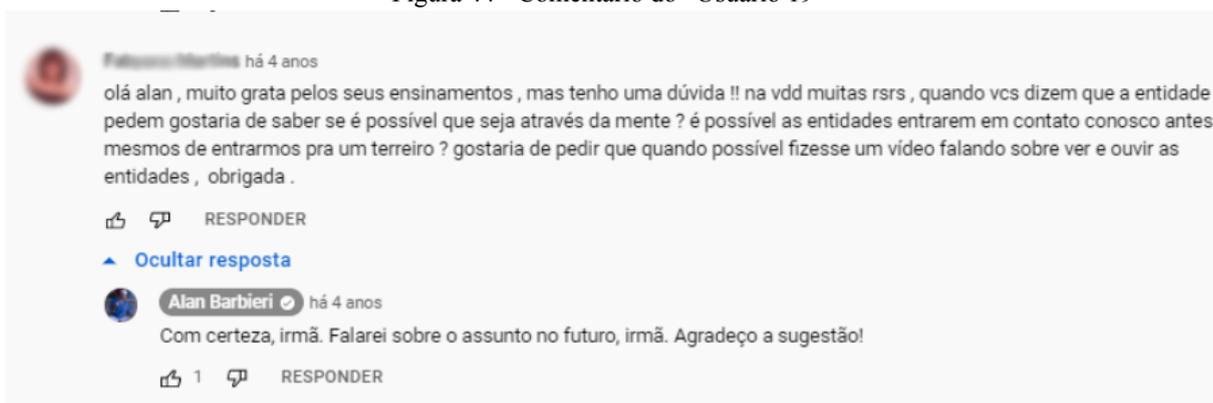
Figura 43 - Comentário do “Usuário 18”



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

Neste último comentário analisado neste trabalho, o “Usuário 19” comenta que sente-se grata pelos ensinamentos disponibilizados por Alan Barbieri sobre a Umbanda. A figura a seguir coloca em destaque a troca de mensagens entre os dois indivíduos.

Figura 44 - Comentário do “Usuário 19”



Fonte: Print do canal Alan Barbieri. Youtube (2017).

O espectador-usuário acrescenta que possui muitas dúvidas e uma delas é se a Entidade pode se comunicar com o médium através da mente e, se é possível, a Entidade entre em contato com a pessoa antes mesmo dela entrar em um terreiro. Ele finaliza sugerindo que o sacerdote realize um vídeo sobre como ver e ouvir as Entidades. O sacerdote, então, responde ao usuário afirmando que é possível, sim, a Entidade se comunicar por pensamentos e que eles escolhem a pessoa antes dela entrar no terreiro. O líder religioso finaliza agradecendo a sugestão e diz que irá falar mais sobre o assunto no futuro.

Analisando o vídeo “Guias e Brajás na Umbanda” publicado no canal do Youtube de Alan Barbieri percebemos que a temática não está direcionada à prática ritualística, como no vídeo “Proteção contra demanda”. O conteúdo funciona mais como uma instrumentalização da forma de uso desses “acessórios” pertencentes a doutrina umbandista. Tanto que, ao usar o

próprio corpo e as suas guias, o sacerdote realiza uma demonstração de como devem ser aplicadas. Ao passo que Barbieri realiza essa ação, ele promove uma proximidade dos espectadores-usuários com a figura dele, agregando familiaridade e um tom de “intimidade” ao fato de que seu público está vislumbrando seus itens religiosos pessoais.

Também notamos que, ao circunscrever a função das guias na prática religiosa umbandista, o sacerdote expande e reconfigura a utilização delas. Ele conota a elas novos contextos de aplicabilidade. Esse movimento pode ser entendido, também, como uma forma de conquistar novos espectadores-usuários. A partir do momento em que amplia-se uma nova aplicação das guias e brajás, Barbieri não apenas aumenta as possibilidades de prática religiosa, por parte dos públicos do seu canal no Youtube como, por outro lado, expande o uso para novos “praticantes” que podem usufruir desses itens religiosos.

Já as mensagens produzidas pelos espectadores-usuários sobre o vídeo analisado revelam que as caixas de comentários servem como um espaço que promove uma espécie de “confessionário” em que o público do canal no Youtube pode expressar suas dúvidas, curiosidades e o compartilhamento de experiências religiosas. Tais expressões ultrapassam a temática do vídeo proposto por Barbieri, tendo como consequência uma troca comunicacional mais imediata entre o produtor-amador e seus públicos. Comunicação essa que talvez não ocorresse pessoalmente e nem em outros espaços midiáticos além do Youtube.

Ademais, Barbieri usa dos comentários para esclarecer pré-conceitos e preconceitos que podem servir como gatilhos para a perpetuação da intolerância religiosa frente às religiões de matriz africana. Ele esclarece que as práticas religiosas de alguns fiéis não podem ser confundidas com a prática da doutrina umbandista. Portanto, na visão do sacerdote, quem faz o mal são as pessoas e não a Umbanda. Além disso, Barbieri aconselha alguns usuários sobre problemas de saúde que não devem ser entendidos como sinal de mediunidade, como é o caso do “Usuário 13” que possui distúrbio do sono.

Como observado na análise dos comentários, os espectadores-usuários tencionam outras temáticas que escapam do conteúdo produzido por Barbieri, como por exemplo a necessidade de vídeos teóricos sobre os Ogãs (Usuário 16), detalhamento sobre as sementes usadas na confecção das guias e brajás (Usuário 17), a história da Umbanda (Usuário 18) e como ver e ouvir as Entidades (Usuário 19).

Ainda, notamos que Barbieri se coloca à disposição para a criação de novos vídeos com o intuito de proporcionar ao seu público novas instruções complementares. Por fim, o compartilhamento dos vídeos produzidos pelo sacerdote no Youtube em outros espaços midiáticos como o Whatsapp são vistos no comentário do “Usuário 16”. Portanto, o

espectador-usuário não se limita apenas aos conhecimentos fornecidos no ambiente da terreira mas, sim, usufrui de outros espaços midiáticos para apropriar-se de novas informações frente a doutrina umbandista.

4.3.5 ANÁLISE GERAL DOS COMENTÁRIOS (TR + TU)

Em perspectiva de análise, os comentários foram agrupados em cinco categorias conforme teor do conteúdo expressado pelos espectadores/usuários nas trocas de mensagens. A amostra totaliza 19 comentários, sendo 10 comentários pertencentes ao primeiro vídeo (TR - Proteção Contra Demanda) e 9 comentários do segundo vídeo (TU - Guias e Brajás na Umbanda). O quadro a seguir mostra as categorias elencadas e a descrição do teor do conteúdo dos comentários.

Quadro 6 - As categorias e o teor do conteúdo

CATEGORIA	TEOR DO CONTEÚDO
Dúvidas	Apresenta questionamentos sobre o uso de itens na prática ritualística, perguntas sobre condutas doutrinárias da Umbanda e sobre mediunidade.
Relatos	Exibe depoimentos de espectadores-usuários que realizaram a prática ritualística, que compartilharam experiências pessoais, mediúnicas ou em terreiras. Por fim, mostra a apropriação de conhecimento teológico umbandista.
Sugestões	Expõe comentários dos espectadores-usuários com sugestões de produção de vídeos sobre teologia e ritualística de doutrina umbandista para o produtor-amador (sacerdote Alan Barbieri).
Elogios	Comentários que mostram <i>feedbacks</i> sobre o vídeo como um todo, a postura do sacerdote, os conhecimentos teológicos e ritualísticos transmitidos no vídeo.
Práticas da religiosidade on-line	Identifica comentários que evidenciam a prática da ritualística de forma on-line, o consumo do conteúdo divulgado no canal do produtor amador (sacerdote Alan Barbieri) e o compartilhamento dos vídeos em redes sociais por parte dos espectadores-usuários.

Fonte: Flores (2022).

Já o quadro a seguir possibilita uma visão macro dos comentários, aglutinando as trocas de mensagens compartilhadas dos dois vídeos em um único cenário. Também detalhando sobre a categoria que pertencem, a quantidade de comentários que refletem essa categoria, podendo haver repetições de usuários em mais de um tópico. Complementamos o

quadro com o teor do conteúdo e as temáticas doutrinárias umbandistas acionadas nessas trocas de mensagens entre o produtor-amador e o espectador-usuário.

Quadro 7 - Visão geral dos comentários nos vídeos analisados

CATEGORIA	QUANTIDADE	TEOR DO CONTEÚDO	TEMÁTICAS DOUTRINÁRIAS UMBANDISTAS
Dúvidas	8 comentários realizados pelos usuários 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 19.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Questionamentos sobre o uso de elementos ritualísticos. 2. Indagações sobre condutas doutrinárias da Umbanda. 3. Perguntas sobre mediunidade. 	<ol style="list-style-type: none"> A. Reutilização de charuto em ritualística, uso da guia no pulso e como limpar as guias. B. Pergunta sobre se a religião Umbanda pratica o mal. C. Acordar às 3 horas da manhã sentindo-se angustiado, se a Entidade lê a mente do médium e se é possível eles entrarem em contato antes do médium entrar para um terreiro.
Relatos	7 comentários realizados pelos usuários 1, 2, 11, 12, 15, 16 e 18.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Realização da prática ritualística e dos conhecimentos teológicos (religiosidade on-line). 2. Experiências pessoais. 3. Experiências em terreiras. 4. Experiências mediúnicas. 	<ol style="list-style-type: none"> A. Confecção da firmeza e ela surtiu efeito, apropriação de conhecimentos difundidos nos vídeos por não-praticantes da Umbanda. B. Vivências referente a sofrimentos causados por depressão, angústia, ansiedade e demandas. C. Experiência negativa em um terreiro onde o espectador/usuário sentiu-se amedrontado; experiência sobre a mudança de uma terreira para outra. D. Experiência em acordar-se em determinados horários, E. Vivência como praticante de Umbanda que ocupa uma função (ogã, por exemplo) dentro da terreira.
Sugestões	6 comentários realizados pelos usuários 10, 11, 16, 17, 18 e 19.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Produção de vídeos sobre conhecimentos teológicos e ritualísticos da doutrina umbandista. 	<ol style="list-style-type: none"> A. Musicalidade e significados na Umbanda, dicas sobre como usar as pedras em guias e quais Orixás esse acessório remete, teoria sobre os Ogãs, aprofundamento sobre uso de sementes nas guias, a história da Umbanda e suas origens, ouvir e falar com Entidades.

Elogios	12 comentários realizados pelos usuários 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 16, 18 e 19.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Feedbacks sobre o vídeo. 2. Feedback sobre a postura do sacerdote e dos conhecimentos teológicos e ritualísticos transmitidos pelo sacerdote em seus vídeos. 	<ol style="list-style-type: none"> A. Reconhecimento da qualidade dos vídeos produzidos por Alan Barbieri. B. Enaltecimento do trabalho do produtor-amador e de sua existência, da sua oratória, da sua lógica, da sua tranquilidade e da sua firmeza ao transmitir os conhecimentos teológicos e ritualísticos da Umbanda.
Práticas da religiosidade on-line	12 comentários realizados pelos usuários 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18 e 19.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ato de praticar a ritualística on-line. 2. Ato de consumir o conteúdo religioso publicado no canal do produtor-amador. 3. Compartilhamento dos vídeos em redes sociais. 	<ol style="list-style-type: none"> A. Relataram a realização da ritualística. B. Depoimentos que mostram a apropriação do conteúdo teológico e ritualístico. C. Um espectador/usuário relatou compartilhar os vídeos produzidos pelo sacerdote no WhatsApp.

Fonte: Elaborado por Flores (2022)

Como podemos notar, dos 19 comentários analisados, oito são pertencentes a categoria “Dúvidas” pois expressam questionamentos sobre os itens utilizados no vídeo de tutorial ritualístico (Proteção Contra Demanda) e, tanto nesse quanto no segundo vídeo analisados (Guias e Brajás na Umbanda) ocorrem perguntas sobre as condutas doutrinárias da Umbanda e inquietações sobre a mediunidade. Posteriormente, temos sete comentários pertinentes a categoria “Relatos” em que surgem depoimentos de vivências e de experiências religiosas e mediúnicas dos espectadores-usuários como a visita a uma terreira, a mudança de uma terreira para outra, sensações de mal estar, angústia, cansaço, tristeza e depressão por, supostamente, os espectadores-usuários estarem com demanda.

Identificamos, também, seis comentários que fazem parte da categoria “Sugestões” em que há recomendações de conteúdos a serem produzidos por Alan Barbieri como, por exemplo, o aprofundamento sobre a musicalidade e significados na Umbanda, algumas dicas sobre como usar as pedras em guias e quais Orixás esse elemento ritualístico remete, a discussão teórica sobre os Ogãs, detalhamento sobre o uso de sementes nas guias, a história da Umbanda e suas origens e como ouvir e falar com Entidades. Ainda, reconhecemos 12 comentários da categoria “Elogios” que enaltecem qualidades tanto do vídeo construído por Barbieri quanto a postura dele perante seu público e dos conhecimentos teológicos e ritualísticos transmitidos nos vídeos.

E, por fim, 12 comentários evidenciaram indícios de uma religiosidade on-line através da prática da ritualidade por intermédio do tutorial ritualístico (Proteção Contra Demanda),

em que o espectador-usuário pratica os passos ensinados pelo sacerdote. Há apropriação do conteúdo teológico umbandista, por parte de seus espectadores-usuários que são constituídos por praticantes e não praticantes da religião, difundido pelo produtor-amador e o compartilhamento dos vídeos em redes sociais como o WhatsApp, por exemplo.

4.4 DO TERREIRO PARA OS VIEWS: A RELIGIOSIDADE ON-LINE COMO UMA VIA DE POSSIBILIDADES...

Nesta pesquisa estudamos a plataforma Youtube como uma mídia social digital, pois nela é possível a veiculação de vídeos sobre amplas temáticas, a expressão de opiniões e sugestões por meio das “caixas de comentários” e o compartilhamento do conteúdo em redes sociais. Escolhemos o canal do Youtube do sacerdote de Umbanda, Alan Barbieri, criado em 25 de maio de 2013 e que em nove anos de criação, o sacerdote é detentor do maior canal de Umbanda, com mais de 655 mil inscritos e mais de 40 milhões de visualizações ao longo de seus 602 vídeos disponibilizados na plataforma e distribuídos em 20 playlists (informações datadas em 27 de fevereiro de 2022).

Ao divulgar os conhecimentos teológicos e as práticas ritualísticas da religião Umbanda no seu canal do Youtube, Barbieri proporciona ensinamentos de forma didática e explicativa aos praticantes e não iniciados da doutrina umbandista. Compreendemos que esse movimento descentraliza o espaço tradicional de convívio e culto da religião Umbanda que é a terreira e, também, reconfigura o papel central desse ambiente como lugar de convívio e diálogos sobre os aprendizados teológicos e ritualísticos desta doutrina. Assim, Barbieri fomenta juntamente com os seus espectadores-usuários uma troca comunicacional que, não está restrita a um ambiente físico e, sim, se faz presente em um espaço midiático que é o Youtube.

Como afirma Santana (2021), todos os processos iniciáticos umbandistas estão vinculados a uma definição de identidade, portanto, a frequência a um território físico (terreira) proporciona aos fiéis o estabelecimento de quem se é. Quer dizer que, é nesse espaço e na copresença que o fiel aprende a usar os elementos que o identificam como um praticante de Umbanda, como, por exemplo, o uso das guias e brajás e as vestimentas brancas. A terreira também é o ambiente em que o umbandista aprende a louvar seu Deus (Zambi/Olorum) e os seus deuses representados pelos Orixás, Entidades e Guias Espirituais que encontram-se no congá. O congá é o altar em que estão dispostas as imagens desses deuses. Se o homem necessita situar-se num centro, onde ele possa se comunicar com seus

deuses (ELIADE, 2019 apud SANTANA, 2021), a terrestre, então, seria o espaço ideal para o fiel dialogar com suas crenças de forma completa.

Essas reconstruções de formas de fazer e de pensar religião são identificadas nos estudos da midiaticização da religião que, anteriormente, é tensionada pela midiaticização. Entendemos a midiaticização como um processo social recorrente da intensificação da presença das tecnologias na comunicação (sejam mídias tradicionais ou digitais) que reflete em mudanças significativas nas relações dos indivíduos, gerando configurações na cultura e na sociedade em seu todo. Isso ocorre em diversos setores da sociedade como a educação, a política e a construção de trocas dos indivíduos entre si. Lembramos que, a midiaticização não ocorre de forma universal (HJARVARD, 2008, p.113 apud VERÓN, 2014), esse processo varia conforme os contextos socioeconômicos, sociais e políticos. Ademais, ela exhibe os fenômenos técnicos transformando-se em meios de forma acelerada e intensa.

Já a midiaticização da religião é a articulação dos processos sociais, como as concepções e práticas religiosas, que aliada ao ambiente midiático ao redor (os programas evangelizadores de rádio e televisão, por exemplo) proporcionam uma forma contemporânea de representação e vivência do religioso (MARTINO, 2016). Essa forma contemporânea é reflexo de um intenso atravessamento da religião acompanhada do avanço tecnológico e do capitalismo que tem como consequência a modificação dos sentidos, das formas e das ritualidades (CUNHA, 2014).

O diferencial da midiaticização da religião - que pode ser vislumbrada na rádio e na televisão - comparada ao formato tradicional de fazer religiosidade - a leitura da bíblia nas igrejas ou o ato de assistir uma missa, por exemplo - é que ela oportuniza diversas concepções de religiosidades ocasionando uma pluralidade de formas de interpretação simbólica, modificando valores e expandido os entendimentos frente aos conteúdos doutrinários. Portanto, a midiaticização da religião agrega novas apropriações de doutrinas, de dogmas, de interpretações e de práticas religiosas. Ainda, como enfatiza Sbardelotto (2014), amplia a semântica cultural da religião, abrindo múltiplas construções de sentidos sociais.

Como a midiaticização tem como característica a inserção dos fenômenos técnicos no cotidiano social de forma acelerada e intensa, e a midiaticização da religião permite novas concepções sobre religiosidades, cabe atentar o olhar para o avanço tecnológico e os dispositivos que permitem uma comunicação entre a instituição/líder religioso e os fiéis e não praticantes nesses ambientes virtuais. É no contexto de avanço tecnológico e a inserção em ambientes virtuais na internet por parte das igrejas católicas que Sbardelotto (2014) aborda sobre uma “midiaticização digital da religião”. No entendimento do autor, esse termo designa o

surgimento de uma “religião pública” que desloca o papel centralizador das instituições eclesiais no estabelecimento das práticas e crenças e, principalmente, na configuração do culto. Esse deslocamento ocorre devido a experimentação religiosa que viabiliza o reconhecimento de um poder simbólico compartilhado socialmente. Consequentemente, o fiel obtém certa autonomia em realizar sua religiosidade sem ligação estrita às organizações religiosas.

Por acompanhar o surgimento de novas tecnologias intensificadas pelo capitalismo e por seguir o movimento dos fiéis, as instituições religiosas buscam sua inserção em novos espaços midiáticos como, por exemplo, a internet. Feitosa (2014) afirma que as igrejas católicas ao utilizarem desse novo formato de comunicação buscam reencontrar as “ovelhas perdidas”. O mesmo ocorre com a religiosidade na qual a religião Umbanda é submetida no canal de Alan Barbieri no Youtube. Percebemos que o sacerdote não apenas proporciona uma experiência aos espectadores ao utilizar-se do espaço midiático do Youtube para divulgar seus conhecimentos teológicos e ritualísticos, mas, também, complementa com a imersão em outros ambientes virtuais. Como exemplo, os seus sites “Estudar em Casa” e “Comunidade Alan Barbieri”.

Se, anteriormente, o fiel necessitava da relação face a face para aprender conhecimentos teológicos e tendo que se deslocar de sua casa para realizar suas práticas ritualísticas dentro de um ambiente sagrado. Se antes, era necessário que o fiel participasse da hierarquia religiosa umbandista, em que o convívio se faz presente através dos cargos e suas funções dentro de um terreiro para poder sentir-se pertencente a doutrina religiosa. Se antes, para ter uma guia ou uma proteção o fiel precisaria ir até uma terreira para obter tais itens. Agora é o ambiente sagrado que se transmuta perante o fiel através da tela do celular ou do computador para oferecer-lhe tais possibilidades vistas no canal do Youtube de Barbieri.

A partir da análise dos vídeos - “Proteção contra demanda” (2016) e “Guias e Brajás na Umbanda” (2017) - produzidos por Barbieri percebemos que ele possibilita aos seus espectadores-usuários os conhecimentos teológicos e ritualísticos sem a exigência deles frequentarem uma terreira para poder obter tais aprendizados. Ele adota o “tutorial ritualístico” para ilustrar como fazer na prática a ritualística e a “teologia umbandista” para compartilhar conhecimentos teológicos e ritualísticos pertencentes à religião Umbanda. Ao usufruir-se de dispositivos tecnológicos que conectam-se à internet, o sacerdote cede aos seus públicos, por meio de seus vídeos, conhecimentos semelhantes que um umbandista teria ao comparecer em um espaço físico como a terreira.

Esses movimentos feitos pelo sacerdote com os seus fiéis e não praticantes e seus diversos ambientes digitais refletem uma mediação ao sagrado. Como explica Sbardelotto (2012), existe uma interposição da técnica manifestada por meio da interação entre o fiel e os sites religiosos através de uma tela presente nos computadores, celular, leitores digitais e afins. É por meio delas que a interação, organização, percepção e expressão do religioso possibilita que a midiatização da religião transforma-se em um poderoso motor de orientação social e cultural que nasce dessa interface multiforme, originando um “meio” múltiplo e mutante (SBARDELOTTO, 2014). Um fenômeno terceiro que, para Sbardelotto (2014), emerge do espaço comunicacional entre processos sociotécnicos (mídias) e processos sociotranscendentais (religião).

O autor entende que esse meio oportuniza uma interação maior de pessoas e de diversas culturas, ampliando as distâncias territoriais e reduzindo o tempo. Uma vez que, anteriormente era necessário ir até um ambiente sagrado (igreja, templo, centro e outros) para compartilhar conhecimentos teológicos com o padre/sacerdote/líder religioso e os fiéis e não praticantes. Agora, nas mídias sociais digitais é viável a comunicação entre milhares de sujeitos em um curto intervalo de tempo. Justamente, porque elas interligam o fiel, a religião e as instituições religiosas e, neste caso, a figura de Barbieri como líder religioso de Umbanda. Percebemos as mídias sociais digitais como “quaisquer tecnologias ou práticas on-line que permitem o compartilhamento de conteúdo, opiniões, ideias, experiências e mídias, possibilitando conversações sobre o que é relevante” CORRÊA (2009, p. 164). Essa comunicação que expande distâncias e reduz o período de tempo entre Barbieri, os fiéis e não praticantes é vislumbrada nos vídeos analisados nesta pesquisa.

No vídeo “Proteção Contra Demanda” (2016), o líder religioso não apenas explicita saberes da religião Umbanda, que só poderiam ser aprendidos em uma terreira, como também ressignifica a própria prática ritualística ao permitir que os espectadores-usuários veiculem aquela “firmeza” aos Orixás. Mesmo que nas palavras do sacerdote, num primeiro momento, aquela prática não esteja ligada a nenhum Orixá ou Entidade. Ao divulgar esse conhecimento umbandista, Barbieri possibilita a prática ritualística em montar uma “proteção”, pertencente à doutrina umbandista, no formato tutorial. Agregando ao espectador-usuário, uma autonomia concedida pelo líder religioso aos seus públicos que podem realizar tal ritualidade no tempo que quiserem, no local que quiserem e remetendo aos deuses que os convêm, sem a necessidade do convívio em um espaço sagrado e participativo como a terreira. Logo, o espectador-usuário não só goza de autonomia como é estimulado a reconfigurar os aspectos comunicacionais da religião.

Além disso, no vídeo “Guias e Brajás da Umbanda” (2017), Barbieri em suas falas permite que àquelas pessoas que não participam de um terreiro ou não são pertencentes à religião Umbanda, mas que possuem interesse em ter uma guia de proteção, possam comprar uma ou confeccioná-la por conta própria. Ao mesmo tempo que o sacerdote circunscreve a função das guias na prática religiosa umbandista, ele também expande e modifica a utilização delas, dando novos contextos de aplicabilidade, como usá-las embaixo do travesseiro ou no pulso. Ilustrando uma possível tentativa de “chamar” novos públicos para o seu canal no Youtube.

Essas reconstruções de formas de fazer e de pensar religião que são instigados pela midiaticização da religião e que, com o avanço do capitalismo e da tecnologia, agora surgem em um espaço midiático cercado pelos dispositivos tecnológicos conectados à internet como computadores, smartphones, tablets e leitores digitais, possibilita a emergência de uma religiosidade on-line. O debate sobre este conceito é recente e deve ser observado por diversas óticas de estudo (FEITOSA, 2014). Ademais, a “religiosidade on-line” tem a capacidade de transformar o caráter da religião sendo tanto o sinal quanto o produto de mudança (BASHER, 2004). Até porque ao permitir que o fiel possa perpetuar sua fé de forma virtual, ela posiciona-se como um sinal dos avanços de dispositivos tecnológicos que são intensificados por uma sociedade em vias de midiaticização. E, ao mesmo tempo, o produto da mudança, pois ela auxilia na comunicação entre fiéis e as doutrinas religiosas sem limitar-se ao contexto de espaço físico.

A religiosidade on-line não pode ser compreendida como algo à parte e, sim, vislumbrar que ela está “em conexão com as dinâmicas e transformações globais da religião e da religiosidade na sociedade contemporânea em geral” (HØJSGAARD, 2005, p. 61, tradução do autor apud SBARDELOTTO, 2012b, p. 33). É de encontro com essas ideias que apreendemos a “religiosidade on-line” como o movimento de ressignificação e reconfiguração de vivências, de experiências e da relação profética com uma determinada doutrina religiosa em um ambiente digital. Por meio dessa ambiência virtualizada, o fiel vive uma nova forma de praticar suas rezas, preces, orações, pedidos e agradecimentos (SBARDELOTTO, 2014; SANTANA, 2021 e 2021b). E, no caso da Umbanda, a troca de conhecimentos e práticas doutrinárias, que antes ocorriam na comunicação face a face no espaço físico (terreiro), passa a ser tencionada pelas transformações tecnológicas de uma sociedade em midiaticização. Portanto, compreendemos que a “religiosidade on-line” é provocada pela midiaticização da religião. Neste estudo, relatamos sobre a midiaticização da Umbanda que é chamada de forma metafórica de “Umbanda Midiaticizada” por Santana (2021, p.109) e ilustra o processo de um

religião de doutrina umbandista que “fragmenta-se para também surgir para o espectador, no espaço virtual e acaba por reconfigurar aspectos comunicacionais e basilares da religião”.

Por viabilizar o espaço midiático do Youtube como uma forma de compartilhamento de conhecimentos teológicos e ritualísticos e, ainda, acrescentar outras formas de interação do fiel e do não praticante com a religião Umbanda por meio de sites (Estudar em Casa e Comunidade Alan Barbieri) que entendemos que Barbieri possibilita aos espectadores-usuários uma emergência da religiosidade on-line. Os elementos característicos que marcam esse fenômeno são 1) a reconfiguração do ambiente sagrado em que os conhecimentos teológicos e ritualísticos deixam de estarem restritos às limitações de um espaço físico e passam a perpetuar-se em espaços midiáticos, 2) a ressignificação de práticas ritualísticas, dando a elas novas formas de confecção e novos significados às experiências e a relação profética com determinada religião e 3) a autonomia dos indivíduos que podem apropriarem-se de tais conhecimentos teológicos e realizarem as práticas ritualísticas em qualquer ambiente, reconfigurando os aspectos comunicacionais da religião.

Entretanto, refletimos possíveis fatores limitadores dessa prática como a falta do convívio físico com outros praticantes da doutrina religiosa que impossibilita a troca de conhecimentos, informações, vivências e experiências de forma face a face. Isso dificulta uma experiência religiosa completa, na qual, por não ter uma territorialidade física, não há cargos e funções específicas para esses fiéis e não-praticantes que poderiam sentir-se mais pertencentes à religião. Portanto, uma vivência limitada do ponto de vista de trocas afetivas. Outro fator restritivo é que, por ser uma religiosidade on-line, tanto o fiel quanto o não-praticante encontram-se dependentes de dispositivos tecnológicos e do acesso à internet para adquirirem novos conhecimentos teológicos e ritualísticos.

Ao olharmos para a religiosidade on-line na doutrina umbandista podemos identificar que o espectador-usuário não terá de forma completa o processo de comunicação na Umbanda composta pela Entidade, Médiun e Consulente (SANTANA, 2021b). Por não poder vivenciar de forma on-line esse processo de comunicação na Umbanda, o espectador-usuário não irá vislumbrar o principal fundamento da Umbanda: o espírito em prol da caridade (CUMINO, 2019). Pois, como explica Santana (2021b), para que ocorra a prática da caridade por parte do espírito é necessário que haja a incorporação da Entidade que, no corpo do médium, realiza os atendimentos aos consulentes. Para haver a incorporação é necessário que o praticante umbandista realize seu desenvolvimento mediúnico dentro de uma terreira, não havendo isso, o espectador-usuário não experimenta a incorporação. E, conseqüentemente, não ocorrerá o

atendimento aos consulentes que podem ser não-praticantes mas, sujeitos interessados na doutrina umbandista.

Consequentemente, a religiosidade on-line na religião Umbanda impossibilita duas experimentações significativas tanto para os fiéis e não praticantes: a) o espírito em prol da prática da caridade e b) a incorporação da Entidade. Como sinaliza Santana (2021b), mesmo que o fiel assista a sessões e giras de forma on-line, não há o mesmo desempenho e completude sem a tríade Entidade-Médium-Consulente, pois o processo comunicacional rompe-se por não haver o espírito e o atendimento ao consulente, desviando do principal fundamento da Umbanda.

Apesar das limitações da religiosidade on-line, tanto nas demais religiões quanto na Umbanda, ela possibilita novas formas de pensar e de fazer religião, pois alia-se aos dispositivos tecnológicos e aos novos formatos de comunicação intensificados pela midiatização da religião. A condução de novas formas de comunicação, aliada aos avanços das ferramentas tecnológicas, ao mesmo tempo que exacerba-se, aumenta a demanda dos fiéis por novos saberes (TEIXEIRA FILHO; AZEVEDO JUNIOR, 2020). Essa exigência de novos conteúdos por parte dos fiéis e não praticantes intensificam a necessidade das organizações religiosas em responderem estrategicamente, de forma coerente ao tempo, ao espaço e os sujeitos envolvidos, os seus “consumidores” (TEIXEIRA FILHO; AZEVEDO JÚNIOR, 2020). Esse cenário complexo é consequência, também, da midiatização da religião que é atravessada pela sociedade em vias de midiatização. Nessa sociedade ocorre a modificação dos processos sócio-técnico-discursivos de produção, de circulação e de recepção de mensagens (FAUSTO NETO, 2009). Cabe aqui, realizar uma reflexão sobre os papéis do emissor e receptor.

Não podemos enxergar de forma exclusivista o papel do emissor, mas, também, apreender o receptor como agente ativo no processo comunicacional (LEMES, 2017). Como salienta Ferreira (2011), não existe um fim no ofício do emissor e receptor mas, sim, o revezamento dessas funções. Se antes, o receptor era fadado ao lugar de “público-consumidor”, hoje ele é “produtor-consumidor” e o emissor torna-se “consumidor-produtor”.

Num jogo de troca e reconhecimento de novos papéis de emissor e receptor em uma sociedade em vias de midiatização que, verifica-se a ressignificação e complexificação desses dois personagens e as mídias acabam dividindo o espaço interacional nos campos sociais (FAUSTO NETO, 2010). A consequência disso são novos cenários que geram novas formas de discursos e sentidos (FAUSTO NETO, 2010). Essas trocas de papéis e tais formas de

discursos e sentidos são vistos nas “caixas de comentários” feitos por espectadores-usuários no canal de Barbieri no Youtube, na qual eles intensificam o diálogo através de dúvidas, relatos de experiências pessoais mediúnicas e, ainda, sugerem novas temáticas para conteúdo.

Como resultado das análises das 19 mensagens, identificamos 12 comentários que mostram os espectadores-usuários agradecendo o conteúdo divulgado pelo sacerdote, dando feedbacks sobre a produção do vídeo para o produtor-amador (Barbieri). Em oito comentários, eles sanam dúvidas sobre especificidades da religião Umbanda que vão desde os itens utilizados na ritualística (formas de usar o charuto, por exemplo) até as condutas doutrinas da Umbanda (se a religião pratica o mal) e questionamentos sobre mediunidade (acordar às 3 horas da manhã). Tal como, também identificamos comentários em que o uso de elementos ritualísticos são ressignificados, como por exemplo o uso da guia no pulso e embaixo do travesseiro. Sendo que, a forma tradicional de utilizar o elemento ritualístico é no pescoço.

Além do mais, os espectadores-usuários em sete comentários compartilharam relatos sobre seus sofrimentos pessoais causados pela depressão, ansiedade, angústia e alguns mediúnicos, como receber uma demanda. Em alguns casos, os espectadores-usuários utilizaram da “caixa de comentários” como um espaço para a quebra de alguns pré-conceitos e preconceitos sobre a religião Umbanda. Para além desse cenário, em seis comentários, os espectadores-usuários sugerem novas temáticas de formatos de conteúdo como teoria sobre ogãs, como ver e escutar Entidades, sementes específicas para compor uma guia ou brajá e outros temas

Essa movimentação de sugerir novas temáticas para o canal de Alan Barbieri no Youtube através do processo coletivo entre os espectadores-usuários e o líder religioso e, ainda, o fomento dessa interação sociodiscursiva vai de encontro com a ideia da “circulação de fluxo adiante” (BRAGA, 2012). Esse conceito adotado por Rosa (2012) é utilizado para determinar um processo de autonomia da circulação onde “cada vez mais os atores individuais são co-produtores dos discursos e geradores de sentidos” (ROSA, 2012, p. 77). Logo, o espectador-usuário não se restringe apenas como um “espectador”, um “consumidor” de forma passiva. Ao contrário, ele exerce um papel como co-produtor de discurso.

Entendemos a circulação como um dispositivo organizador da comunicação que dá forma, através de um processo coletivo, às ações comunicativas e as práticas sociais (SBARDELLOTTO, 2016). Ademais, nesse processo coletivo os saberes-fazer-dizeres começam a circular por meio de intersecções realizadas por diversos agentes que acabam, reconstruindo intersubjetivamente os sentidos, seguindo determinadas lógicas e dinâmicas do

processo comunicacional (SBARDELOTTO, 2016). Sendo assim, a circulação das reações dos espectadores-usuários nas “caixas de comentários” no canal do Alan Barbieri no Youtube parecem revelar um processo coletivo de coprodução e geração de sentidos frente aos conhecimentos teológicos e ritualísticos divulgados pelo líder religioso e debatidos pelos espectadores-usuários nos comentários.

Através da análise geral dos vídeos que constituem o corpus da pesquisa e dos comentários categorizados como “práticas de uma religiosidade on-line” e “elogios”, concluímos que há a presença de indícios de uma apropriação dos conhecimentos teológicos e ritualísticos da Umbanda pelos espectadores-usuários. Nos comentários pertencentes às categorias citadas anteriormente, percebemos que a apropriação dos conhecimentos ocorrem através de três ações: a) o ato dos espectadores-usuários em praticar a ritualística on-line, b) o ato de consumir o conteúdo religioso publicado no canal do produtor-amador (Barbieri) e c) no compartilhamento dos vídeos em redes sociais, como Whatsapp. Nos comentários do primeiro vídeo, os usuários não apenas afirmam que realizaram a prática ritualística como retornavam nas “caixas de comentários” para dar feedbacks sobre a “firmeza”. Esse ensinamento diferencia-se pois é desvinculado de obrigatoriedades por parte dos espectadores-usuários frente à doutrina umbandista. Portanto, a prática ritualística pode ser feita em qualquer lugar sem a necessidade de estar em um espaço sagrado e, conseqüentemente, sem a exigência de que o espectador-usuário siga as normas de conduta próprias da religião Umbanda.

E nos comentários do segundo vídeo de Barbieri, os espectadores-usuários não apenas realizam indagações sobre o conteúdo pressuposto como, também, mostram que tais ensinamentos propostos por Barbieri expandem-se para outros espaços midiáticos, como o compartilhamento por parte de um espectador-usuário no Whatsapp. Além de que, os espectadores-usuários sugerem novas temáticas. Como por exemplo, a confecção de vídeos teóricos sobre os Ogãs, detalhamento sobre as sementes usadas na confecção das guias e brajás, a história da Umbanda (Usuário 18) e como ver e ouvir as Entidades (Usuário 19).

As caixas de comentários são usufruídos pelos espectadores-usuários como uma espécie de “confessionário” em que eles expressam suas dúvidas e curiosidades frente ao conteúdo apresentado e, até mesmo, suas experiências religiosas. Barbieri responde tais espectadores-usuários elucidando essas necessidades deles.

Em ambos os vídeos analisados, os espectadores-usuários demonstram que consumiram o conteúdo religioso publicado no canal do líder religioso Alan Barbieri no canal do Youtube. As mensagens que compõem a categoria “elogios” tecem impressões sobre a

oratória, a forma tranquila do sacerdote em explicar o ensinamento e o raciocínio lógico. Como por exemplo no “Proteção contra demanda” em que, Barbieri explica a funcionalidade de cada item da firmeza que está sendo elaborada e qual o período ideal para descartar esses itens. E no “Guias e Brajás da Umbanda” em que ele esclarece pré-conceitos e preconceitos perante a religião para alguns espectadores-usuários. Explicando não apenas os questionamentos sobre as guias como, também, elucidando as práticas religiosas de alguns fiéis que, na opinião do sacerdote, não podem ser confundidas com os valores da doutrina umbandista.

Esta pesquisa procurou investigar a emergência de uma religiosidade on-line que, instigada pela midiatização da religião, possibilita os conhecimentos teológicos e ritualísticos da religião Umbanda em vídeos publicados por Alan Barbieri em seu canal do Youtube. Todavia, para que haja um debate acalorado de ideais e com teor teórico robusto sobre a religiosidade on-line, tanto nas doutrinas umbandistas como em outras vertentes, torna-se necessário o fomento às pesquisas e a aplicação de tal temática em trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e artigos científicos. Por isso, sugerimos que estudiosos e pesquisadores da área da comunicação social apliquem o estudo da religiosidade on-line e da midiatização da religião para outros espaços midiáticos além do Youtube e definam demais objetos de análise. Por exemplo, o estudo da religiosidade on-line em *lives* do Instagram e nas publicações de usuários do Facebook e, até mesmo, a análise dos conteúdos compartilhados em aplicativos de mensagens como Whatsapp e Telegram. Assim, a teorização da religiosidade on-line não limita-se e a diversidade de óticas de estudos frente ao tema estarão presentes.

CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho estudamos a religiosidade on-line que emerge a partir dos vídeos produzidos pelo sacerdote umbandista Alan Barbieri em seu canal no Youtube. Tendo em vista que, a religiosidade on-line é um fenômeno instigado pela midiatização da religião. Assim, ao final desta etapa, são retomadas as questões levantadas pelo estudo, considerando as discussões tecidas nos capítulos que apoiam a resolução da pergunta-problema da pesquisa, bem como retomar os principais resultados obtidos na análise dos vídeos que compõem a pesquisa empírica. Por meio da interpretação, relacionamos esses conhecimentos teóricos com os resultados obtidos na análise dos vídeos que compõem a pesquisa empírica.

No intuito de trazer conceitos e entendimentos que apoiam o debate provocado pela pergunta problema desta pesquisa, o capítulo dois versou sobre “A Umbanda: uma religião brasileira”. Para isso, trouxemos os conceitos de religião e religiosidade (BARROS, 2011; BELLOTTI, 2004; FEITOSA, 2014; SBARDELOTTO, 2018 e WILGES, 1994). Em seguida, discutimos sobre a origem da religião Umbanda e sua matriz religiosa (CUMINO, 2019; JARDIM, 2017 e JUNIOR, 2014). A Umbanda é definida como a manifestação do espírito em prol da prática da caridade (CAPELLI, 2017; CUMINO, 2019; JUNIOR, 2017; ROHDE, 2010; SOUZA, 1933). Contudo, a dificuldade em definir um único conceito para a Umbanda é vista em outros autores (CUMINO, 2019; CONCONE, 1987; NEGRÃO, 1996 e ZESPO, 1946) que atribuem a ela diversas conceitualizações. Neste trabalho entendemos a Umbanda como uma religião que possui fundamentos e teologia própria, além de hierarquia e sacramentos (JUNIOR, 2014). Precisamente porque as especificidades da Umbanda, seja em sua doutrina ou em suas práticas ritualísticas, tornam-a portadora de uma teologia própria por apresentar em uma só religião uma matriz religiosa diversificada (catolicismo, africanismo, kardecismo e outras).

O terceiro capítulo “A Umbanda Midiatizada” discutiu o avanço dos processos civilizatórios e a descoberta de novas formas comunicacionais e, principalmente, o advento de novos dispositivos tecnológicos que oportunizam a comunicação de forma mais interativa sem distinção de distâncias. Adotamos nesta pesquisa o enquadramento teórico de midiatização (BORELLI, 2010; FAUSTO NETO, 2004, 2009, 2010 e 2022; FERREIRA, 2011; GOMES 2016; HJARVARD, 2014; THOMPSON, 1998; SGORLA, 2014; VÉRON, 1995 e 1997). Concebemos a midiatização como processo social recorrente da intensificação da presença das tecnologias na comunicação (sejam mídias tradicionais ou digitais) que reflete em mudanças significativas nas relações entre indivíduos, gerando configurações na

cultura e na sociedade em seu todo. As afetações desse processo impactam, de diferentes formas, os diversos setores da sociedade como educação, saúde, política, religião entre outros.

É nesse momento que a “mídiação da religião” se faz presente como a articulação complexa dos sentidos, de formas, de ritualidades que acabam por reconfigurar as propostas de pensar e de fazer a religião. Ainda, recuperamos que o entendimento de “religiosidade on-line” está baseado no movimento de ressignificação e reconfiguração de vivências, de experiências e da relação profética com uma determinada doutrina religiosa em um ambiente digital. No qual, o fiel vivencia uma nova forma de praticar suas rezas, preces, orações, pedidos e agradecimentos (SBARDELOTTO, 2014; SATANA, 2021 e 2021b). Ademais, a “religiosidade on-line” tem a capacidade de transformar o caráter da religião sendo o sinal e o produto de mudança (BASHER, 2004). E, no caso da Umbanda, a troca de conhecimentos e práticas doutrinárias que antes ocorriam na comunicação face-a-face no espaço físico (terreiro) passa a ser tencionada pelas transformações tecnológicas de uma sociedade em mídiação. Forma religiosa esta que transforma a Umbanda e sua teologia doutrinária, antes fadada ao espaço sagrado (terreira), em uma circulação de fluxo contínuo (BRAGA, 2012) em ambientes virtuais e que alimentam diversas trocas entre o espectador-usuário e o produtor-amador e, também, espectadores-usuários entre si.

No capítulo quatro, apresentamos os processos metodológicos adotados nesta pesquisa e os resultados da investigação. Adotamos como metodologia a pesquisa qualitativa (BRESLER, 2007) e usufruirmos das técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 2006) e a pesquisa bibliográfica (GIL, 2002). Sobre os resultados da investigação, definimos o problema de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos.

Considerando o primeiro objetivo específico, que buscou **identificar o conteúdo apresentado por Alan Barbieri em dois vídeos disponibilizados em seu canal no Youtube**, a partir da análise dos vídeos que compõem o corpus desta pesquisa, compreendemos que o sacerdote possibilita aos seus espectadores-usuários os conhecimentos teológicos e ritualísticos da religião Umbanda, antes restritos ao ambiente da terreira, por meio dos formatos “tutorial ritualístico” e “teologia umbandista”. Barbieri recorre aos dispositivos tecnológicos conectados à internet para publicar os seus vídeos em seu canal do Youtube, assim seus públicos apreendem conhecimentos semelhantes aos praticantes que frequentam um espaço físico como a terreira

No segundo objetivo específico, que procurou **investigar as reações dos espectadores-usuários que comentam sobre os vídeos produzidos pelo Alan Barbieri em seu canal no Youtube**, identificamos que, no corpus específico desta pesquisa, a circulação

dessas reações nas “caixas de comentários” no canal do Alan Barbieri no Youtube, mostram um processo coletivo de coprodução e geração de sentidos frente aos conhecimentos teológicos e ritualísticos divulgados pelo líder religioso e debatidos pelos espectadores-usuários nos comentários.

No terceiro e último objetivo específico, que apurou **reconhecer sinais de apropriações de práticas ritualísticas e de conhecimentos teológicos da doutrina umbandistas pelos espectadores-usuários**, concluímos que os dois vídeos e os comentários categorizados como “práticas de uma religiosidade on-line” e “elogios” apresentam indícios de uma apropriação dos conhecimentos teológicos e ritualísticos da Umbanda. Nos comentários isso ocorre por meio de três ações, sendo elas: a) o ato dos espectadores-usuários em praticar a ritualística on-line, b) o ato de consumir o conteúdo religioso publicado no canal do produtor-amador Barbieri e c) no compartilhamento dos vídeos em redes sociais, como Whatsapp. E nos vídeos, os espectadores-usuários demonstram que consumiram o conteúdo religioso publicado pois tecem impressões sobre a oratória, a forma tranquila do sacerdote em explicar o ensinamento e o raciocínio lógico.

Sobre o objetivo geral, que pretendeu **reconhecer a religiosidade on-line que emerge a partir dos vídeos produzidos pelo sacerdote umbandista Alan Barbieri em seu canal no Youtube**, entendemos que Barbieri possibilita uma emergência dessa forma de religiosidade. Os elementos característicos desse fenômeno são: 1) a reconfiguração do ambiente sagrado em que os conhecimentos teológicos e ritualísticos deixam de estarem restritos às limitações de um espaço físico e passam a perpetuar-se em espaços midiáticos, 2) a ressignificação de práticas ritualísticas, dando a elas novas formas de confecção e novos significado às experiências e a relação profética com determinada religião e 3) a autonomia dos indivíduos que podem apropriarem-se de tais conhecimentos teológicos e realizarem as práticas ritualísticas em qualquer ambiente, reconfigurando os aspectos comunicacionais da religião.

Essa religiosidade on-line possui limitações como a falta de convívio com outros praticantes da doutrina religiosa, impossibilitando a troca de conhecimentos de forma face a face. Ademais, o fiel vivencia uma experiência religiosa limitada que no que refere-se a sensação de pertencimento por não haver a territorialidade de um espaço físico. E, outro fator restritivo é a dependência de dispositivos tecnológicos e do acesso à internet para adquirirem novos conhecimentos teológicos e ritualísticos, por parte dos fiéis e não praticantes. E, especificamente na doutrina umbandista, o indivíduo não tem o processo de comunicação na Umbanda composta por Entidade, Médiun e Consulente (SANTANA,

2021B). Consequentemente, por parte do fiel e não praticante da Umbanda, não ocorre a experimentação do espírito em prol da caridade e da incorporação da Entidade.

Mesmo com essas limitações, a religiosidade on-line propicia para a Umbanda e outras religiões, novas formas de pensar e de fazer a religião pois alia-se aos dispositivos tecnológicos e aos novos formatos de comunicação intensificados pela midiatização da religião. Por conta disso, salientamos a importância do fomento às pesquisas de comunicação social que possuem o propósito de problematizar a religiosidade on-line e a midiatização da religião em trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e artigos científicos. Tendo como foco os espaços midiáticos que vão além do Youtube, como as lives do Instagram e as postagens de usuários no Facebook e a análise dos conteúdos compartilhados em aplicativos de mensagens como Whatsapp e Telegram.

Essa iniciativa pode começar pelos professores de universidades federais e particulares para com os seus alunos. Assim, não há chances de enfrentarmos num futuro o desafio que esta pesquisa encontrou: a escassez de trabalhos nacionais que debatam sobre a religiosidade on-line. Ademais, provocamos todos os estudiosos da comunicação em optarem pelas religiões de matriz africana como objeto de estudo. Para que, assim, possamos debater não apenas a midiatização dessas religiões e os acontecimentos que elas acarretam nas sociedades. Mas, também, visibilizar a legitimidade de algo que essas culturas religiosas sempre mereceram: a dedicação e o empenho dentro dos estudos da academia.

REFERÊNCIAS

- ANTROPOSOFIANDO. **Diferença entre espiritualidade e religiosidade**. S.L., 2013. Disponível em: <http://www.antroposofiando.com.br/index.php?page=diferenca-espiritualidade-religiosidade>. Acesso em: 29. Jan. 2022..
- AFFDE. Quantas pessoas usam o Youtube em 2021? [Novos dados]. **AFFDE**, 22 jul. 2021. Disponível em: <https://www.affde.com/pt/youtube-users.html>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- ANDERSON, Chris. **A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- BANDEIRA, Cavalcanti. **O que é Umbanda**. 2. ed. Rio de Janeiro: Eco, 1973.
- BARBIERI, Alan. Alan Barbieri. **Youtube**, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/AlanBarbieri>. Acesso em: 27 fev. 2022.
- BARBIERI, Alan. Proteção contra demandas. **Youtube**, 5 set. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5dDXt36mvb0&ab_channel=AlanBarbieri. Acesso em: 19 mar. 2022.
- BARBIERI, Alan. Guias e brajás na Umbanda. **Youtube**, 28 jun. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Z4VZSH6PFU&t=743s>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARROS, Lineu. **O que é religiosidade?** S.L., 2011. Disponível em: <http://gpsdanet.blogspot.com.br/2011/01/o-que-e-religiosidade.html>. Acesso em: 29. Jan. 2022.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. 2 v. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. **Mídia, Religião e História Cultural**. Revista de Estudos da Religião, 2004. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/t_bellotti.htm. Acesso em: 26 fev. 2022.
- BERNARDO, André. Umbanda completa 110 anos em meio a ataques e queda no número de devotos. **BBC NEWS**, Brasil, 2 jun. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44297088#:~:text=Segundo%20dados%20do%20Censo%20de,funda%C3%A7%C3%A3o%20chega%20a%20432%20mil>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- BÍBLIA SAGRADA ONLINE. Isaías 41:9. **Bíblia Sagrada Online**, 2022. Disponível em: <https://www.bibliadocristao.com/isaias/41/9>. Acesso em: 6 mar. 2022.
- BÍBLIA ON. Os 10 mandamentos. **Bíblia On - Bíblia Sagrada Online**, 2022. Disponível em: https://www.bibliaon.com/os_10_mandamentos/. Acesso em: 6 mar. 2022.
- BORELLI, Viviane. **Mídia e religião: Entre o mundo da fé e do fiel**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: E-Papers, 2010. 198p

BRESLER, Liora. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 16, 7-16, mar. 2007. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaABEM/index.php/revistaabem/articloe/view/286/216>. Acesso em: 27 fev. 2022.

BRAGA, Lourenço. **Umbanda e Quimbanda**. 12. ed. Rio de Janeiro: Spiker, 1961.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais, in *Mediação & Mídiação*. Org.: Jeder Janotti Junior, Maria Ângela Mattos, Nilda Jacks. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. 327 p.

BRASIL. Lei Nº 12.644. Brasília, 16 de maio de 2012; 191º da Independência e 124º da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112644.htm. Acesso em: 29. Jan. 2022.

BRASIL. Constituição Federal, no artigo 5º, VI. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/revistaspge/revista2/artigo5.htm#:~:text=A%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Federal%2C%20no%20artigo,culto%20e%20as%20suas%20liturgias>. Acesso em: 28 mar. 2022.

BRITANNICA ESCOLA. Banto. **Britannica Escola**, Brasil, 2022. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/banto/487818>. Acesso em: 20 fev. 2022.

BROWN, Diana. **Umbanda e política**, Rio de Janeiro, Editora: Marco Zero, 1985.

CABRAL, Karina. Umbanda: Uma ode à fé e aos Orixás. **O Livre**, Matro Grosso, 4 fev. 2018. Disponível em: <https://olivre.com.br/umbanda-uma-ode-a-fe-e-aos-orixas>. Acesso em: 07 fev. 2022.

CABRAL, Gabriela. Candomblé. **Brasil Escola**, Brasil, s.d. Disponível em: <https://brasilescuela.uol.com.br/religiao/candomble.htm>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Bras Enferm**, Brasília (DF), 2004, set/out; 57(5), p. 611-614.

CAPELLI, Carolina. **Entre a lousa e o altar: a inserção da Magia Divina de Rubens Saraceni nos terreiros de umbanda no estado de São Paulo**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de São Carlos, 2017, 147f. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8817/DissCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CARNEIRO, Edison. **Religiões negras: notas de etnographia religiosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

COMERCIAL RECORD TV. Fala que eu te escuto. Comercial Record Tv, 2022. Disponível em: <http://comercial.recordtv.com.br/programacao-nacional/fala-que-eu-te-escuto/informacoes-de-midia/>. Acesso em: 13 mar. 2022.

COMUNIDADE ALAN BARBIERI. Homepage. Comunidade Alan Barbieri, 2022. Disponível em: <https://alanbarbieri.com.br/>. Acesso em: 15 mar. 2022

CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. **Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: FFLCH/USP-CER, 1987.

CORDEIRO, Tiago. Os sacrifícios de animais nas religiões afro-brasileiras. **Superinteressante**, Brasil, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/os-sacrificios-de-animais-nas-religoes-afrobrasileiras/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CORRÊA, Elizabeth Saad. A Comunicação Digital nas organizações: tendências e transformações. **Organicom**, v. 6, n. 10-11, p. 161-167, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/download/139020/134368/270094>. Acesso em: 4 abr. 2022.

CORUJA, P. Público: a audiência performática em caixas de comentários no YouTube. **RuMoRes**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 309-333, 2020. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2020.170098. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/170098>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2019.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2015.

CUMINO, Alexandre. O “Passe Espírita” e o “Passe Umbandista”. In: *Espiritualidade e Sociedade*, s.d. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C_autores/CUMINO_Alexandre_tit_Passe_espirit_a_e_o_passe_umbandista-O.htm. Acesso em: 28 mar. 2022.

CUNHA, Magali do Nascimento. Interseções e interações entre mídia, religião e mercado: um objeto dinâmico e instigante. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, nº 34, p. 284-289, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n34p284>. Acesso em: 23 fev. 2022.

DIAS, Fabiane. Candomblé. **Educa Mais Brasil**, Brasil, 04 dez. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/candomble>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

ESTUDAR EM CASA. Cursos. **Estudar em Casa**, Brasil, 2022. Disponível em: <https://estudaremcasa.com.br/cursos/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

FAUSTO NETO, A. A Igreja doméstica: estratégias televisivas de construção de novas religiosidades. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, nº 7, 2004, p. 3.

FAUSTO NETO, A. “A midiaticização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim”. In: *Midiaticização: um modo de ser em rede comunicacional*. **IHU On-line Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, nº 289, 2009, p.16. Disponível em:

<https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao289.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2022.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas, in FAUSTO NETO, Antonio e VALDETTARO, Sandra (orgs.) **Mediatización, sociedade y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosario: Universidad Nacional de Rosario, 2010.

FAUSTO NETO, Antonio. As bordas da circulação. **Alceu**. Rio de Janeiro, v. 10, n.20, p. 55-69, jan./jun. 2010.

FEITOSA, Carla Valéria da Costa. **Religiosidade on-line: entre a produção da fé e o olhar estético**. Universidade Tuiuti do Paraná. Dissertação, p. 139, 2014.

FERREIRA, Jairo. As instituições e os indivíduos no ambiente das circulações emergentes. IN: MARCHIORI, MARLENE. **Faces of organizational culture and communication**. 2011.

FILHO, Clóvis Teixeira; JUNIOR, Aryovaldo De Castro Azevedo. A midiatização da Umbanda: uma análise sobre a religião nos conteúdos audiovisuais mais consumidos digitalmente. **C&S**, São Bernado dos Campos, v. 42, nº 1, p. 163-191, jan./abr. 2020 Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/download/9081/7297>. Acesso em: 23 fev. 2022.

FILHO, Clóvis Teixeira; JUNIOR, Aryovaldo De Castro Azevedo. Umbanda midiatizada: entre consumo, músicas e experiências pessoais. In: CAMARGO, Hertz Wendel de (org). **Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas**. Syntagma Editores, 2019, p. 212 - 233.

FOLHAPRESS. Umbanda e candomblé se adaptam ao mundo digital. **Folha de São Paulo**, Brasil, 22 set. 2021. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1714456077467493-umbanda-e-candomble-se-adaptam-ao-mundo-digital>. Acesso em: 29 mar. 2022.

FLUSSER, Vilém. **Da Religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo:Escrituras Editora, 2002.

GASPARETTO, Paulo R. Midiatização da Religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. Estudo sobre a recepção da TV Canção Nova. **XIX COMPÓS**: Rio de Janeiro, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, nº 2, mai/jun/jul/ago, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22253/14176>. Acesso em: 5 mar. 2022.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

HJARVARD, Stig. A perspectiva escandinava dos estudos da midiatização: entrevista com Stig Hjarvard. In: **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**. Vol. 16, nº3, set/dez, 2014a. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.163.11/4450>. Acesso em: 5 mar. 2022.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2016.

HJARVARD, Stig. The Mediatization of Society. A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. **Nordicom Review**, vol. 29, n. 2, p. 105-134, 2008.

HØJSGAARD, Morten T. Cyber-religion: On the Cutting Edge Between the Virtual and the Real. In: **Religion and Cyberspace**. Londres: Routledge, 2005, p.50-63.

INSTAGRAM. **Pai Adérito Simões - Umbanda**. Instagram, Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/aderitosimoes/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

INSTAGRAM. Alan Barbieri. Instagram, Brasil, 2022b. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CLuDDRtBg_9/. Acesso em: 27 fev. 2022.

JARDIM, Tatiana. Umbanda: história, cultura e resistência. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

JUNIOR, Ademir Barbosa. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

JUNTOS PELA VIDA. Vela Virtual. **Portal Juntos Pela Vida**, Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.pelavida.redevida.com.br/vela-virtual>. Acesso em: 24 fev. 2022.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

LEMES, Eduarda Schneider. **A midiatização manifesta na comunicação entre adolescentes: condições interacionais da aprendizagem para uma sociedade em midiatização**. Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio do Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2017. 150 f. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6544>. Acesso em: 5 mar. 2022.

MANOEL, Ivan Ap. **História, Religião e Religiosidade**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/03%20Ivan%20Ap.%20Manoel.pdf>. Acesso em: 29. Jan. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Midiatização da religião e estudos culturais: uma leitura de Stuart Hall. **Matrizes**, V. 10, nº 3, set/dez, 2016. São Paulo - Brasil. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/124655/121884/236753>. Acesso em: 23 fev. 2022.

MORAES, ROQUE. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, nº 37, p. 7-32, 1999. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 13 mar. 2022.

MORETTI, Juliene. Com novos terreiros, Umbanda ganha público diverso em São Paulo. **Veja São Paulo**, São Paulo, 20 fev. 2020. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/com-novos-terreiros-umbanda-ganha-publico-diverso-em-sao-paulo/>. Acesso em: 10 out. 2020.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada**. São Paulo: Edusp, 1996.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira**. Limeira, SP: Editora Conhecimento, 2008.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. 2a edição. 2a reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ORTIZ, Renato. **A consciência fragmentada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

OXALÁ, Pai Paulo de. A influência bantu na língua e na cultura do Brasil. **Extra**, Brasil, 31 ago. 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/a-influencia-bantu-na-lingua-na-cultura-do-brasil-23026630.html>. Acesso em: 20 fev. 2022.

PESSOA, José Álvares. **Umbanda religião do Brasil**. São Paulo: Obelisco, 1970.

PINTO, Fernanda Bellini. **Estratégias de comunicação organizacional digital para vídeos no youtube a partir da perspectiva da agência Cuentos Y Circo**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Relações Públicas, Porto Alegre, BR-RS, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/200455>. Acesso em: 27 fev. 2022.

PINTO, Tancredo da Silva. **A origem da Umbanda**. Rio de Janeiro: Espiritualista, 1970.

PINTO, Tancredo da Silva. **O Eró da Umbanda**. Rio de Janeiro: Eco, [s.d].

PORTAL TERRA. Estudos de mercado apontam crescimento do Youtube em 2021. **Portal Terra**, 6 abr. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/estudos-de-mercado-apontam-crescimento-do-youtube-em-2021,cda9cab6d12b434176392e93b76c62c1xx9zn1yf.html>. Acesso em: 20 mar. 2022.

PRANDI, Reginaldo. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **Revista USP**, São Paulo, nº46, p. 52-65, junho/agosto, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/32879/35450/38437>. Acesso em: 28 mar. 2022.

PUFF, Jefferson. Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?. **BBC NEWS**, Brasil, 21 jan. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_j_p_rm. Acesso em: 28 mar. 2022.

ROHDE, Bruno Faria. A Umbanda tem fundamento, e é preciso preparar: abertura e movimento no universo umbandista. Dissertação (mestrado), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2010. 154 f. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8977/1/Bruno%20Faria%20Rohde.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ROSA, Ana Paula da. **Imagens-totens: a fixação de símbolos nos processos de midiaticização**. 2012. 360 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo.

ROSSINI, Miriam de Souza; RENNER, Aline Gabrielle. **Nova cultura visual? Netflix e a mudança no processo de produção, distribuição e consumo do audiovisual**. 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/129873>. Acesso em: 09 abr. 2019.

SANTANA, Maurício Ferreira. Giras on-line: Umbanda reconfigurada. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 28. n. 55, jan. / jun. 2021, p. 109-121.

SANTANA, Maurício Ferreira. Emulação da Liturgia Umbandista nas Giras Online. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v.10, nº1, edição de Julho de 2021b. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4501>. Acesso em: 23 fev. 2022.

SARACENI, Rubens. **Umbanda Sagrada: religião, ciência, magia e mistério**. São Paulo: Madras, 2001.

SARACENI, Rubens. **Código de Umbanda**. São Paulo: Ed. Madras, 2006.

SARACENI, Rubens. Os arquétipos da Umbanda: as hierarquias espirituais dos orixás. São Paulo: Madras, 2018.

SBARDELOTTO, Moisés. Religião pública: desdobramentos da midiaticização da religião na cultura digital. *Tear Online*, São Leopoldo, v.3, nº 1, p. 73-86, jan./jun. 2014.

SBARDELOTTO, Moisés. Entre o social e a técnica: os processos midiaticizados do fenômeno religioso contemporâneo. **Revista Ação Midiática**. v. 2, n. 1, p. 1-16, 2012.

SBARDELOTTO, Moisés. Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: estudos sobre religião e internet. **Cadernos Teologia Pública**, ano IX, nº 70. 2012b. Universidade do Vale dos Sinos, Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/070cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2022.

SBARDELOTTO, Moisés. O “leigo-amador” no contexto da midiaticização digital e circulação do “religioso” na internet. In: FLICHY, P.; FERREIRA, J.; AMARAL, A. (Org.). **Redes digitais: um mundo para os amadores. Novas relações entre mediadores, mediações e midiaticizações**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016. Disponível em: <https://www.ufsm.br/editoras/facos/redes-digitais/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SIMÕES, Adérito. Assinantes. **Portal Adérito Simões - Liberdade Espiritual**, Brasil, 2022. Disponível em: <https://aderitosimoes.eadbox.com/categorias/assinantes-1>. Acesso em: 27 fev. 2022.

SGORLA, Fabiane; PEDROSO, Daniel. A perspectiva escandinava dos estudos da midiaticização: entrevista com Stig Hjarvard. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**. Vol. 16, nº3, set/dez, 2014. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.163.11/4450>. Acesso em: 5 mar. 2022.

SGORLA, Fabiane. **Complexificação da zona de contato na ambiência midiaticizada: um estudo da interação do Jornal Nacional com os receptores na fan page no Facebook** / Fabiane Sgorla. – 2015. 227 f. : il. ; 30 cm.

SOUZA, Leal de. **O Espiritismo, a magia e as sete linhas de Umbanda**. Rio de Janeiro: Coletânea de reportagens para o Jornal Diário de Notícias, 1933.

SYMPLA. Palestra: Como se proteger de demandas espirituais. **Portal Sympla**, 2019. Disponível em: https://www.sympla.com.br/palestra-como-se-protoger-de-demandas-espirituais_694287. Acesso em: 19 mar. 2022.

SUA PESQUISA.COM. Bantos - quem são, línguas e onde habitam. **Suapesquisa.com**, Brasil, 02 out. 2020. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/afric/bantos.htm>. Acesso em: 20 fev. 2020.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRIGUEIRO, André. Estudo mostra que religiões de matrizes africanas foram alvo de 91% dos ataques no RJ em 2021. **G1**, Rio de Janeiro, 22 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/01/22/estudo-mostra-que-religoes-de-matrizes-africanas-foram-alvo-de-91percent-dos-ataques-no-rj-em-2021.ghtml>. Acesso em: 28 mar. 2022

VALENTINA, Tamara. Aprenda sobre o congá - o altar umbandista. Blog Tamara Valentina, 5 jun. 2017. Disponível em: <https://tamaravalentinablog.wordpress.com/2017/06/05/aprenda-sobre-o-conga-o-altar-umbandista/>. Acesso em: 07. fev. 2022.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiaticização: uma perspectiva socioantropológica e algumas de suas consequências. **Revista Matrizes**, São Paulo - Brasil, v. 8, nº 1, jan/jun, 2014. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111629.pdf. Acesso em: 5 mar. 2022.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Revista Diálogos**: Lima: FELAFACS, nº 48, 1997.

WERNECK, Carine Lopes Lourenço; CRUZ, Eduardo Picanço. O uso do Youtube como ferramenta de marketing: estudo de caso da imobiliária tecnisa. **RPCA**, Rio de Janeiro, vº 3. Nº 3. Set/Dez, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11075>. Acesso em: 20 mar. 2022.

WIKIPÉDIA. Iorubás. **Wikipédia, a enciclopédia livre**, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iorub%C3%A1s>. Acesso em: 20 fev. 2022.

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa: as religiões no mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ZESPO, Emanuel. **Codificação da lei da Umbanda**. 2. ed. Rio de Janeiro: Espiritualista, 1960.